

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES (FCA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)**

SARA ESPÍRITO SANTO DE PAULA

**Educomunicação ambiental: o enfrentamento da emergência climática no
Quilombo Mata Cavallo pela perspectiva freireana**

**Cuiabá – MT
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES (FCA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)**

SARA ESPÍRITO SANTO DE PAULA

**Educomunicação ambiental: o enfrentamento da emergência climática no Quilombo
Mata Cavalo pela perspectiva freireana**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestra em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal do Mato Grosso, na Linha de “Estética e Narrativas”.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Cury Luiz

**Cuiabá – MT
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

P324e Paula, Sara Espírito Santo de.

Educomunicação ambiental [recurso eletrônico] : o enfrentamento da emergência climática no quilombo Mata Cavalo pela perspectiva freireana / Sara Espírito Santo de Paula. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 124 f., il. color., pdf). -- 2024.

Orientador: Thiago Cury Luiz.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cuiabá, 2024.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Educomunicação. 2. Educação Ambiental Popular. 3. Emergência climática. 4. Sustentabilidade. I. Luiz, Thiago Cury, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Educomunicação ambiental: o enfrentamento da emergência climática no Quilombo Mata Cavalo pela perspectiva freireana.

AUTORA: MESTRANDA SARA ESPÍRITO SANTO DE PAULA

Dissertação defendida e aprovada em 29 de outubro de 2024.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Professor Doutor Thiago Cury Luiz (Presidente da Banca/Orientador/PPGCOM)
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
2. Professora Doutora Pâmela Saunders Uchôa Craveiro (Examinadora Interna/PPGCOM)
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
3. Professora Doutora Déborah Luiza Moreira Santana Santos (Examinadora Externa/UFMT/IE)
INSTITUIÇÃO: Secretaria de Estado de Educação (Seduc-MT)
4. Professora Doutora Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini (Examinadora Suplente/PPGCOM)
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

CUIABÁ, 29 DE OUTUBRO DE 2024.



Documento assinado eletronicamente por **THIAGO CURY LUIZ, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 29/10/2024, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Deborah Luiza Moreira Santana Santos, Usuário Externo**, em 30/10/2024, às 17:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

MESTRADO - Folha de Aprovação 7291851

SEI 23108.070137/2024-12 / pg. 1



Documento assinado eletronicamente por **PAMELA SAUNDERS UCHOA CRAVEIRO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 07/11/2024, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7291851** e o código CRC **6934F977**.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que é a minha maior inspiração nesta vida, mais do que a Beyoncé! Ao mesmo tempo em que também é a minha maior fã. Eu sou muito grata a Deus pelo maior presente da minha vida, que é ter tido a oportunidade de ter sido criada pela senhora. Te amo!

Ao meu pai, um corinthiano fanático, que torce por mim mais do que pelo Corinthians!

Ao meu orientador e grande apoiador, professor Thiago Cury Luiz, que não soltou a minha mão e foi o melhor orientador que eu poderia ter neste mundo. Obrigada, professor! Se não fosse pelo seu apoio e suporte, eu não teria chegado até aqui.

À colega Emanuelle Caroline, graduanda em Jornalismo, que acompanhou as duas oficinas que realizamos no território, me apoiando durante todo o planejamento e execução desta atividade. Obrigada, Manu!

À comunidade quilombola de Mata Cavalo, professores e estudantes da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, que participaram desta pesquisa e contribuíram com toda a sua sabedoria, em especial, à professora Adriany Abreu.

Por fim, à Banca Examinadora pela disponibilidade de avaliar este trabalho e por todas as contribuições.

DEDICATÓRIA

Para os meus padrinhos Naná e Godoy [*in memorian*], para meus pais Eliane e Otamar, para o meu amor Lucas e para o meu orientador Thiago, que têm me apoiado ao longo desta jornada.

EPÍGRAFE

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade”.

[Paulo Freire, Educação como Prática da Liberdade]

“Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das suas inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha no front da criação teórico-científica”.

[Abdias Nascimento, O Quilombismo]

RESUMO

Este estudo tem por objetivo sistematizar o entendimento da comunidade escolar da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, situada na comunidade quilombola de Mata Cavalo, sobre a emergência climática, por meio da produção comunicacional genuína. A concepção metodológica da pesquisa está calcada na Cartografia do Imaginário, cujos procedimentos usados para a consecução dos objetivos têm base na pesquisa-participante. Em específico, foram desenvolvidos processos formativos no âmbito da Educação Ambiental e produção midiática com aproximadamente 20 estudantes da instituição escolar, tendo como intuito debater com a comunidade os impactos da emergência climática no quilombo, como, também, a produção de materiais educacionais a partir desse diálogo. Com isso, visando responder de que maneira a educação poderia externar a percepção e o entendimento dos estudantes a respeito da emergência climática, foram alcançados resultados positivos. Apesar da dificuldade em responder às questões ambientais, quando oferecemos as atividades, os estudantes foram levados a pensar de maneira crítica. Ao entrarem em discussão em busca de respostas para serem gravadas em vídeo, eles reconheceram os desafios enfrentados ao estudar e morar na Comunidade Quilombola. Arelado ao processo da educação, observamos que, ainda que sem oferecer nenhum guia de edição de vídeos, os grupos souberam aplicar essas funções, mesmo sem conhecimento dos termos técnicos.

Palavras-chave: Educação, Educação Ambiental Popular, Emergência Climática, Sustentabilidade.

ABSTRACT

This study aims to systematize the understanding of the school community at Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, located in the quilombola community of Mata Cavalo, about the climate emergency, through genuine communication production. The methodological conception of the research is based on the Cartography of the Imaginary, whose procedures used to achieve the objectives are based on participant research. Specifically, training processes were developed within the scope of Environmental Education and media production with approximately 20 students from the school institution, with the aim of debating with the community the impacts of the climate emergency in the quilombo, as well as the production of educommunicative materials based on this dialogue. With this, aiming to answer how educommunication could express students' perception and understanding regarding the climate emergency, positive results were achieved. Despite the difficulty in responding to environmental issues, when we offered the activities, students were led to think critically. As they entered into a discussion looking for answers to be recorded on video, they recognized the challenges faced when studying and living in the Quilombola Community. Linked to the educommunication process, we observed that, even without offering any video editing guide, the groups knew how to apply these functions, even without knowledge of the technical terms.

Keywords: Educommunication; Popular Environmental Education; Climate Emergency; Sustainability.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.....	21
Figura 2.....	55
Figura 3.....	57
Figura 4.....	58
Figura 5.....	62
Figura 6.....	65
Figura 7.....	68
Figura 8.....	71
Figura 9.....	76
Figura 10.....	78
Figura 11.....	80
Figura 12.....	82
Figura 13.....	84
Figura 14.....	88
Figura 15.....	90
Figura 16.....	93

ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
- CCST - Centro de Ciência do Sistema Terrestre
- Cemaden - Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais
- Cetic.br - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
- CNE - Conselho Nacional de Educação
- CNM - Confederação Nacional dos Municípios
- CONAQ - Coordenação Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas
- EA - Educação Ambiental
- EJA - Educação de Jovens e Adultos
- GEEs - Gases de Efeito Estufa
- GPEA - Grupo Pesquisador em Educação Ambiental
- ha - Hectares
- INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
- Inmet - Instituto Nacional de Meteorologia
- INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
- Inpe - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
- IPAM - Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia
- IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
- IQAir - Índice de Qualidade do Ar
- ISA - Instituto Socioambiental
- MEC - Ministério da Educação e Cultura
- MMA - Ministério do Meio Ambiente
- OMS - Organização Mundial de Saúde
- PcD - Pessoa com Deficiência
- PNAD TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua
- PNMC - Política Nacional de Mudança Climática
- PPGCOM - Programa de Pós-graduação em Comunicação
- PRODES - Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite
- ProNea - Programa Nacional de Educação Ambiental
- UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 O fenômeno da emergência climática.....	14
1.2 A convergência entre comunicação e educação.....	16
1.3 O paradigma da educação popular	18
1.4 Informações estruturais da pesquisa	21
2 O MEIO AMBIENTE NA ORDEM DO DIA: OS CONTRIBUTOS DA EDUCAÇÃO POPULAR E DA EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL.....	24
2.1 O conceito de “justiça climática”	25
2.2 A educação ambiental como plataforma de resistência	29
2.3 O lugar da educação popular freireana	32
2.4 A educomunicação como desdobramento da educação popular.....	40
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	44
3.1 Conceituando os métodos da pesquisa.....	44
3.1.1 <i>Cartografia do Imaginário: uma concepção metodológica.....</i>	<i>44</i>
3.1.2 <i>A pesquisa-participante como recurso de obtenção de informações.....</i>	<i>49</i>
3.2 O planejamento das oficinas	54
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	59
4.1 Oficina de cultura e meio ambiente: escrevendo em <i>post-its</i>	59
4.1.1 <i>A água no contexto do quilombo: percepções da infância, presente e futuro</i>	<i>59</i>
4.1.2 <i>A terra no contexto do quilombo: percepções da infância, presente e futuro</i>	<i>64</i>
4.1.3 <i>O fogo no contexto do quilombo: percepções da infância, presente e futuro.....</i>	<i>69</i>
4.1.4 <i>O ar no presente, passado e futuro</i>	<i>73</i>
4.1.5 <i>Cultura Quilombola</i>	<i>76</i>
4.2 Oficina de Produção de Vídeo	84
4.2.1 <i>Eixo História do Quilombo</i>	<i>84</i>
4.2.2 <i>Eixo Meio Ambiente</i>	<i>87</i>
4.2.3 <i>Eixo Cultura</i>	<i>92</i>
ANEXOS.....	102

1 INTRODUÇÃO

Antes de decolarmos para esta longa viagem, preciso me apresentar e dizer para onde pretendo levar você. Me chamo Sara de Paula, sou uma mulher negra de 29 anos, nascida e criada em Cuiabá-MT. Publicitária formada pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), atuei como Analista de Negócios Sustentáveis no Centro de Referência em Sustentabilidade do SEBRAE-MT (2021-2022), sensibilizando empreendedores para práticas sustentáveis. Hoje, na mesma instituição, como Gestora Regional de Economia Criativa, minha missão profissional é fazer dos pequenos negócios protagonistas do desenvolvimento sustentável do Brasil. Ingressei no mestrado em Comunicação na UFMT, em 2022, dedicando minha pesquisa aos impactos da emergência climática no Quilombo Mata Cavalo, localizado em Nossa Senhora do Livramento-MT.

A minha infância foi doce e amorosa das “portas para dentro” de casa. Fui uma criança desejada pelos meus pais, que sempre foram muito cuidadosos e amorosos comigo. Me motivaram e sempre foram o meu sustento para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Porém, infelizmente, ainda na infância eu percebi que eu era uma criança negra por meio do racismo. Sempre tive o tom de pele escura e os cabelos crespos. Em 1994, o ano que eu nasci, utilizar os cabelos crespos naturais era considerado antiquado, sujo e inapropriado. Quando fui crescendo e comecei a frequentar a escola, as outras crianças ridicularizavam o meu cabelo por conta da sua espessura, o que me fez me tornar uma pessoa com algumas distorções da própria imagem até hoje, na fase adulta. Mas, “da porta para dentro” eu era a princesa dos meus pais! A mais linda, a mais amada... Ter meus pais me apoiando nos bastidores me tornou uma mulher forte, capaz de enfrentar os desafios de frente e não fugir da luta! Agora a introdução parece uma extensão do texto de agradecimentos, mas não consigo falar de mim, sem falar de onde venho e de como eles me fizeram a pessoa que sou.

Mas, vamos lá, falando um pouco mais deste trabalho, o objetivo central deste estudo é valorizar o entendimento da comunidade escolar da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, localizada na comunidade quilombola Mata Cavalo, sobre a emergência climática por meio de produção comunicacional genuína. Com isso, as produções midiáticas produziram um inventário sobre o território, permitindo que sejam apresentadas as referências históricas, culturais, ambientais e dos conflitos fundiários a partir dos registros realizados pelos estudantes da instituição escolar.

1.1 O fenômeno da emergência climática

Os efeitos do colapso climático, crise hídrica e energética, plásticos como causadores da morte de animais marinhos expõe nitidamente que se faz necessário, de modo emergencial, traçar novos rumos e ações para assegurar a sustentabilidade do planeta para as futuras gerações.

São perceptíveis alguns efeitos relacionados ao fenômeno da emergência climática, provocados principalmente pela ação humana sobre o meio ambiente. Segundo dados publicados em 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a umidade relativa do ar ideal está entre 50% e 80%. Quando estão abaixo de 30%, já podemos sentir os efeitos no bem-estar, como tonturas e desconfortos.

O relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) de 2018 estima que as ações humanas causaram cerca de 1,0°C de aquecimento global acima dos níveis pré-industriais, com uma variação provável de 0,8°C a 1,2°C. Desta forma, de acordo com os dados do IPCC (2018), provavelmente o aquecimento global atinja 1,5°C entre 2030 e 2052, caso continue a aumentar no ritmo atual, atingindo a meta prevista para 2100.

O documento (2018) aponta também que os impactos da emergência climática são globais e nenhuma região do mundo ficará intocada, gerando danos econômicos e sociais para toda a humanidade, tornando mais comuns eventos climáticos extremos, tais como ondas de calor, chuvas intensas, secas e incêndios florestais associados e inundações costeiras.

De acordo com os índices climáticos globais divulgados em 2023 pela Copernicus, Programa de Observação da Terra da União Europeia, entre 2015 e 2022 foram registradas as mais altas temperaturas já existentes. De acordo com Luiz (2019, p. 60)

Tendo o aquecimento do planeta como válvula propulsora, as emergências climáticas são marcadas pela alternância, não mais demarcada no tempo, de eventos climáticos contrários. Ondas de calor que provocam secas, fortes chuvas gerando enchentes, furacões, alteração no regime de chuvas, estiagens, frentes frias fora de época compõem o receituário das transformações do clima. Desnecessário afirmar que os impactos disso são catastróficos, seja no âmbito da economia ou mais forte e lamentavelmente no que tange a sociedade.

Os índices relacionados ao desmatamento ambiental, destinação de resíduos, poluição das águas e índice de pobreza são alarmantes. Os dados do MapBiomass (2020) apontam que o Brasil possui cerca de 6% da superfície e 12% do volume de água doce do planeta, sendo esta, 2% do território nacional. No entanto, o país vem perdendo território de água, e, em 30 anos foram perdidos 3,1 milhões de hectares de superfície de água, uma redução de 15,7%.

Todos os biomas tiveram redução da superfície de água, e o mais atingido foi o bioma Pantanal. O estudo do MapBiomias (2020) relata que 57% do território do Pantanal foi queimado pelo menos uma vez entre 1985 e 2020. As áreas mais afetadas pelo fogo foram as de vegetação campestre e savanas, que correspondem a 75% do território queimado.

Segundo os dados do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM, 2022) o desmatamento anual de 2019 a 2021 foi 56,6% maior que entre 2016 e 2018 no bioma Amazônia, ultrapassando os 10 mil km². Em concordância, de acordo com os dados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), entre o período de agosto de 2021 a julho de 2022 a taxa de desmatamento Amazônia foi de 11.568 km².

Os dados de 2007 do Sumário das Mudanças de Clima projetados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e pelo Centro de Ciência do Sistema Terrestre (CCST) indica um cenário de altas emissões e impactos ambientais. Conforme o documento (2007), em um cenário pessimista, a região Centro-Oeste do Brasil apresentaria um aumento de 3 a 6°C e elevação de chuvas intensas até o final do século XXI. O documento (2007) aponta também possíveis impactos ambientais relacionados às mudanças climáticas, tais como: eventos extremos de chuvas e dias secos consecutivos, altas taxas de evaporação em dias secos consecutivos desfavorecendo a agricultura de subsistência, impactos no fornecimento de água e energia para a população, como também maior risco de incêndios florestais, principalmente nos biomas Cerrado e Pantanal.

De acordo com o boletim Monitor do Fogo do MapBiomias (2022), a área total queimada entre janeiro e dezembro de 2022, no Brasil, chegou a 16,3 milhões de ha. O boletim (2022) aponta também que os territórios mais afetados pelo fogo, em dezembro de 2022, compreendem o estado do Maranhão, com 125.946 ha, apresentando um aumento de 108% em relação ao mês do ano anterior; em seguida, o Pará com 98.016 ha; e em terceiro lugar está Roraima com 21.973 ha. O estado de Mato Grosso ocupa a 5ª posição do ranking com 19.325 ha. Já o bioma mais afetado pelo fogo, em dezembro de 2022, segundo o boletim (2022), foi a Amazônia com 234.723 ha, apresentando um aumento de 101% em relação ao mês do ano anterior. O segundo do ranking é o bioma Cerrado com 55.787 ha, seguido do bioma Pantanal com 17.984 ha.

1.2 A convergência entre comunicação e educação

O campo da Comunicação, de acordo com Braga (2011), não deve ser visto como um “campo interdisciplinar”. Segundo o autor, todos os campos do conhecimento são “interdisciplinares” pois, em alguma instância, os conhecimentos se complementam. (Braga, 2011). Já para França (2001), disciplinas são entendidas como um saber já consolidado em um campo científico tradicional. Logo, para a autora, “estudos ou campos interdisciplinares referem-se à emergência de novas temáticas que começam a ser estudadas a partir do referencial das áreas já constituídas” (França, 2001, p. 6).

França (2001) entende a interdisciplinaridade como objetos e assuntos de pesquisa que são investigados por diferentes ciências, no qual o objeto de pesquisa recebe olhares diversos sobre suas particularidades. Todavia, para Braga (2011, p. 64), discutir a temática é “perceber as articulações entre o campo da Comunicação e outras áreas – o que se espera de cada lado da interface”. O autor defende que as interfaces de uma pesquisa em comunicação, como, por exemplo, “Comunicação e Política”, “Comunicação e Educação”, “Comunicação e Cultura”, com enfoque nos objetos de pesquisa em comunicação, é o que transcende o significado de interdisciplinaridade. No entanto, de acordo com França (2001, p. 8),

A interdisciplinaridade (e/ou transdisciplinaridade) é um estado transitório – falamos de um trabalho ou estudo interdisciplinar, que é pontual, datado; também, em alguns momentos, de um campo interdisciplinar, sobre uma temática que atrai várias contribuições. Mas se este é duradouro, se o intercâmbio das tendências começa a criar frutos, se a troca começa a deitar raízes e criar tradições, ela deixa seu estado interdisciplinar e dá origem a uma nova disciplina.

Na intersecção entre Comunicação e Educação, a educomunicação possibilita um novo entendimento dos saberes que construímos, segundo Soares (2006). Conforme o autor (2006), a educomunicação promove a inovação no contexto educativo escolar, por meio do uso da tecnologia, motivando estudantes e docentes a produzirem cultura e conhecimento a partir de práticas educacionais comunicativas.

Os dados da Pesquisa TIC Educação (2019) apontam que 76% dos alunos de escolas urbanas acessam a internet mais de uma vez por dia. De acordo com a mesma pesquisa, 82% destes estudantes acessam a internet na escola para realizar atividades escolares. Por fim, o documento indica também que 56% dos alunos de escola pública utilizam o celular para realizar atividades relacionadas à escola (TIC Educação, 2019).

O Panorama de Territórios (2023) do Observatório de Educação, Ensino Médio e Gestão do Instituto Unibanco é uma plataforma que reúne informações sobre a educação pública brasileira no ensino médio, dados educacionais, socioeconômicos e demográficos dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal. Desta forma, em relação à situação da educação no estado de Mato Grosso, aponta-se que existam aproximadamente 767 escolas estaduais. No que se refere à estrutura das escolas estaduais de Ensino Médio, 97% delas possuem computadores, 96% das escolas possuem computadores com acesso à internet e 62% possuem laboratório de informática.

Já o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), do NIC.br, é responsável pela produção de indicadores de dados a respeito do acesso e do uso da Internet no Brasil. Segundo a Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação realizada em 2020, 98,2% das escolas da região Centro-Oeste possuem acesso à internet. A região Centro-Oeste destaca-se por possuir o índice nacional mais alto em relação ao acesso à internet.

A Pesquisa TIC Educação (2020) apresentou também que 97,5% das escolas da região Centro-Oeste possuem acesso à internet, por presença de rede sem fio e 93% acessaram a internet por meio do telefone celular nos últimos 12 meses. Ainda, 96,9% acessaram a internet pelo telefone celular para realizar atividades administrativas ou pedagógicas nos últimos 12 meses. Nos três agrupamentos, a região Centro-Oeste ocupa o primeiro lugar em comparação ao índice de outras regiões do Brasil. Contudo, a Pesquisa TIC Educação (2020) aponta também que apenas 49,6% das escolas da região com acesso à internet com disponibilidade de acesso à rede para os alunos permitem que este acesso seja realizado em sala de aula. A TIC Educação (2020) apresentou também que, em relação aos critérios para a utilização do celular pelos alunos na escola, apenas 4,1% dos alunos podem utilizar o telefone celular em qualquer espaço e em qualquer horário.

De acordo com o módulo temático de Tecnologia da Informação e Comunicação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD TIC), realizada em 2021, o uso da internet móvel para chamadas de voz ou vídeo (95,7%) ultrapassou o das mensagens de texto, voz ou imagens (94,9%), finalidade mais frequente até 2019 (95,8%). A PNAD TIC (2021) aponta também que 99,5% dos brasileiros que acessaram a internet em 2021 no perímetro urbano o fizeram pelo telefone celular e que, entre 2019 e 2021, o percentual de domicílios com conexão à internet por banda larga móvel caiu de 81,2% para 79,2%, enquanto o percentual da banda larga fixa aumentou de 78,0% para 83,5%.

1.3 O paradigma da educação popular

Nesse sentido, a educação popular pode ser uma aliada. Nascida na América Latina, ela surge nas entranhas das lutas populares e pelo anseio em prol do acesso à educação e aos direitos das populações emergentes menos favorecidas economicamente. Para Brandão e Borges (2007, p. 55), “a participação popular comunitária deve se dar, preferencialmente, através de todo o processo de investigação-educação-ação”.

Desta forma, para Gadotti (2007), um dos fundamentos genuínos da educação popular tem sido o surgimento de uma nova epistemologia que tem como princípio o respeito pelos saberes comuns e a valorização das práticas populares ainda não reconhecidas cientificamente, atribuindo-lhe um discurso mais sistemático.

Segundo Peruzzo, Bassi e Silva Júnior (2022, p. 37), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Em conformidade, Barbero (1997) propõe que os meios de comunicação transcendem as relações sociais. Assim sendo, segundo o autor, anteriormente o foco da comunicação era no meio, ou seja, na mensagem. Desta forma, tal qual o modelo verticalizado de ensino educacional, o destinatário era simplesmente ignorado.

Contudo, Barbero (1997) aponta que o foco agora é nas mediações, argumentando que o importante é perceber como a mensagem é recebida e que elas são o efeito que uma determinada mensagem provocada por algum meio de comunicação vai exercer dentro da sociedade. A relação que cada sujeito terá com a mensagem recebida, segundo o autor (1997), dependerá de todo contexto: idade, território geográfico, religião, classe social etc.

Peruzzo, Bassi e Silva Júnior (2022), em diálogo com Paulo Freire, acreditam que o autor, mesmo não sendo da área de Comunicação, ao enxergar a comunicação como essencial para o diálogo e o estabelecimento de relações colaborativas entre educadores e educandos, deixou marcos importantes para esta área do conhecimento. Os autores (2022, p. 36) defendem que “[...] diálogo é um processo horizontal que ocorre em igualdade de condições, que não aspira à homogeneização”. Para eles, a função da comunicação é permitir o diálogo e as expressões genuínas das experiências e ações tradicionais, como também expressões e trocas culturais. Assim sendo, os autores consideram que

Nessa perspectiva, compartilhamos da visão de que a comunicação popular e comunitária colabora nas dinâmicas dos movimentos sociais populares cívicos como parte intrínseca dos processos de conscientização sobre a realidade e de

ação sobre ela. Ao se constituir nas relações sociais transformadoras, se valoriza o diálogo nas intersecções com a cultura local a partir da troca de conhecimento e potencialização do acesso às práticas de produção comunicativa de qualidade, aos locais e espaços de interação, praticando a autonomia dos atores sociais em detrimento do discurso colonizador. (Peruzzo, Bassi e Silva Júnior, 2022, p. 36)

De acordo com Bellaguarda (2022), há o cenário de injustiça climática, pois os mais prejudicados são aqueles que não têm como arcar com gastos extras na compra de alimentos, saneamento básico ou água. Ou seja, um dos fatores da mudança climática é a alteração no valor dos alimentos e, quando isso ocorre, os mais pobres se alimentam menos ou deixam de se alimentar. Essa população em vulnerabilidade social, em sua maioria, são pessoas negras, mulheres e periféricas, nas grandes cidades. A autora (2022) ressalta também que as populações tradicionais fora dos eixos urbanos padecem com a extinção dos seus meios de subsistência, como pesca e agricultura e também suas culturas e tradições. Sobre a justiça climática, Luiz e Sato (2022, p. 64) salientam que

Por isso, é necessário conceituar a expressão “justiça climática”: quem menos contribui com a destruição ambiental arca com os efeitos mais agressivos do colapso climático. Se a degradação da natureza está diretamente relacionada ao funcionamento da economia, aqueles que oneram o meio ambiente dispõem dos recursos para mitigar danos.

Assim, o problema que esta pesquisa anseia responder é: de que maneira a educomunicação pode externar a percepção e o entendimento de estudantes a respeito da emergência climática?

Desta forma, em hipóteses, espera-se que [i] a partir da realização das oficinas de meio ambiente os estudantes se deem conta de que estão inseridos no cenário de emergência climática e injustiça ambiental; [ii] que participem ativamente da oficina de meio ambiente, demonstrando as suas percepções por meio dos *post-its*, como também espera-se que [iii] estudantes e professores se engajem nas produções midiáticas proporcionadas pela oficina de produção de vídeo e que, desta forma, [iv] sejam alcançados resultados positivos em relação à compreensão da emergência climática pelos estudantes e professores e que [v] as produções educacionais sejam divulgadas pela comunidade escolar e que [vi] ações sustentáveis sejam implementadas no ambiente escolar já que foram desenvolvidos a partir da construção colaborativa.

Com isso, o objetivo geral desta pesquisa é valorizar o entendimento da comunidade escolar sobre a emergência climática por meio de produção comunicacional genuína. Em relação aos objetivos específicos, temos: [i] Impulsionar as práticas de educomunicação

ambiental nas escolas; [ii] Desenvolver ações de educomunicação ambiental que contribuam para o fomento das discussões sobre a emergência climática; [iii] Promover a educomunicação ambiental como fator potencializador para que as escolas adotem práticas sustentáveis. [iv] Verificar o lastro da educação popular nas dinâmicas que envolvem temáticas transversais, como o meio ambiente.¹

Desta forma, emerge-se a realização de uma pesquisa sobre educomunicação no Quilombo de Mata Cavalo em virtude de sua localização, contexto histórico e como essas duas características corroboram para que ocorra a injustiça climática neste território. Ou seja, escolhemos esta localidade para a realização deste estudo por estar em um território quilombola, cercado de história e cultura popular. Em particular, há de minha parte uma grande identificação pessoal que, apesar de não ser uma pessoa nascida e criada no quilombo, me identifico com a luta, com a cultura e com as pessoas que ali habitam.

Quando realizamos a primeira visita ao campo de pesquisa, senti em meu coração como se estivesse voltando para casa, o que é estranho, pois eu nunca havia estado ali antes. Essa identificação com a minha pesquisa de Mestrado foi extremamente importante, pois realizar a pesquisa ao mesmo tempo em que exercia outras atividades de trabalho fora da universidade não foi fácil. Conciliar a vida pessoal, o trabalho, a vida acadêmica e a saúde mental foi um grande desafio, mas essa paixão pela pesquisa me manteve firme ao meu objetivo.

O conceito de injustiça climática prevê que aqueles que menos contribuíram para o agravamento das mudanças climáticas serão os mais atingidos pelos eventos climáticos extremos por estarem geograficamente localizados em locais menos favorecidos. Por conta disso, faz-se necessária a realização desta pesquisa a fim de que a comunidade escolar esteja apta a ocupar espaços midiáticos para tratar de temas relacionados à mudança climática e como ela atinge o quilombo.

Do ponto de vista conceitual, a presente pesquisa está amparada pela Cartografia do Imaginário (Sato, 2011). No aspecto da coleta de dados, temos a pesquisa participante (Peruzzo, 2005), no qual, enquanto pesquisadora, acompanhei o cotidiano do quilombo durante a realização das oficinas de educação ambiental e produção de vídeo.

¹ Por influência do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), os objetivos se situam em uma dimensão mais extensionista, de envolvimento com a comunidade e seus saberes.

1.4 Informações estruturais da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, localizada na Comunidade Quilombola Mata Cavalo, no município de Nossa Senhora do Livramento-MT, a aproximadamente 42 quilômetros de Cuiabá, capital de Mato Grosso, com os estudantes do ensino médio que tinham entre 14 e 19 anos.

Para tal, foram realizadas duas oficinas, sendo que a primeira foi a oficina de meio ambiente, no dia 13 de setembro de 2023, e a segunda foi a oficina de produção de vídeo, no dia 26 de setembro de 2023. Ambas as oficinas foram realizadas na instituição escolar, durante o período vespertino, que compreende o horário de aula destes estudantes, uma vez que os mesmos estão submetidos ao estudo em período integral das 7 às 16 horas, e contou com a participação de aproximadamente 20 estudantes. As oficinas tiveram como objetivo compreender o entendimento da comunidade escolar sobre a emergência climática por meio da produção comunicacional genuína.

Figura 1 - Fachada da Escola Tereza Conceição de Arruda



Fonte: Arquivos pessoais

Esta pesquisa foi desenvolvida na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, que está localizada no município de Nossa Senhora do Livramento-MT, a aproximadamente 42 quilômetros de Cuiabá, capital de Mato Grosso. O território da comunidade tem aproximadamente 14.700 hectares, dividido em seis associações: Ponte da Estiva/Ourinhos, Mutuca, Aguaçu, Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima e Capim Verde (Abreu, 2019).

De acordo com a história local, a comunidade recebeu este nome devido a um córrego que em período chuvoso impedia que os cavalos o atravessassem, recebendo o nome de “córrego que Mata Cavalos” e, por conta da comunidade quilombola estar localizada no entorno desse córrego, recebeu esse nome (Abreu, 2019).

Conforme Ferreira (2020), o Quilombo de Mata Cavalos possui um histórico conturbado no que se refere à divisão de terras. Além de conviver com esses conflitos fundiários, a comunidade também está fadada a conviver com peculiaridades ambientais que afetam a qualidade de vida saudável dos moradores.

Em consonância, Luiz (2019) explica que a história do Quilombo Mata Cavalos começa quando Marcelino Paes de Barros, homem escravizado que comprou a própria alforria, adquire terras em Mata Cavalos. Outro homem que conseguiu adquirir terras nesta localidade foi Graciliano da Silva Tavares, e a terceira parte da terra foi doada por Ana da Silva Tavares para as pessoas escravizadas por ela (em torno de 40). Contudo, Luiz (2019) pondera que, após o falecimento de Ana da Silva Tavares, o registro de doação das terras desapareceu do cartório.

Os detentores da doação das terras de Ana da Silva Tavares foram enganados pelos fazendeiros e donos do cartório e foram expulsos de suas próprias terras. Permaneceu no Quilombo de Mata Cavalos apenas parte desta população, e os que ali ficaram criaram raízes e constituíram a comunidade e sua identidade, traçadas principalmente pelo atributo de ser negro e quilombola (Abreu, 2019).

Em meados das décadas de 50 e 60, alguns quilombolas retornaram ao quilombo, mas foi na década de 90 que este retorno se firmou. A criação da Associação de Pequenos Produtores Rurais pelos quilombolas ocorreu em virtude dos conflitos com os fazendeiros. Este processo de retomada dos quilombolas ao território que é deles por direito marca não somente a luta pelas terras, mas também a rebeldia ao processo de invisibilidade social, econômica, cultural e educacional que acontecem no Brasil (Abreu, 2019).

Ainda que o Quilombo Mata Cavalos já seja legitimado pela Fundação Cultural Palmares e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e que as terras sejam oriundas da doação, realizada em 1883 por Ana da Silva Tavares, faz-se necessária a regularização fundiária do território. Esta demora da regularização impede muitos quilombolas de ocuparem as terras que são suas por direito, fazendo com que os mesmos estejam relegados a sobreviverem de forma insalubre, à beira das rodovias, sem acesso a saneamento básico, água, moradia ou terras produtivas para prover o sustento. (Abreu, 2019).

O Quilombo Mata Cavalos reúne pessoas que estão interligadas pela ancestralidade e luta comum. Para os moradores desta comunidade, o território não é apenas um pedaço de terra,

mas toda a herança de sua cultura enraizada, seus conhecimentos e lutas, além de ser um espaço de sociabilidade e agricultura de subsistência (Abreu, 2019).

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda, onde foram realizadas as oficinas e as elaborações dos materiais educacionais. Para Areval (2018), a história da escola é marcada pela luta e resistência da comunidade quilombola.

A comunidade quilombola utiliza a educação como forma de fortalecer e reconhecer o seu território ao mesmo tempo em que busca romper com as restrições e descasos com que esta população vem sendo tratada ao longo dos anos. Muito mais do que paredes e carteiras, a escola quilombola é um local vivo repleto do suor de homens e mulheres negros e negras que enfrentaram a opressão e a discriminação para colocar esta escola de pé com o propósito de mudar o curso da história, possibilitando acesso a educação pela população quilombola (Areval, 2018).

Em vista de apresentar um contexto histórico da escola que foi o *locus* desta pesquisa, Areval (2018) detalha que não havia escolas na comunidade quilombola e que, após muita luta, Antônio Mulato conseguiu que enviassem uma professora para atender à comunidade. Entretanto, na ocasião, a professora se negou a ensinar crianças negras, proporcionando acesso à educação somente para crianças que fossem filhos de pessoas brancas.

Com isso, as crianças negras, filhos dos quilombolas, eram forçadas a sair do seu território para estudar. Entretanto, apesar das adversidades, o sonho de proporcionar uma escola quilombola para as crianças do quilombo não esmoreceu, e, na década de 1950, a comunidade recebe então a sua primeira professora quilombola: Tereza Conceição de Arruda, filha de Antônio Mulato (Areval, 2018).

No começo, as aulas eram realizadas no quintal de sua casa e eram frequentadas por 40 crianças. A senhora Tereza conseguiu ter a sua atividade remunerada pela prefeitura, no entanto, não obteve reconhecimento do Estado, mais uma vez fragilizando a luta da comunidade quilombola em busca de acesso à educação, visto que, a Senhora Tereza foi obrigada a deixar de lecionar no quilombo para ministrar aulas na cidade. Contudo, apesar disso, a comunidade quilombola continuou vislumbrando na educação o potencial revolucionário nesta luta (Areval, 2018).

Após alguns anos, em 1996, os moradores da comunidade quilombola levantaram a Escola Municipal São Benedito, que contava com duas professoras, filha e neta da senhora Tereza. Era de responsabilidade das professoras toda a manutenção da escola, ficando como função da prefeitura apenas o salário. Assim, as professoras eram também, administradoras, merendeiras, faxineiras, zeladoras, entre outras atividades. Em 2007, a Escola São Benedito foi

interditada e fechada pelo Ministério Público Estadual de Mato Grosso devido às denúncias relacionadas às precariedades de sua estrutura física (Areval, 2018).

Em 2012, o Estado de Mato Grosso entregou a escola para a comunidade, que ganhou o nome Tereza Conceição de Arruda, a primeira professora quilombola, que foi um expoente na luta pelo acesso à educação e uma grande liderança junto à comunidade. Areval (2018, p. 87) considera que “a construção da nova escola marca, na história quilombola, mais uma conquista e passa a ser um novo território de resistência, sonhos e possibilidades para esta comunidade”.

Nas escolas, em especial nas rurais, o espaço escolar é também compreendido como um ambiente de convívio comunitário. São realizadas nas instituições festas tradicionais, regionais, religiosas, assembleias, ou seja, na escola rural acontecem praticamente todos os eventos da comunidade. De acordo com Areval (2018, p. 88), “a escola Tereza Conceição de Arruda além de marcar historicamente a luta quilombola, é espaço político e de fortalecimento da comunidade”.

Neste sentido, a autora (2018) sublinha que além de ser um espaço formativo, a escola fortalece a resistência na luta comunitária, como também as histórias e as vivências da comunidade ganharam espaço nas pautas locais, pois, apesar das diferenças entre os posicionamentos das lideranças das associações comunitárias, quando se trata dos direitos e sonhos para o futuro do quilombo, não há dissociação entre um grupo e outro, tornam-se um só, o Quilombo Mata Cavalo (Areval, 2018).

Atualmente, a escola atende cerca de 211 estudantes entre educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e EJA, de acordo com os dados do Portal QEDu, que reúne dados educacionais e teve como fonte o Censo Escolar (INEP, 2022).

Nos próximos capítulos, iremos apresentar os conceitos de justiça climática e educação ambiental, como também, a educomunicação como desdobramento da educação popular. Abordaremos também os aspectos metodológicos da pesquisa, onde serão conceituados a Cartografia do Imaginário da autora Michéle Sato, os procedimentos de coleta de dados e a caracterização do território da pesquisa. Por fim, serão apresentados os resultados e análises, as considerações finais e as referências bibliográficas que embasaram este trabalho.

2 O MEIO AMBIENTE NA ORDEM DO DIA: OS CONTRIBUTOS DA EDUCAÇÃO POPULAR E DA EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL

2.1 O conceito de “justiça climática”

Segundo Bellaguarda (2022), o Norte Global é o causador de 92% das emissões globais de dióxido de carbono em excedentes. 1% das pessoas mais ricas do mundo emite praticamente a mesma quantidade de gases de efeito estufa (GEEs) que os 50% mais pobres. Assim sendo, para Bellaguarda (2022), a injustiça social e climática está entrelaçadas com o sistema econômico de desigualdade social. A autora salienta que populações em situação de vulnerabilidade social, tais como comunidades tradicionais, negros e mulheres, são os mais afetados pela injustiça climática e estão geograficamente mais vulneráveis a eventos climáticos extremos, como enchentes, secas e variação de preço dos alimentos.

Conforme Robinson (2021), o Brasil precisa agir em prol da preservação dos recursos naturais de forma mais rápida e efetiva. Para a autora, em 2009, quando foi promulgada a lei da Política Nacional de Mudança Climática (PNMC), o Brasil se comprometeu a seguir no caminho da preservação do planeta.

Robinson (2021) argumenta que o Brasil ruma ao desenvolvimento econômico e social de carbono zero e que os movimentos sociais, em defesa da justiça climática, têm ocupado cada vez mais espaço nas pautas municipais e estaduais. Assim, têm conseguido cada vez mais protagonismo na agenda climática, pois a sociedade vem se posicionando e exigindo que as escolas abordem temáticas relacionadas à educação ambiental, a fim de instruir e proteger as novas gerações. De acordo com Robinson (2021), as crianças e adolescentes estão expostos a múltiplos choques climáticos por conta da precariedade de serviços básicos essenciais, tais como fornecimento de água, saneamento, saúde e educação.

Para Rammê (2012), o fenômeno da emergência climática evidencia os impactos que serão sentidos pela sociedade. Contudo, tal cobrança não ocorre de modo igualitário, uma vez que, no cenário social mundial, a população mais atingida pelos efeitos do cenário colapsado são as que se encontram em situação de vulnerabilidade social (Rammê, 2012). O autor afirma ainda que “a crise climática, portanto, é o mais novo problema socioambiental global” (Rammê, 2012, p. 10). Logo, para o autor, a concepção de justiça climática prevê que utilizemos os bens naturais com a responsabilidade para assegurar acesso aos mesmos bens às gerações futuras.

Deste modo, para Rammê (2012), não há desenvolvimento sustentável sem considerar ações em prol da justiça climática. Conforme Bellaguarda (2022), faz-se necessária uma mudança estrutural no modo como a nossa sociedade funciona, pois, segundo a autora, a mudança climática é injusta e ressalta as desigualdades sociais e econômicas. A autora (2022)

considera também que a mudança climática e seus impactos podem ser analisados por três pontos principais:

a) Efeitos diretos: ondas de calor, secas, inundações, enchentes e tempestades, podendo impactar as pessoas por meio do stress térmico ou mesmo causando traumas físicos e psicológicos como a ansiedade climática. b) Efeitos indiretos: os impactos da mudança do clima no meio ambiente alteram a qualidade da água, a qualidade do ar, a produção de alimentos e a ecologia de vetores (mosquitos) que agem na transmissão de doenças. c) Efeitos socioeconômicos: rupturas sociais, demográficas e culturais desencadeiam a migração climática de grupos que dependem de recursos naturais, então escassos, reforçando também conflitos ligados às condições climáticas, como secas prolongadas. (Bellaguarda, 2022, p. 8)

Sorrentino (2005, p. 289) conceitua desenvolvimento sustentável como sendo “o tratamento dado à natureza como um recurso ou matéria-prima destinado aos objetivos de mercado cujo acesso é priorizado a parcelas da sociedade que detém o controle do capital”. Este paradigma sustenta o padrão de desenvolvimento que gera as disparidades nos acessos aos recursos naturais, gerando assim o ciclo de pobreza e desigualdades sociais que conhecemos (Sorrentino, 2005).

Assim sendo, podemos entender a justiça climática como o elo entre direitos humanos e emergência climática, uma vez que, em um cenário de mudanças climáticas latentes como o que observamos atualmente, a população mais atingida pelos danos negativos são as que se encontram em situação de vulnerabilidade social, criando, assim, um elo invisível entre os direitos humanos e a justiça climática.

Diante deste cenário emergencial, é necessário que sejam tomadas medidas imediatas em prol da mitigação dos impactos ambientais gerados pela emergência climática que vitimam principalmente populações em situação de vulnerabilidade social, como a comunidade quilombola de Mata Cavallo. Logo, esta pesquisa em educomunicação ambiental possibilita que, juntos, estudantes e professores, possam desenvolver materiais educacionais protagonizados por eles, visando externar a percepção e o entendimento dos efeitos da emergência climática na comunidade quilombola Mata Cavallo.

Do ponto de vista de Robinson (2021), os efeitos drásticos das mudanças climáticas ameaçam os direitos humanos, uma vez que implicam outros impactos catastróficos como, por exemplo, a poluição, a insegurança alimentar em virtude das secas e a restrição ao acesso à educação.

Em conformidade, Bellaguarda (2022) também defende que a mudança climática é assunto de direitos humanos, uma vez que a mudança climática fere os direitos assegurados

pelo artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, tais como o direito à vida, o direito à autodeterminação, o direito ao desenvolvimento, o direito à saúde, alimentação, moradia adequada, acesso a água e saneamento e aos direitos culturais.

A localização geográfica e a situação econômica das pessoas, segundo a autora (2022), estão diretamente relacionadas ao impacto das mudanças climáticas, pois quanto maior a situação de vulnerabilidade, menor será a força para minimizar os impactos climáticos. Assim sendo, Bellaguarda (2022) salienta que se emerge a necessidade de um olhar atento acerca das desigualdades, território, identidades, conservação, uso e manejo de recursos, produção econômica, elaboração de mapas.

A Comunidade Quilombola Mata Cavallo, onde esta pesquisa foi realizada, está submetida aos efeitos da emergência climática citados no parágrafo anterior e também aos fatores de opressão que ferem a luta por dignidade e reconhecimento desses povos, uma vez que as áreas habitadas por quilombolas são sistematicamente negligenciadas e a comunidade, muitas vezes, tem os seus direitos básicos, como moradia adequada, acesso a água e saneamento, privados, dando continuidade a um ciclo de desigualdade social e injustiça ambiental.

Sendo assim, Robinson (2021) defende que a luta contra a mudança climática é essencialmente sobre direitos humanos e garantia de acesso a recursos naturais e justiça para as pessoas que sofrem os impactos das mudanças climáticas, sendo estas, principalmente populações em situação de vulnerabilidade social. Para a autora, faz-se necessário que “unifiquemos os fundamentos dos direitos humanos com os problemas de desenvolvimento sustentável e a responsabilidade pela mudança climática” (Robinson, 2021, p. 42).

Para Bellaguarda (2022), a justiça climática pretende proteger o direito à vida no planeta e, para isso, a responsabilidade coletiva é fundamental, pois temos o dever de trazer a humanização da crise climática. Para tal, a autora considera que se faz necessária uma visão global do impacto, pois já sabemos que a mudança climática atinge com intensidades diferentes os grupos sociais. Logo, dessa forma, a mudança climática ressalta o cenário de desigualdade social. Em suma, “os impactos advindos da mudança do clima afetam a todos, a intensidade dessas mudanças e a capacidade dos indivíduos e dos grupos sociais em administrar as consequências de tais impactos é que são diferenciados” (Bellaguarda, 2022, p. 9).

Em função disso, Robinson (2021) defende que os países causadores das mudanças climáticas devem estar preparados para dividir os infortúnios e os benefícios da mudança climática de modo igualitário. Luiz (2019) aponta que os grupos em situação de vulnerabilidade, em termos específicos, consistem em etnias indígenas, comunidades

quilombolas, grupos ribeirinhos, populações pantaneiras, migrantes, PcD (pessoa com deficiência), só para citar algumas das realidades existentes em Mato Grosso. De acordo com o autor, populações em vulnerabilidade social

De maneira genérica, são todos os indivíduos que, do ponto de vista socioeconômico, não conseguem ou encontram rigorosas dificuldades no acesso a direitos básicos, como saúde, saneamento, alimentação, educação e moradia. Por isso, os colapsos climáticos têm laços estreitos com índices de igualdade, democracia e justiça de um local específico. Daí surgem as expressões justiça e injustiça climáticas. As emergências climáticas estão em curso no planeta todo, mas os seus efeitos serão sentidos em distinção pelos diferentes grupos. Enquanto os mais ricos não vivem em regiões insalubres ou que apresentam riscos, os mais pobres deparam-se com condições adversas e poucos recursos – já que eles custam caros – para enfrentar o colapso climático. (Luiz, 2019, p. 61)

Em conformidade com Robinson (2021), Rammê (2012) aponta que dados alarmantes, como os apontados anteriormente, aceleram o movimento por justiça climática cada vez mais emergente, uma vez que populações em situação de maior vulnerabilidade social e econômica são diretamente impactadas pelos riscos gerados pela degradação ambiental, sendo as que menos contribuem para os danos na natureza.

Luiz (2019) sugere que tais agrupamentos em situação de vulnerabilidade detêm uma grande riqueza cultural e tradicional, que deve ser preservada para as futuras gerações, pois tais práticas seculares, segundo o autor, “dizem muito sobre suas relações de imanência com a natureza” (Luiz, 2019, p. 74). Consoante, Bellaguarda (2022) salienta que os impactos da mudança climática estão presentes em nosso cotidiano e que qualquer mudança no clima impacta diretamente o preço do alimento para o consumidor final, por exemplo.

Assim sendo, a Comunidade Quilombola de Mata Cavallo, por ser uma comunidade rural e que depende da subsistência e do comércio de produtos cultivados no próprio território, sofre diretamente os infortúnios da emergência climática e tem o seu acesso à alimentação prejudicado pela emergência climática e pelo aumento dos preços dos alimentos.

Rammê (2012) pondera também que outra característica da injustiça climática é o surgimento dos chamados “refugiados do clima ou refugiados ambientais” (2012, p. 6), que o autor define como sendo grupos ou comunidades inteiras de seres humanos que são obrigados a abandonar a sua região de origem, abandonando sua casa, cultura, bens e hábitos de vida por questão de sobrevivência, devido às alterações climáticas, evidenciando, assim, um grave contexto de desigualdade social.

Em conformidade, Robinson (2021) afirma que os mais pobres não têm condições econômicas que possibilitem minimizar os impactos climáticos e, na maioria das vezes, não têm possibilidade de se retirar de suas áreas menos favorecidas. Assim, faz-se necessário reconhecer essas injustiças climáticas, caso contrário, a desigualdade social e econômica aumentará ainda mais a desigualdade climática (Robinson, 2021).

O autor acredita que “para lidar com a mudança climática, é preciso simultaneamente tratar a injustiça subjacente em nosso mundo e trabalhar para erradicar a pobreza, a exclusão e a desigualdade” (Robinson, 2021). Isto é, a mudança climática foi causada pelo ser humano e impacta principalmente a população em situação de vulnerabilidade social. Sobre esse assunto, Bellaguarda (2022, p. 10) considera que

A mudança climática traz consigo mudanças nos equilíbrios materiais e de poder, e o cenário de negócios como de costume irá consolidar ou aprofundar ainda mais as desigualdades e exacerbar os danos ambientais. É esperado que aqueles que são materialmente e politicamente desfavorecidos sofram os impactos climáticos, enquanto aqueles no topo da escada sociopolítica orientam suas vidas para um futuro mais à prova do clima.

Em consonância, Luiz (2019) afirma que as calamidades socioambientais não afetarão toda a humanidade na mesma proporção. Pelo contrário, de forma desigual, comprometerão as condições de sobrevivência de uma parcela da população economicamente desfavorecida, tais como povos indígenas, ribeirinhos, pescadores, crianças, mulheres e outros grupos sociais em situação de vulnerabilidade social e econômica. Para Bellaguarda (2022, p. 9), “os mais pobres e vulneráveis estão mais expostos e pagarão a conta dos mais ricos sem ter condições para se adaptarem”.

2.2 A educação ambiental como plataforma de resistência

De acordo com Sorrentino (2005), a educação ambiental possibilita ampliar os conhecimentos com foco em sustentabilidade ambiental local, e do planeta, pois, não está atrelada a uma grade curricular rígida. Sendo assim, pode abordar temas como as culturas tradicionais e outras dimensões da ciência, propiciando assim, discussões sobre políticas públicas e meio ambiente na esfera escolar.

Para Sato (2001), a educação ambiental simboliza ações que conjuguem a diversidade, seja ela natural ou cultural, em especial as expressões culturais. A autora defende ainda que, a educação ambiental requer que suas bases de sustentação sejam debatidas, uma vez que a

mesma está calcada no diálogo, na construção colaborativa e na diversidade de interfaces da natureza. Sobre a educação ambiental, Sato (2001, p. 33) argumenta também que

Uma pesquisa em EA pode ter tradição, mas também pode revirar pelo avesso toda a estrutura íntima de seus planos, pois no trabalho coletivo, encontramos possibilidades infinitas de versatilidade, dentro e fora de uma conjuntura analógica da vida. Senão vira modismo, explica-se como última fase da intelectualidade “fashion” e morre ali, como um herói de puro sangue bem sucedido. Torna-se estática em assuntos dinâmicos. É fundamental, portanto, que uma pesquisa em EA seja apaixonadamente subversiva. Livre, mas legítima. A liberdade não é a expressão antagônica de determinações sociais, mas a realização das opções que estas nos permitem realizar. Pesquisar, portanto, é ainda um grande desafio. Pesquisar em grupo é, ainda mais, desafiador.

Para Sorrentino (2005), a educação ambiental tem por objetivo ampliar os espaços de discussão sobre a sustentabilidade e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos seres vivos de todas as espécies naturais do planeta. O autor acredita ainda que a educação ambiental tem a capacidade de educar os indivíduos para a cidadania e contribuir para que a sociedade se enxergue como responsável pela nossa sobrevivência no mundo.

Segundo Sato (2001), a educação ambiental é transversal a diversas áreas do saber. Assim sendo, a produção de conhecimento deve ser apropriada pelos grupos sociais que fazem parte desta rede. Sorrentino (2005) salienta a interdisciplinaridade metodológica e epistemológica da educação ambiental, conforme consta do artigo 2º do Decreto nº 4.281/02, o qual enfatiza o papel da educação ambiental como um componente curricular que deve estar presente no processo educativo formal e não formal. Sorrentino (2005) considera que a responsabilidade de implementar a educação ambiental é coletiva e deve ser calcada em objetivos e estratégias.

Em consonância, Sato (2001) considera que é nosso dever tornar a educação ambiental melhor. A autora defende que as pesquisas em educação ambiental devem estar livres das amarras e aberta para a criatividade e à liberdade. A educação ambiental deve ser resistência perante as injustiças ambientais, que deve ser intensa em suas ações, contrastes, formas e representações. Somente desta forma poderemos encontrar a essência do conhecimento em educação ambiental nos sonhos, na criatividade e na criticidade perante a nossa própria existência e pela situação ambiental atual. Para a autora, “a EA deve ter o compromisso de permitir sermos protagonistas para alcançar a utopia - apaixonadamente e sempre!” (Sato, 2001, p. 33)

Já para Luiz e Sato (2022), a educação ambiental propõe uma nova maneira de compreender a economia, o meio ambiente perante as intervenções humanas e os prejuízos ambientais causados por tais intervenções, como também as afetações desses problemas nas populações em situação de vulnerabilidade social.

De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Socioambiental (ISA) e pela Coordenação Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), mineração, agronegócio e obras ameaçam mais de 98% dos Territórios Quilombolas em todo o Brasil. Se formos tratar especificamente dos Territórios Quilombolas do Centro-Oeste, de acordo com a mesma pesquisa, 35% dessas áreas podem ser impactadas por projetos de exploração mineral. Segundo o Relatório Anual do Desmatamento, feito pelo Mapbiomas (2022), o agronegócio foi o principal responsável por 97% do desmatamento ilegal no Brasil em 2021. Dessa forma, é emergencial que sejam traçadas medidas para mitigar o impacto sofrido pelas populações quilombolas que precisam desses recursos naturais.

Em conformidade, Sorrentino (2005) defende que a educação ambiental tem por objetivo superar as injustiças ambientais e as desigualdades sociais, propondo uma mudança de paradigma sobre uma questão distributiva entre os benefícios e prejuízos causados pelo convívio homem e natureza. Logo, o autor considera que a educação ambiental aparece como um processo educativo que conduz para um saber ambiental tangível em valores éticos. Assim, a educação ambiental enxerga o meio ambiente não como sinônimo da natureza, mas como “uma base de interações entre o meio físico- biológico com as sociedades e a cultura produzida pelos seus membros” (Sorrentino, 2005, p. 289).

Para Brito (2021), a educação ambiental possibilita o embate com o sistema econômico que prioriza lucros ao invés da preservação da natureza e da vida na terra. De acordo com a autora, temos o poder de mudar o cenário atual, contudo, percebe-se um comportamento individualista que impede que haja mobilizações populares em defesa dos povos originários e da natureza de modo geral. A educação ambiental não deve ser resumida a uma disciplina escolar, mas sim, vozes, realidades e diversidades locais. (Brito, 2021)

No Brasil, há várias políticas públicas sobre a temática de sustentabilidade e educação ambiental. Em Mato Grosso, na Política Estadual de Educação Ambiental (Lei nº 10.903/2019), a EA é entendida como:

[...] os processos contínuos e permanentes de aprendizagem, em todos os níveis e modalidades de ensino, em caráter formal e não formal, por meio dos quais os indivíduos e a coletividade constroem e compartilham valores sociais, espirituais, étnicos, culturais, conhecimentos e habilidades, atitudes e competências, voltadas à sensibilização, prevenção, conservação,

preservação, recuperação e melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Mato Grosso, 2019)

De acordo com Luiz e Sato (2022), por meio da educomunicação socioambiental é possível mobilizar estudantes e comunidade escolar a produzirem conteúdos educacionais, narrando as questões ambientais e expondo suas percepções acerca das questões ambientais, atuando, assim, em sintonia com os pressupostos da Educação Ambiental. Sobre este paradigma comunicacional e educativo, trataremos a seguir.

2.3 O lugar da educação popular freireana

Do ponto de vista da educação popular, Freire (2014) pondera que ela deve considerar as diferenças e, com humildade, comungar as convergências de conhecimentos e criar novos saberes a partir desta comunhão. O autor defende que o professor e a escola devem respeitar os saberes dos educandos e das classes populares, pois tais saberes são construídos na prática comunitária. Além de abrir espaço para tais saberes, escola e professores devem propor discussões entre os alunos, a fim de ponderar sobre a razão de ser desses saberes e a relação deles com o conteúdo programático, cujo propósito é aproveitar a experiência dos alunos para tratar de assuntos do cotidiano, como por exemplo a poluição dos rios e as queimadas (Freire, 2014).

Para Gadotti (2007), a educação popular dá audiência aos oprimidos, tais como indígenas, negros, camponeses, analfabetos, e diminui o impacto social da pobreza. Ela também possibilita que instituições exerçam práticas educativas, já que, por meio da educação popular, os saberes empíricos passam a ser considerados na troca de conhecimentos. Esta multidisciplinaridade que circula por vários eixos, de acordo com Barbero (2000), resulta na diversificação e difusão dos saberes populares: agora a escola não é mais o único lugar validador de saberes. Para Brandão e Borges (2007, p. 60)

Todo o conhecimento de qualquer ciência vocacionada ao alargamento do diálogo e à criação de estruturas sociais e de processos interativos, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ou o que seja, sempre mais humanizadores, integra antes, de algum modo, sujeitos e objetos em um projeto de mudança em direção ao bem, ao belo e ao verdadeiro.

Para Freire (2018), escola e professores devem levar em consideração o conhecimento com os quais os educandos chegam à escola, respeitando a sua dignidade e sem subestimar os

seus saberes. De acordo com Freire (2018), o educador democrático deve reforçar a criticidade do educando, assim como sua curiosidade e sua insubmissão.

Para o autor, a curiosidade deve ser uma inquietação que precisa motivar os educandos ao desvelamento de algo, à busca por esclarecimentos, pois “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos” (Freire, 2018, p. 33). O autor defende que a educação é um modo de intervenção no mundo e que tal intervenção vai além do conhecimento dos conteúdos ensinados e aprendidos, mas, compreende a educação como sendo dialética e contraditória.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário que, por isso mesmo, afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso, rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (Freire, 2018, p. 58-59)

De acordo com Freire (2018), a desvalorização das experiências dos educandos dificulta a curiosidade de educadores e educandos. Freire (2018) alega que se o educador, no exercício de sua autoridade, acaba por inibir a curiosidade dos educandos e a sua própria curiosidade.

Para Freire (2018), uma das qualidades fundamentais de uma autoridade docente democrática é a de possibilitar a expressão da curiosidade dos educandos com liberdade e segurança, respeitando e discutindo sobre suas próprias posições. “Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto” (Freire, 2018, p. 83). Mas, o exercício da curiosidade, segundo o pensador, exige imaginação, intuição, emoções e capacidade de identificar a razão de ser dos objetos.

De acordo com Freire (2014, p. 110), “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”. Para o autor, o diálogo somente é possível perante o amor e a humildade entre os sujeitos, pois é inconcebível que as interações ocorram entre sujeitos que

não compartilham das mesmas causas, anseios e interesses. Ou mesmo entre indivíduos que se considerem superiores a outros e não estejam dispostos a compreender e enxergar-se em seus pares. O diálogo, portanto, é um ato de amor, e para o amor são necessários conexão, contato, respeito e diálogo (Freire, 2014).

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daquelas que sabem que pouco sabem – por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (Freire, 2013, p. 25)

Sodré (2006) aponta que conexão e contato não são meros sinônimos, mas que a relação entre eles deve estar atrelada a uma forma de afeto que se manifesta por meio do compartilhamento de conhecimento e decodificação de conteúdos simples. Assim sendo, o pensador (2006) afirma ainda que Paulo Freire, mesmo sendo pedagogo e não um analista de mídia, criticava a centralidade nos processos comunicativos na educação.

Desta forma, a proposta desta pesquisa é descentralizada, uma vez que, por meio desta iniciativa, potencializamos o protagonismo dos estudantes no compartilhamento das suas percepções sobre os elementos abordados na oficina de meio ambiente e na produção de vídeo colaborativa abordada na oficina de produção de vídeo. Com isso, estudantes e professores atuaram juntos, lado a lado, compartilhando as suas impressões sobre os impactos da emergência climática na Comunidade Quilombola Mata Cavallo e participaram ativamente da construção coletiva dos conteúdos educacionais oriundos da oficina de produção de vídeo.

De acordo com Sodré (2006), comunicação, para Paulo Freire, era a “co-participação dos sujeitos no ato de pensar, implicando um diálogo ou uma reciprocidade que não pode ser rompida” (SODRÉ, 2006, p. 20). O autor aponta ainda que, conforme Paulo Freire, contato e afeto eram vistos como elementos essenciais para o entendimento das ações comunicativas, pois os mesmos possibilitavam a distinção das ações afetivas por meio dos canais midiáticos (Sodré, 2006).

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso”, e não o contrário. [...] Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar, se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. (Freire, 2013, p. 87)

Desta forma, Freire (2014) pondera que atos de valentia em nome da libertação dos oprimidos não podem ser utilizados como pretexto de manipulação, descaracterizando, assim, o amor. Para o autor, “a autossuficiência é incompatível com o diálogo” (Freire, 2014, p. 112). Sendo assim, Freire (2014) afirma que a humildade sela a ponte entre o homem e o povo: sem ela, o ser humano não pode aproximar-se do povo e, tampouco, caminhar ao seu encontro, uma vez que é deste encontro que se frutifica o conhecimento e a soma de sujeitos que buscam saber mais.

Para Freire (2013), o processo de aprendizagem, no aspecto da dimensão humana, ocorre por meio da simples e dócil recepção de conteúdos impostos por outros, mas, pelo contrário, demanda curiosidade e ação transformadora sobre a realidade. Freire (2013) afirma também que essa busca pelo conhecimento exige também uma reflexão crítica acerca do ato de conhecer. Assim sendo, o autor alega que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (Freire, 2013, p. 29)

Em suas críticas ao modelo verticalizado de ensino, Freire (1987) aponta que o professor age como um narrador e os discentes são apenas seus ouvintes, chamados também pelo autor de depósitos de conteúdos fadados a apenas guardá-los e arquivá-los. Esta metodologia recebe o nome de “concepção bancária da educação” (Freire, 1987, p. 36). De acordo com o autor (2014), a “concepção bancária” reforça a permanência e a “concepção problematizadora” reforça a mudança. “A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária” (Freire, 2014, p. 102).

Neste sentido, a proposta de pesquisa aqui apresentada não é de “concepção bancária da educação” (Freire, 1987, p. 36) uma vez que sugere que estudantes e professores atuem lado a lado desenvolvendo o saber de modo colaborativo de forma que ambas as percepções são igualmente valorizadas, ouvidas e consideradas na construção dos saberes.

Freire (1987) argumenta ainda que “somente na comunicação tem sentido à vida humana” (1987, p. 37). Isto é, professor e estudante devem integrar-se em um processo de intercomunicação e, desta forma, adicionar autenticidade à relação de diálogo e colaboração. Logo, para Freire (2013), a função do educador não é “encher” o educando de “conteúdo”, mas oportunizar por meio do diálogo, a sistematização de um pensamento educando-educador. Ou seja, a educação não se dá por meio de uma transferência de conteúdo ou de cultura, mas por meio do diálogo (Freire, 2013).

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir dos seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 2014, p. 109)

É no diálogo onde tudo começa, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 2014, p. 108). Em concordância com Paulo Freire, para Pereira (2022), o diálogo deve conceder oportunidade de fala a todos. A autora acredita que ocupar o lugar de fala de outro indivíduo não é diálogo, mas, sim, impedir a sua autonomia e seu poder de transformação da realidade, pois, não dá espaço para problematizações e oferece falas prontas não oportunizando o direito de fala da população oprimida. Logo, a educação transformadora tem como premissa proporcionar que o indivíduo assuma a responsabilidade de construtor da realidade, e reconheça também outros indivíduos para que interajam na construção do mundo onde convivem (Pereira, 2022).

Segundo Freire (1987), o diálogo com as massas populares é uma premissa de uma revolução genuína, e a própria revolução. De acordo com o autor, é ingenuidade esperar que estabeleçam diálogo com as massas oprimidas. O diálogo pressupõe uma ação libertadora em prol da liberdade dos oprimidos, por sua vez, tem que ser feito com os oprimidos seja qual for o grau da luta pela libertação (Freire, 2014). Neste sentido, Freire (2014) argumenta que, a libertação dos oprimidos somente se dará por meio da práxis autêntica, e não por falácia, não podendo a educação libertadora embasar-se em uma compreensão de seres vazios que devem ser preenchidos de conteúdo, mas em seres conscientes capazes de problematizar os conteúdos e as suas relações com o mundo.

Para Freire (2018), a prática docente crítica implica o “pensar certo” como um processo dinâmico, dialético que pressupõe espontaneidade e produz um saber a partir da sua experiência no mundo e da curiosidade. Por isso, é fundamental que educador e educandos assumam a responsabilidade sobre o “pensar certo”, levando em consideração que este não é algo exclusivo dos educadores, mas, passível de uma construção colaborativa de saberes entre educadores e educandos (Freire, 2018).

Com isso em perspectiva, faz-se necessário insistir ao professor que “ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser” (Freire, 2018, p. 47).

Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber

absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. É por isso que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como saber novo. (Freire, 2013, p. 57-58)

Pereira (2022) defende que a educação, por si só, é ideológica e, por isso, quanto mais dialógica, mais libertadora. Neste sentido, Pereira (2022) salienta a importância de pensar a função da comunicação como responsável pela disseminação das informações. Segundo a autora, a comunicação deve proporcionar para o indivíduo a possibilidade de ser emissor e receptor de informações. Pereira (2022) pondera que quando o indivíduo entende o lugar que ocupa no mundo, compreende então que tem direito a comunicação e também a cidadania.

A educação transformadora possibilita a tomada de consciência do indivíduo como construtor da realidade em que se encontra inserido, e que encontra na autonomia o caminho para o reconhecimento de si e do outro como seres repletos de direitos e deveres – e que por isso mesmo devem agir com responsabilidade e ética, mas sem se eximirem da necessidade de interferência na situação dada – é pode levar o indivíduo ao desenvolvimento da cidadania e autonomia para receber e produzir comunicação. Cidadania essa que deve lhe permitir ser protagonista nas tomadas de decisão do que diga respeito a questões que afetem sua existência. (Pereira, 2022, p. 41)

De acordo com Freire (2014), o diálogo crítico é um artifício libertador e deve ser utilizado em prol da luta pela libertação dos oprimidos de forma estratégica. Caso contrário, poderá provocar ainda mais repressão do opressor. Em concordância com Freire (2014), para Pereira (2022), a particularidade da pedagogia do oprimido é o diálogo como prática libertadora, sendo que, segundo a autora, a palavra conduz a reflexão e a materialidade das ações do indivíduo.

Para Citelli, Soares e Lopes (2019), tais questões relacionadas ao monólogo do professor no relacionamento com os estudantes, em conformidade com Freire (1987), atribuem aos estudantes a condição de espectadores. Os autores (2019) acreditam que este processo no qual somente o professor tem o poder de fala, insinua o diálogo e atribui aos aparatos tecnológicos, tais como, o telefone celular, por exemplo, a possibilidade de rompimento deste monólogo a partir da ampliação democrática discursiva que as tecnologias podem proporcionar. Entretanto, os autores (2019, p. 22) alertam que

Certamente nem tudo é resolvido por meio da educação escolar, entretanto sua contribuição é fundamental quer na formação propedêutica dos discentes quer para o âmbito mais geral dos vínculos entre o cidadão e a sociedade: exercício

da tolerância, reconhecimento das formas democráticas, valorização da ciência e das artes, capacidade de dialogar e intervir.

Na medida em que analisamos as relações entre professores e estudantes na escola ou fora dela, podemos perceber que elas oferecem um caráter singular – o de serem relações substancialmente narradoras, dissertadoras (Freire, 1987). Sendo assim,

O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos é o conteúdo do diálogo. Substituí-lo pelo anti-diálogo, pela sloganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos da “domesticação”. Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra. (Freire, 1987, p. 29)

A defesa do esforço de reflexão dos oprimidos conduz à prática, ou seja, a construção do senso crítico dos mesmos. Logo, “na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração” (Freire, 1987, p. 96). Isto é, o caráter colaborativo da ação dialógica somente é possível se houver comunicação entre sujeitos que tenham níveis distintos de função e responsabilidades (Freire, 1997).

Contudo, o autor salienta que “o diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza” (Freire, 1987, p. 97). Mas, ao contrário, na teoria antidialógica, os sujeitos são entendidos como incapazes de deter senso crítico, estando, assim, fadados à alienação, a partir do diálogo se empoderam para a transformação do mundo e para a liberdade (Freire, 1987).

Sob essa perspectiva, a proposta desenvolvida nesta pesquisa visa ao exercício do diálogo, visto que, desde a oficina de meio ambiente, na qual foram apresentados os conceitos de justiça, emergência climática e racismo ambiental, os estudantes foram encorajados a externar as suas percepções acerca dos elementos água, ar, terra e fogo e também sobre o eixo da cultura e qual era sua relação com eles no passado, presente e futuro. Desta forma, a partir do diálogo, foi construída a visão do impacto desses elementos de acordo com o fator tempo.

Por isso, Freire (2014) defende que não se deve sloganizar as massas, mas, sim, dialogar com elas encorajando-as para que o seu conhecimento experiencial, alimentados pelo conhecimento crítico da liderança, torne-se razão da realidade. Neste sentido, Maciel (2011) defende que se faz necessário pensar em uma educação que seja oposta à sloganização e, desta forma, atenda às necessidades da população oprimida, que não têm acesso a direitos básicos, para que possibilite, assim, a formação de sujeitos críticos, conscientes e protagonistas de sua própria história. Porém, Maciel (2011) compreende que, para isso, haja um aprofundamento

complexo sobre os alicerces desta educação, a fim de atender as necessidades do povo a partir da sua realidade. Em conformidade, Barbero (2000, p. 60) acredita que

A educação tem de ajudar a criar nos jovens uma mentalidade crítica, questionadora, desajustadora da inércia na qual as pessoas vivem, desajustadora da acomodação na riqueza e da resignação na pobreza.

O diálogo não é um presente ou uma tática de manipulação, mas um encontro dos sujeitos para a “pronúncia” do mundo, sendo esta a ressalva essencial para a sua real humanização. Desta maneira, para Freire (2014, p. 96), do ponto de vista dialógico, “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. E, assim, de acordo com o autor, ambos se tornam protagonistas do processo e passam a utilizar os argumentos de autoridade em propósito da liberdade. Em convergência, para Pereira (2022), em um trabalho educativo é essencial que haja diálogo crítico.

Logo, segundo Freire (2014), sem diálogo não pode haver conhecimento, pois, os estudantes não são convidados ao conhecimento, e, sim, a decorar conteúdos narrados pelo educador. Sendo assim, Freire (2014, p. 96) acredita que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Desta forma, emerge-se que educador e educandos assumam a responsabilidade de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo instrumento cognoscível que objetivam conhecer (Freire, 2013).

Neste contexto, os estudantes que participaram da oficina de produção de vídeo exerceram suas habilidades com as câmeras de celular e aplicativos de edição de vídeo, mesmo quando não oferecemos nenhum guia de edição de vídeos durante a proposta da oficina. Sem nenhuma orientação sobre ambientação de cenários, aplicaram a técnica de forma apropriada, discernindo sempre qual o melhor espaço de gravação que tivesse afinidade com a temática tratada no vídeo.

Em reflexão proposta por Maciel (2011), às classes populares são subjugadas e possuidoras de um saber que é desvalorizado e suas contribuições ao conhecimento são desconsideradas. Sendo assim, faz-se necessário que seja construída uma educação a partir do conhecimento popular e para o povo, para que, desta forma, o oprimido saia da condição de opressão e fomenta ele próprio a consciência da classe oprimida.

Pereira (2022) defende que tomar consciência da realidade de cada indivíduo é fundamental para a tomada de consciência e para que realmente haja uma educação transformadora.

E é justamente a educação transformadora, dialógica, que pode oportunizar a tomada de consciência crítica do indivíduo, ao instigá-lo ao reconhecimento de sua inserção no contexto em que vive do poder que tem de transformá-lo. Reconhecimento esse que não pode ser dado pronto para a elite dominante, visto que essa nunca lhe alcançará os instrumentos para libertar-se justamente do domínio cultural e econômico que lhe impôs. (Pereira, 2022, p. 35)

A tomada de consciência, conforme advoga Freire (2013), não acontece com sujeitos isolados, mas enquanto confrontam-se a si mesmos, a realidade concreta e ao mundo à sua volta. O autor acredita que “toda objetivação implica uma percepção que, por sua vez, se encontra condicionada pelos ingredientes da própria realidade” (Freire, 2013, p. 105).

Por outro lado, ele (2013) afirma também que a conscientização apenas pode dar-se na práxis concreta, jamais neutra, pois, se acaso fosse neutra, não poderia ser educação. “O educador, num processo de conscientização (ou não), como homem, tem o direito a suas opiniões. O que não tem é o direito de impô-las” (Freire, 2013, p. 106).

De acordo com Gadotti (2007), a educação popular é constituída por teorias e práticas que têm em comum o compromisso com a emancipação humana. Já para Luiz e Sato (2022), ambientalismo e educação popular convergem e, desta forma, segundo a lógica pedagógica freiriana, os estudantes têm muito a contribuir com os docentes na construção do conhecimento.

2.4 A educomunicação como desdobramento da educação popular

Em convergência com a educação popular, Benedito (2019) reflete, no âmbito da educomunicação, que o paradigma se apresenta como um campo teórico-prático capaz de trabalhar questões voltadas à educação para as mídias. Já a educomunicação socioambiental, para a autora, corresponde ao compartilhamento de conhecimentos pedagógicos aplicados aos processos comunicativos e ambientais caracterizados pelo dialogismo e pelo trabalho colaborativo.

De acordo com Barbero (2000), o acréscimo do uso de tecnologias em advento da educação não é nem a solução mágica, nem o desastre cultural. Contudo, o autor salienta que inserir meios tecnológicos na educação, sem antes rever o modelo de comunicação linear e autoritário nela presente, é reforçar ainda mais o abismo entre a escola e a sociedade. Para o autor, “é indispensável partir dos problemas de comunicação antes de falar sobre os meios”

(Barbero, 2000, p. 53). Desta forma, “a educação autêntica, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2014, p. 116).

De acordo com Citelli, Soares e Lopes (2019), as práticas educacionais são marcadas pela tecnologia e pelos dispositivos de forma direta ou indireta, pois é por meio dos dispositivos tecnológicos que se torna possível os deslocamentos dos sistemas e suportes de signos. Já para Luiz (2019), a tecnologia, em favor da educação, é um recurso que dinamiza o cotidiano de ensino e propicia que professores e estudantes realizem trabalhos colaborativos a serviço da educação.

Se a narrativa transmídia reúne as tecnologias que mais estão nas mãos de jovens e adultos e, por isso, pode-se recorrer a ela nas movimentações entre educadores e educandos, ela também está apta para retratar questões que afetam diretamente a vida das pessoas. A escola, lugar de opiniões divergentes e dos debates em bom tom, facilmente pode sediar eventos dessa natureza. (Luiz, 2019, p. 143)

A esse respeito, é importante salientar que a proposta de trabalho desenvolvida nesta pesquisa não foi relacionada à transmídia, mas, sim, direcionada para apenas uma mídia, a produção de vídeo. Para tal, foram realizadas duas oficinas, uma de meio ambiente e outra de produção de vídeo, que teve como objetivo externar a percepção e o entendimento de estudantes a respeito da emergência climática por meio da produção comunicacional genuína.

A educomunicação emerge da necessidade de tornar o processo educacional mais colaborativo, acessível e interessante para alunos e professores. Para Soares (2011), a educomunicação determina um campo de ação importante entre os tradicionais campos da educação e da comunicação. Segundo o mesmo autor, a educomunicação é um meio de potencializar as condições de expressão de todos os segmentos humanos, em especial, a infância e a juventude (Soares, 2011).

Soares (2011) defende também que a educomunicação cria e fortalece ecossistemas comunicativos e educativos, presenciais ou virtuais, contribuindo, desta forma, para o bom desempenho das ações educativas e do processo de aprendizagem. Em consonância, Soares (2011, p. 3) acredita que “educação e/ou comunicação – assim como a educomunicação são formas de conhecimento, áreas do saber ou campo de construções que tem na ação o seu elemento inaugural”.

O ProNea (Programa Nacional de Educação Ambiental) dispõe que a educomunicação promove vários benefícios para o ambiente de aprendizagem, como, por exemplo: compartilhamento de saberes de forma universal, acessível e inclusiva; participação da comunidade do entorno no processo de aprendizagem; fortalecimento das relações

interpessoais; promoção da comunicação como direito humano; e incentivo a projetos que visam à interdisciplinaridade. Para Soares (2006, p. 4), a educomunicação

É um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e construções de saberes. É também um espaço de ações e experiências que levam a saberes ou partem deles em direção a outros. Uma das tantas singularidades da educomunicação é que ela constitui-se justamente das relações múltiplas que propicia.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), a educomunicação é uma linha de ação do ProNea que promove a conexão das ações de comunicação para a educação ambiental. Em atendimento à lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999, da Política Nacional de Educação Ambiental, para o MMA, a educomunicação tem como objetivo prover meios interativos e democráticos, a fim de que a comunidade possa produzir conteúdo e difundir saberes, por meio da comunicação ambiental focada em sustentabilidade.

De acordo com o Art. 1º da Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a educação ambiental pode ser definida como os processos por meio dos quais o sujeito e a sociedade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências em prol da conservação do meio ambiente, bem de uso comum da população, fundamental para a qualidade de vida desta e das futuras gerações e sua sustentabilidade. Para Luiz (2019, p. 63),

No caso específico das crises climáticas, a Educação Ambiental é um dentre tantos ramos da ciência voltada às questões do meio ambiente. Ela não atua só sobre as variáveis físicas, mas, ancorada na esfera humana, busca identificar as causas dos infortúnios que envolvem natureza e pessoas e coloca à mesa as táticas de atuação diante dos desafios. A educação ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza.

A educomunicação socioambiental, segundo Benedito (2019), pode ser entendida como ações e valores pedagógicos oriundos dos processos comunicativos ambientais caracterizados pelo trabalho compartilhado e colaborativo. Para Costa (2008), a educomunicação socioambiental promove a inclusão de atores e perspectivas, valorizando o saber e as experiências individuais, assim como, as novas formas de fazer com o objetivo de atender sempre o bem comum. De acordo com Luiz (2019, p. 114)

Qualquer que seja o contexto em que se esteja vivendo uma experiência de educação ambiental, as pessoas que se reúnem em “círculos de experiências e

de saberes”, possuem de qualquer maneira algo de seu, de próprio e de originalmente importante. E o trabalho é mais fecundo, quando em uma comunidade aprendente, todos têm algo a ouvir e algo a dizer.

Segundo Costa (2008), o trabalho da educomunicação socioambiental preza pela ética do cuidado e o respeito à diversidade humana, em todos os níveis. Por esse motivo, adota linguagens não discriminatórias e inclusivas, com a finalidade de proporcionar visibilidade e oportunidades a todos. Assim como, para Soares (2006), a educomunicação promove uma intervenção social a partir da transdiscursividade e multidisciplinaridade.

Para Soares (2006), a educomunicação possibilita um novo entendimento dos saberes que construímos. A educomunicação é ímpar e caracteriza-se por ser um campo de pesquisa, reflexão e intervenção social, sendo que os conteúdos e metodologias educacionais diferenciam-se tanto da educação escolar quanto da comunicação social (Soares, 2006).

A comunicação tem capacidade de derrubar as barreiras existentes entre a comunidade e a escola. Para Citelli, Soares e Lopes (2019), o diálogo e a comunicação estão presentes em vários âmbitos da vida e obviamente são essenciais para a multiplicação do conhecimento. Os autores (2019) afirmam ainda que, sem o diálogo “a educomunicação não passaria de quimera” (Citelli, Soares e Lopes, 2019, p. 16). Conforme Soares (2006), realizar práticas educacionais propiciam a construção de um novo discurso e experimentação da empatia e vivência social ainda não experimentada. Para o autor (2006), a educomunicação emerge como uma organização social diferente das que estamos inseridos.

Em conformidade com Luiz (2019), a educomunicação socioambiental conecta e cria narrativas sobre a resistência da população oprimida. Consoante, para Brito (2021), a educomunicação caminha com a educação ambiental e, por conta disso, está presente em diversos textos, documentos e leis ambientais como uma propondo uma possibilidade de se comunicar com todos os povos e regiões.

Neste capítulo eu te apresentei conceitos teóricos norteadores desta pesquisa, tais como: Justiça e emergência climática; educação popular e ambiental e educomunicação. No capítulo seguinte, quero te contar como foram os processos metodológicos escolhidos. Quer saber mais? É só virar a página e continuar aqui comigo no texto.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 Conceituando os métodos da pesquisa

3.1.1 *Cartografia do Imaginário: uma concepção metodológica*

De acordo com Sato (2011), a metodologia vai direcionar o caminhar tanto na parte teórica, quanto na parte prática da pesquisa. Para tanto, esta pesquisa terá na Cartografia do Imaginário (Sato, 2011) o seu substrato metodológico, cuja inspiração é a fenomenologia de Gaston Bachelard, que nos orientou na elaboração e execução dos processos formativos com estudantes da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda. Isto é, neste estudo, a concepção metodológica adotada será de natureza qualitativa.

Segundo Palma (2011), a Cartografia do Imaginário é uma metodologia inovadora e provocativa, desenvolvida por Michèle Sato (2011), com o propósito de orientar as pesquisas fenomenológicas desenvolvidas pelos participantes do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental (GPEA). O referido conjunto metodológico traz como veículo condutor os quatro elementos bachelardianos: Água, Terra, Fogo e Ar, metáforas utilizadas por Gaston Bachelard como essência de pesquisas relacionadas à imagem poética, ao mesmo tempo que, para Sato (2011), os elementos atuam como fundamentos fenomenológicos para a análise da pesquisa qualitativa.

Desta forma, Palma (2011) descreve que, ao idealizar uma pesquisa científica, o elemento ÁGUA (formação) será a metáfora equivalente ao surgimento genuíno do anseio e possibilidades propostas pela investigação; a TERRA (deformação) corresponderá aos empecilhos epistemológicos a serem superados, mesmo que o processo seja dificultoso; FOGO (transformação) representa a mudança que anseia a jornada da busca e engajamento na pesquisa; e o AR (reformação) é a metáfora que diz respeito ao tempo de reflexão e considerações gerais. Já Sato (2011) definiu sete tópicos para pautarem a jornada de investigação de uma Cartografia do Imaginário, sendo eles

1. ÁGUA IDENTITÁRIA – a ressonância [energia centrípeta] do devaneio pessoal [J] no substrato social e ecológico [A];
2. TERRA PENSAMENTO – a vastidão do mundo e seus mistérios na busca das hipóteses [A];
3. TERRA LABIRÍNTICA – o desejo pessoal da descoberta na porção da terra a ser estudada [J];
4. FOGO SUBSTÂNCIA – o laboratório a ser explorado [A], e a metodologia privilegiada;
5. FOGO ONÍRICO – as escolhas dos caminhos [J] nos métodos e nos caminhos traçados;
6. AR ESSENCIAL – a repercussão [energia centrífuga] e a criação do mundo nos resultados [A];
7. AR

ESPELHO – as espirais possíveis situando-se neste mundo, nas considerações finais [J]. (Sato, 2011, p. 550)

A *ÁGUA IDENTITÁRIA*, de acordo com Sato (2011), é uma metáfora para o capítulo de introdução. Este capítulo deve “apresentar primeiramente o objeto da pesquisa, e buscando justificativas, encontrar a nossa identidade na investigação, narrando nossas vidas” (Sato, 2011, p. 551). Em outras palavras, a autora relembra que este capítulo marca o início investigativo do estudo e deve revelar não só o propósito da pesquisa, contudo, deve ser escrito ao final após as etapas de objetivos, hipóteses, metodologia, resultados e considerações finais, pois defende que este capítulo deve expor uma pincelada das informações que serão apresentadas subsequentemente.

A *TERRA PENSAMENTO* é uma metáfora para as hipóteses (Sato, 2011). Após a definição do objeto, faz-se então necessário que o pesquisador disserte o assunto de forma integral, a fim de sistematizar a literatura relacionada à pesquisa e identificar possíveis conexões com outras pesquisas realizadas anteriormente. Desta forma, Sato (2011) considera que o pesquisador obterá um olhar global acerca do tema pesquisado e que, apesar de repetitivo e cansativo, este processo é extremamente importante para o pesquisador, que deve ter um olhar incansável em relação à sua pesquisa e a busca de conexões inéditas acerca da sua pesquisa científica.

De acordo com Sato (2011), as hipóteses apresentam o cenário que o pesquisador se propõe a investigar, sendo que pode representar um fenômeno, atividade ou pessoa. Na *Cartografia do Imaginário*, não faz diferença se as hipóteses são apresentadas em frases afirmativas ou interrogativas, mas o importante é que as suposições revelem o modo que os objetivos da pesquisa dialogam com os universos micro e macro do estudo (Sato, 2011).

A *TERRA LABIRÍNTICA* corresponde aos objetivos da pesquisa. O labirinto se assemelha ao formato de um Caracol, que, em suas espirais, parece retornar ao mesmo local do início de suas dúvidas. Após as hipóteses, faz-se necessário explicitar os objetivos da pesquisa e identificar e testar todas as possibilidades metodológicas de alcançar os resultados de tais objetivos. Surge como importante conhecer o objeto profundamente, suas características físicas, localização, perfil etnográfico, hábitos, o local onde será realizada a pesquisa e todo o contexto (Sato, 2011). Essas informações são fundamentais para a elaboração do texto que deve ser “um ato corajoso de quem se arrisca, e se arriscando, consegue recriar novos significados” (Sato, 2011, p. 555).

A autora (2011) discorre que, no decorrer da pesquisa, é necessário que o pesquisador esteja atento aos objetivos, como também esteja aberto a renunciar alguns conceitos e pontos, caso seja preciso. A partir da coragem de renúncia do pesquisador, é possível realizar a pesquisa expondo “rigorosamente os objetivos inseridos num dado território, num certo período, e num certo contexto histórico” (Sato, 2011, p. 556).

Os itens criados por Sato (2011), mencionados até aqui, aparecem nesta pesquisa. A *ÁGUA IDENTITÁRIA* refere-se à introdução, na qual foram apresentadas as informações referentes aos objetivos, hipóteses, a metodologia da Cartografia do Imaginário (Sato, 2011) e da pesquisa participante (Peruzzo, 2005).

A *TERRA PENSAMENTO* apresentou-se nesta pesquisa como uma parte do capítulo de introdução, referente às hipóteses deste trabalho, onde os objetivos da pesquisa foram considerados para identificar as possibilidades de reverberação deste estudo.

A *TERRA LABIRÍNTICA* apresentou-se como os objetivos desta pesquisa que é valorizar o entendimento da comunidade escolar sobre a emergência climática por meio da produção comunicacional genuína.

O *FOGO ONÍRICO* diz respeito ao método da pesquisa, já que “é na transformação da matéria que o fogo consegue produzir a imagem dos sonhos” (Sato, 2011, p. 558). Isto é, na maioria das vezes, não é o resultado final que encanta, mas, sim, o “processo de torção” da trajetória da pesquisa (Sato, 2011). Em outras palavras, a autora (2011) defende que a Cartografia do Imaginário não é uma metodologia fixa. Trata-se de uma metodologia colaborativa, dialógica e criativa, na qual os meios são mais importantes do que os fins, ou seja, a autora ressalta a importância do processo metodológico, em detrimento dos resultados finais a serem obtidos com a pesquisa.

Sato (2011) propõe que, ao longo da jornada metodológica, é possível identificar várias maneiras criativas de obter os resultados, e que há beleza nisso. A autora considera que a mistura de métodos também é benéfica, pois, a partir dela, podemos obter experiências e olhares diferentes a respeito da mesma pesquisa (Sato, 2011).

Para Sato (2011, p. 556), “a metodologia abrange o método, desde que considerando as etapas investigativas, busca compreendê-las à luz de conceitos, teorias e tendências”. Além disso, a autora (2011) afirma também que seja realizado um roteiro do passo a passo da pesquisa, como também as dificuldades e facilidades para que assim o pesquisador vivencie a Cartografia do Imaginário na íntegra.

O *FOGO ONÍRICO* é, neste trabalho, este capítulo. Dessa forma, este capítulo começa apresentando os conceitos metodológicos escolhidos para esta pesquisa sendo este a Cartografia

do Imaginário (Sato, 2011) e, a partir da pesquisa participante (Peruzzo, 2005), experimentei as dinâmicas das oficinas de meio ambiente e produção de vídeo com o intuito de compreender de que maneira a educomunicação pode externar a percepção e o entendimento de estudantes a respeito da emergência climática. A partir disso, analisei as respostas obtidas nos cartazes e *post-its* oriundos da oficina de meio ambiente, como também os materiais educativos provenientes da oficina de produção de vídeo a partir de uma perspectiva freiriana de trabalho colaborativo e construção coletiva de saberes.

O AR ESSENCIAL, de acordo com Sato (2011), é uma metáfora para a discussão da pesquisa. “De todos os elementos, o ar é o único que toca todos os demais” (Sato, 2011, p. 560). Ou seja, é necessário que o pesquisador estabeleça equilíbrio entre os limites e potencialidades da pesquisa, uma vez que, segundo a autora, os resultados da pesquisa poderão ser frágeis. Para Sato (2011, p. 560)

Aqui importa, sobremaneira, se o roteiro traçado previamente foi cumprido e se o pesquisador chegou ao seu destino desejado. Considerado o artefato mais nobre da pesquisa, principalmente pelo olhar da Modernidade, a discussão dos resultados da longa viagem deve ser enfática para revelar o que foi aprendido nesta distância percorrida.

Sato (2011) considera que nesta etapa é preciso analisar se o roteiro planejado foi cumprido e se os objetivos traçados anteriormente foram alcançados, proporcionando que o pesquisador chegue ao seu “destino desejado”. Assim, é preciso ter um olhar atento em torno de todos os participantes, sentidos e significados gerados pela pesquisa, no próprio pesquisador e nos colaboradores envolvidos no processo de investigação (Sato, 2011).

Sato (2011) explica que, apenas transcrever partes das entrevistas não é o suficiente, e que é fundamental que o pesquisador exerça de maneira intensa a associação entre prática, teoria e produção de conhecimentos. Em outras palavras, para Sato (2011), a análise dos resultados obtidos pela pesquisa científica não deve ser apenas um relato descritivo dos mesmos. Para a autora, “é preciso submergir a prática e fazer emergir a teoria” (Sato, 2011, p. 559). Assim, Sato (2011) acredita que é importante acalmar os ânimos do pesquisador e concentrar as partes mais importantes da viagem metodológica. A autora defende que é primordial que as perguntas realizadas nas entrevistas tenham consistência com os objetivos propostos pela pesquisa.

Conforme reflexão proposta por Sato (2011), esta é a parte mais desafiadora da pesquisa visto que interpretações, diálogos epistemológicos e imagens devem adentrar a pesquisa. A

pesquisa não é “massagem no ego”, e é preciso honestidade e ética por parte do pesquisador no que se refere a explicitar os erros. Conforme Sato (2011, p. 562)

Manter o rigor das ciências parece ser a essência desta etapa, mas isso não implica em deixar de aliá-la ao devaneio poético que sustenta as miríades de sonhos da viagem que chegou ao fim. Afinal, o alvorecer da janela anuncia uma próxima viagem de incompletude existencial refletida na árvore...

As emoções e ideias que surgirem a partir da análise dos resultados, como, por exemplo, lembrar de um filme, peça ou imagem, ou até mesmo o sentimento singular do pesquisador, também devem ser consideradas (Sato, 2011). Desta forma, “é preciso ultrapassar os problemas de mera descrição, e permitir que a imagem revele a objetividade e a subjetividade de uma viagem em transe” (Sato, 2011, p. 559).

A esse respeito, o AR ESSENCIAL corresponde ao capítulo que será apresentado logo a seguir, referente à análise dos resultados obtidos com a pesquisa de campo. Deste modo, é importante salientar que os dados desta pesquisa foram coletados por meio da pesquisa participante (Peruzzo, 2005), na qual foram realizadas duas oficinas na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda.

Na oficina de Meio Ambiente foram coletadas as percepções dos estudantes acerca dos quatro elementos: ar, terra, fogo e água e também do eixo cultura, sob o recorte de tempo passado presente e futuro. Logo, eles apresentaram as suas perspectivas sobre esses eixos por meio de *post-its*, que foram fixados em cartazes que carregam o nome de cada elemento e do eixo cultura. Na oficina de Produção de Vídeo, os estudantes foram encorajados a produzir vídeos sobre os seguintes eixos: Meio Ambiente, História do Quilombo e Cultura. Nesta oficina foram produzidos 16 vídeos no total.

Neste contexto, foram analisadas as percepções apresentadas nos *post-its* e os vídeos produzidos pelos estudantes sob uma perspectiva freiriana. Para tal, foram apresentados os cenários nos quais as oficinas foram realizadas, e depois apresentamos imagens dos cartazes, como também, links para acessar os vídeos produzidos pelos estudantes, como também as interpretações decorrentes das análises.

Por fim, o AR ESPELHO diz respeito às considerações finais da pesquisa. De acordo com Sato (2011), esta etapa retrata o caráter genuíno dos resultados obtidos com a pesquisa, sendo também a etapa em que o pesquisador deve estar aberto a absorver as críticas e reflexões que irão surgir a partir da pesquisa. Não há trabalhos conclusivos e estamos em constante descobertas científicas, visto que, somos seres inacabados. Neste sentido, Sato (2011, p. 263)

defende que “para além de uma conclusão, o horizonte ainda se projeta lá na frente, numa espiral de possibilidades”.

O processo de desenvolvimento pessoal e da pesquisa acontece a partir do aprendizado das lições vivenciadas e de novas perspectivas. Assim sendo, somente uma pesquisa do imaginário pode proporcionar “a capacidade de transformar a nós mesmos” (Sato, 2011, p. 564).

Em conformidade com Sato (2011), a autora Sônia Palma (2011) considera que a segregação entre ciência e poesia dificulta pesquisas científicas ancoradas na subjetividade. Contudo, um estudo sobre Educação Ambiental precisa discutir mais do que preocupações ambientais como as queimadas, devastação, lixo e outras, mas, também, proporcionar reflexões sobre a justiça ambiental, fazendo com que seres humanos se unam em prol de um mundo mais justo para todos.

O território da pesquisa, quando conduzido pela Cartografia do Imaginário pretende também ser fértil, em busca da renovação, acreditando que a Educação Ambiental na perspectiva de uma poética nada aparente em comunhão com a filosofia da imaginação abre vias para a compreensão da ética humana. (Palma, 2011, p. 51)

Palma (2011) salienta que os estudos baseados na Cartografia do Imaginário conectam a Educação Ambiental, a poética e a filosofia, fazendo com que as percepções sobre este tema sejam ressignificados pelo meio, pela natureza e pela sociedade. A Educação Ambiental preza pelo respeito e pelo aprendizado contínuo, que não tem por objetivo categorizar, mas, sim, “busca dar espaço ao encantamento das coisas, sem com isso se ausentar da responsabilidade com os problemas que afetam o planeta” (Palma, 2011, p. 52).

3.1.2 A pesquisa-participante como recurso de obtenção de informações

A pesquisa participante é uma metodologia interdisciplinar e é aplicada em várias áreas do conhecimento, tais como Educação, Antropologia, Administração, Serviço Social e Comunicação Social (Peruzzo, 2005). A pesquisa participante fundamenta-se na introdução do pesquisador no ambiente pesquisado, de forma natural e cotidiana, promovendo diálogo entre o pesquisador e a situação pesquisada (Peruzzo, 2005). A pesquisa participante consiste em:

- a) a presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa “ver as coisas de dentro”;
- b) o compartilhamento, pelo investigador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado - ou

seja, ele se envolve nas atividades, além de co-vivenciar “interesses e fatos”; [...] (Peruzzo, 2005, p. 126)

Em outras palavras, a presença do pesquisador no local pesquisado e o engajamento do pesquisador nas atividades do grupo e da situação pesquisada são essenciais para entender a pesquisa participante e seus procedimentos metodológicos (Peruzzo, 2005). A autora (2005) argumenta que, na pesquisa-ação, o pesquisador não só compartilha o campo de pesquisa, como também, propicia que o investigado participe do processo de realização da mesma e, ainda, que os resultados sejam revertidos em prol do grupo pesquisado.

Para Peruzzo (2005), a pesquisa participante na área de Comunicação Social têm três objetivos principais, sendo eles: [i] estudar fenômenos marcantes relacionados às experiências populares de comunicação ligadas ao desenvolvimento social; [ii] realizar pesquisas sobre a repetição de conteúdos da mídia delineados sobre como as mediações interferem neste processo de recepção e [iii] assegurar o retorno do resultado da pesquisa para a comunidade pesquisada, como também aplicar os resultados da pesquisa em seu benefício. Desta forma, para Brandão e Borges (2007, p. 55),

A investigação, a educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à transformação social. Mesmo quando a pesquisa sirva a uma ação social local, e limitada como foco sobre uma questão específica da vida social, é o seu todo o que está em questão. E é a possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da sociedade desigual, excludente e regida por princípios e valores do mercado de bens e de capitais, em nome da humanização da vida social, que os conhecimentos de uma pesquisa participante devem ser produzidos, lidos e integrados como uma forma alternativa emancipatória de saber popular.

Brandão e Borges (2007) acreditam que a pesquisa participante promove a construção de trabalhos populares colaborativos a serviço da comunidade, grupos e movimentos sociais. “O compromisso social, político e ideológico do/da investigador (a) é com a comunidade, é com pessoas e grupos humanos populares e com as suas causas sociais” (Brandão; Borges, 2007, p. 55). Em concordância, Freire (2014) defende que é por meio do diálogo e do trabalho colaborativo que os sujeitos conquistam outros sujeitos e os engajam no movimento de compartilhamento e de saberes coletivos.

A pesquisa participante emerge do desejo do pesquisador de fazer a diferença no contexto pesquisado, isto é, realizar pesquisas que possam contribuir com a sociedade e com a solução de problemas sociais e econômicos (Peruzzo, 2005). A autora descreve que a pesquisa participante está ancorada no diálogo e, por isso, possibilita a compreensão genuína do

fenômeno investigado (Peruzzo, 2005). De acordo com Peruzzo (2005), os motivos para a pesquisa participante ser uma das metodologias mais utilizadas são:

- (a) Realização de uma pesquisa inovadora de caráter qualitativo que permitisse atingir elevado grau de profundidade. Portanto, trata-se de uma posição advinda de todo um debate que se trava no campo da epistemologia da ciência, conforme apontamos antes e será retomado mais adiante.
- (b) Preocupação em dar um passo adiante em relação aos estudos críticos – do tipo pesquisa-denúncia – dos meios de comunicação que já não satisfazem mais a uma ala dos pesquisadores.

Em conformidade com Freire (2014), Peruzzo, Bassi e Silva Junior (2022) consideram que o papel do diálogo é possibilitar a compreensão da diversidade e dos direitos das pessoas em suas diferenças e para que isso aconteça é primordial que haja respeito em relação ao lugar de fala de cada pessoa. Assim sendo, “o diálogo só pode ser estabelecido se houver o reconhecimento e respeito às diferenças, o diálogo não é extensão, é intercomunicação” (Peruzzo, Bassi e Silva Junior, 2022, p. 43).

O diálogo foi a base primordial na realização desta pesquisa, visto que, para que os estudantes participassem ativamente das oficinas, foi necessário nos conectarmos com eles por meio do diálogo. Essa construção de relação foi muito amistosa, nós fomos bem recebidos pelos estudantes e professores e durante as duas oficinas que estivemos lá, exercemos muito o diálogo com os estudantes.

Por isso, o diálogo é uma escolha ética que é composto do desejo de se fazer entender pelas outras pessoas, utilizando um modo de falar simples e acessível, ser incompreendido (e ser prolixo). Para estabelecer o diálogo, é necessário também humildade e escuta ativa como forma de reconhecimento do saber do outro, sendo que essas atitudes estabelecem uma relação de cooperação e contribuem para a troca de saberes e da construção do conhecimento colaborativo (Peruzzo, Bassi e Silva Junior, 2022).

Peruzzo, Bassi e Silva Junior (2022, p. 45) acreditam que “o diálogo está para a pesquisa-participante assim como a liberdade está para a não opressão”. Ou seja, os autores defendem que, sem o diálogo, os processos metodológicos, tais como pesquisa-ação, participação observante e pesquisa participante, não seriam possíveis.

De acordo com Gil (2002) as pesquisas exploratórias proporcionam maior familiaridade com o problema de pesquisa. Para o autor, a pesquisa experimental determina um objeto de estudo, seleciona as variáveis influenciáveis e define formas de controle e observação da variável identificada. Isto é, trata-se de uma “pesquisa em que o pesquisador é um agente ativo,

e não um observador passivo” (Gil, 2002, p. 48). Peruzzo (2005, p. 144) explica que a pesquisa participante possui três eixos:

Observação participante, pesquisa participante e pesquisa-ação. Enquanto as duas últimas representam um tipo de pesquisa engajada aos grupos investigados e voltada para o desenvolvimento social ou das organizações, a primeira conserva um caráter mais equidistante no que diz respeito à relação sujeito-objeto.

Sob essa perspectiva, a presente pesquisa está enquadrada em pesquisa participante visto que, para realizar esta investigação, convivemos com os estudantes e professores na escola estudada durante os dois dias de oficina promovendo o diálogo com eles, possibilitando, assim, que pudéssemos enxergar toda a vivência deles do cotidiano, como também, participamos ativamente dos processos auxiliando os professores e alunos no que fosse possível.

Para Peruzzo, Bassi e Silva Junior (2022), o diálogo é indissociável das práticas educativas, valorizando a participação dos colaboradores da pesquisa na construção do conhecimento. Deste modo, os autores defendem que a construção do conhecimento pode acontecer tanto no âmbito acadêmico, como na vida cotidiana. Assim, em uma pesquisa participante, o pesquisador não é o único detentor do conhecimento, já que existem várias formas de saber e que elas podem ser compartilhadas em diversas esferas. Desta forma, “o diálogo deve partir da realidade que circunda o oprimido, em vez de se buscar formas outras às quais os sujeitos não estão familiarizados” (Peruzzo, Bassi e Silva Junior, 2022, p. 44).

Em busca de esclarecer o papel do pesquisador durante a observação participante, cabe ao pesquisador adentrar ao grupo pesquisado, participar de suas atividades e viver genuinamente aquela situação que é objeto da pesquisa. Além disso, é necessário que o pesquisador interaja como membro do grupo pesquisado, porém essa postura exige maturidade intelectual e capacidade de distanciamento do pesquisador, a fim de que o mesmo não crie vieses de percepções e interpretações, como também, não interfira demais no cotidiano do grupo gerando expectativas inatingíveis (Peruzzo, 2005). Freire (1996) acredita que, para produzir conhecimento, é necessário não somente exercitar a criatividade, como também a capacidade analítica de “tomar distância” do objeto, e de observá-lo de modo crítico, destacando os seus limites e sua capacidade de comparar e perguntar.

Sobre esse assunto, a pesquisa participante, conforme Peruzzo (2005), não corrobora com a neutralidade da ciência como pressuposto epistemológico. Todavia, o distanciamento investigativo pode contribuir para a compreensão do fenômeno investigado, pois auxilia que o pesquisador não confunda conceitos prévios.

Nesse sentido, para Nascimento (2019), quilombo significa reunião livre e fraterna, e acredito que isso resume muito o que senti quando me conectei com o quilombo: foi como se eu estivesse me reunindo com os meus livremente, voltando para casa, mesmo nunca tendo ido àquele lugar. Senti uma energia ancestral que se conectou ao meu peito e, assim, pude fazer o melhor que estava ao meu alcance, mesmo em meio a tantas dificuldades pessoais relacionadas à rotina acelerada e fluxo de atividades do trabalho.

Para Peruzzo (2005), os membros do grupo pesquisado devem conhecer os objetivos da pesquisa e concordar com a mesma. O pesquisador pode ser um membro do grupo ou apenas se inserir nele para realizar a pesquisa, comprometendo-se em devolver os resultados da pesquisa ao grupo pesquisado (Peruzzo, 2005). Assim sendo,

A pesquisa participante na área de Comunicação tem se concretizado num tipo de investigação em que o pesquisador interage com o grupo pesquisado, acompanha as atividades relacionadas ao “objeto” em estudo e desempenha algum papel cooperativo no grupo. Em geral, isso ocorre apenas em parte da vida do grupo e/ou das ações que se relacionam diretamente com o objeto pesquisado. [...] A pesquisa participante pode se originar do interesse do investigador ou de um grupo que objetiva conhecer melhor seus processos de comunicação. (Peruzzo, 2005, p. 137)

Na pesquisa participante, o objeto de pesquisa não é um “objeto”, mas, sim, um sujeito de pesquisa. A partir desta compreensão é que poderemos entender os contextos dos estudos de comunicação social que utilizam essa metodologia (Peruzzo, 2005). A autora expõe que o objetivo do pesquisador de uma pesquisa participante não pode ser apenas coletar dados de pesquisa, mas também contribuir para a prosperidade do grupo investigado.

Com a finalidade de compreender quais seriam os estudantes com quem a nossa proposta de pesquisa mais se conectaria, agendamos uma reunião com a diretora da escola e a coordenadora pedagógica que nos orientaram e deram todos os direcionamentos relacionados a faixa-etária ideal para a participação das oficinas, horário que deveriam ser realizadas, como também o agendamento das datas de realização das oficinas.

Figura 2 - Primeira visita a escola



Fonte: Arquivos pessoais

Em relação ao tempo necessário de permanência no campo, não há um período definido. Assim, o tempo de duração da pesquisa irá depender do tipo de objeto pesquisado, de como o grupo investigado acolhe ou não as indagações do pesquisador e também da capacidade do pesquisador de captar as informações necessárias para a pesquisa (Peruzzo, 2005).

No que se refere ao retorno do conhecimento, Peruzzo (2005) reforça que esta atitude é algo que o grupo pesquisado almeja e exige do pesquisador. É um ato de respeito compartilhar os resultados obtidos e é algo fundamental para uma pesquisa em educomunicação ambiental. Na maioria das vezes, esses grupos recebem os pesquisadores servindo apenas de laboratório, são fotografados, filmados, entrevistados, mas depois não participam dos resultados. Neste sentido, a pesquisa participante busca ser diferente destes padrões pré-estabelecidos (Peruzzo, 2005).

3.2 O planejamento das oficinas

Em vista da situação alarmante na qual o planeta está inserido em relação à emergência climática, poluição dos rios e mares, desmatamento, queimadas, emissão de gases de efeito estufa (GEE), aumento da temperatura, surge a necessidade de estudos, cujo intuito é contribuir positivamente para o cenário de conservação ambiental, partindo da comunidade escolar.

Para tal, propomos dinâmicas de Educomunicação Ambiental na Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, na comunidade quilombola de Mata Cavalo, zona rural de Nossa Senhora do Livramento. Por meio de oficinas com práticas educacionais, a comunidade escolar se

engajou na produção de conteúdos educacionais que problematizaram a emergência climática e as formas de resistência ao fenômeno.

Ou seja, lá nós desenvolvemos as atividades de pesquisa e discussão sobre os aspectos da crise climática no Brasil e no mundo e questionamos os estudantes a respeito da forma como o quilombo pode ser impactado por ela. A proposta obteve aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa, sob o protocolo CAAE 69088823.6.0000.5690.

Tendo Paulo Freire como referência teórico-metodológica principal (1987; 1996; 2013; 2018), no escopo da educação dialógica, da troca de saberes e do ser-mais, além de Peruzzo (2005) e Michèle Sato (2011), com as bases da pesquisa-participante e da cartografia do imaginário, em 16 de julho estabelecemos contato prévio com as gestoras responsáveis pela escola (diretora e coordenadora pedagógica) para discutirmos o formato e o conteúdo das dinâmicas, em alinhamento com a pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM). As mesmas aprovaram a nossa ideia e deram muitas contribuições: a proposta inicial era trabalhar com os discentes dos ensinos fundamental e médio. Contudo, elas nos explicaram que a maturidade e aceitação das propostas das oficinas seriam mais aplicadas ao perfil dos estudantes do ensino médio.

Foi esclarecido aos responsáveis que, após a finalização da escrita da dissertação, iríamos elaborar um relatório sobre as oficinas e apresentar para a comunidade envolvida. Também foi esclarecido que, no decorrer das oficinas, os estudantes seriam motivados a produzir materiais educacionais.

Outro tópico do nosso contato com as gestoras escolares foi acerca do horário no qual as atividades ocorreriam: decidimos que iríamos permanecer na escola durante o período vespertino, uma vez que a mesma está sob um regime de estudos em período integral, ou seja, constatamos que os adolescentes se encontravam na escola das 7 às 16 horas.

Sendo assim, as nossas atividades aconteceram em 13 e 26 de setembro de 2023, nas dependências da escola, no período da tarde. A proposta das atividades educacionais estabelecia que elas seriam desenvolvidas dentro do próprio território escolar. O grupo foi composto por aproximadamente 20 estudantes, na faixa etária entre 14 e 19 anos.

A oficina de Meio Ambiente aconteceu no dia 13 de setembro e teve como objetivo que os estudantes refletissem profundamente sobre a emergência climática. No começo da oficina, apresentamos manchetes jornalísticas sobre a crise climática e abrimos para a discussão em sala, para que os mesmos compartilhassem as suas opiniões sobre elas. Neste momento, tivemos um pouco de dificuldade, pois os estudantes viam a crise climática como algo distante do

quilombo. Nesta hora, foi fundamental a apresentação de vídeos sobre o depoimento de vítimas de eventos climáticos para chamar a atenção dos mesmos.

A oficina promoveu a apresentação dos conceitos de emergência e justiça climática, racismo ambiental e a relação da comunicação com as questões raciais. A proposta da oficina era que os mesmos compreendessem os conceitos relacionados anteriormente, para que, na oficina de Produção de Vídeo, fosse possível correlacionar os eventos climáticos que estão acontecendo no território do quilombo com os conceitos apresentados.

Após isso, propusemos que os estudantes caracterizassem, em *post-its*, a relação dos quatro elementos: água, ar, terra e fogo (Sato, 2011). Ou seja, o estudante deveria escrever no *post-it* a relação deles com a água, o ar, a terra e o fogo quando ele era criança, como está agora e como ele gostaria que estivesse no futuro. Já a segunda atividade foi acerca do **eixo Cultura**, na qual os estudantes caracterizaram os elementos culturais do quilombo.

Figura 3 - Selfie pós oficina de Meio Ambiente



Fonte: Arquivos pessoais

Já a Oficina de Produção de Vídeo aconteceu no dia 26 de setembro, duas semanas depois da primeira, ofertada em 13 de setembro de 2023. A proposta era que os estudantes utilizassem os conceitos relacionados ao meio ambiente trabalhados na oficina anterior para responder às questões propostas nesta oficina, em formato de vídeo.

O nosso anseio era de que professores e estudantes produzissem em conjunto e de forma colaborativa. Em concordância, Freire (2014) defende que a educação acontece a partir da construção de um saber coletivo, em que professores e estudantes se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

No início da oficina de Produção de Vídeos, começamos apresentando os cronogramas dos conteúdos que seriam abordados logo a seguir. Desta forma, explicamos o que seria

trabalhado naquela oficina de Produção de Vídeos, reforçamos que os vídeos deveriam seguir as diretrizes das perguntas propostas em cada um dos três eixos temáticos: Eixo História do Quilombo, Eixo Meio Ambiente e Eixo Cultura. Durante a oficina, também apresentamos para os estudantes um guia de orientação de planos e ângulos audiovisuais com o intuito de auxiliar na elaboração dos vídeos propostos.

Mesmo apresentando o roteiro com as perguntas direcionadas para cada eixo, incentivamos que os estudantes utilizassem a sua criatividade na produção dos vídeos e que utilizassem o celular para tal finalidade. Por fim, apresentamos para os estudantes os tipos de vídeos que esperávamos ver, sendo eles: Filmar a si próprio, quando alguém grava a si mesmo utilizando o celular em formato de “selfie”; Filmar alguém falando (entrevista), quando há a participação de um outro colega ou enquanto um aparece na tela o outro filma, pode ser em formato entrevista ou apenas filmar o colega sozinho, enquanto o mesmo responde a alguma das perguntas sugeridas; Filmar um determinado espaço e narrar o vídeo, quando alguém filma algum local enquanto explica o que aquelas imagens significam.

Quando foi o momento de iniciar a produção, encontramos, de partida, certa resistência por parte dos estudantes, boa parte acanhados e tímidos, e, por isso, uma parcela minoritária se absteve, mas conseguimos mobilizar três grupos, somando em torno de 15 estudantes, para completar todas as propostas. Um dos grupos não dispunha de celular para realizar as gravações, mas tinha o anseio de participar, então uma professora da escola, o meu orientador e eu participamos desse contexto apoiando com o empréstimo do celular para a realização das atividades da oficina. Ao total, foram produzidos 16 vídeos durante a oficina, sendo 06 produções sobre o eixo História do Quilombo, 09 vídeos sobre o eixo Meio Ambiente e, apenas um vídeo sobre o Eixo Cultura.

Figura 4 - Luz, câmera ação!



Fonte: Arquivos pessoais

Neste capítulo apresentei como foi o meu percurso metodológico e quais foram os métodos e a metodologia escolhida para realizar esta pesquisa. Expliquei em detalhes como a Cartografia do Imaginário (Sato, 2011) e a Pesquisa Participante (Peruzzo, 2005) orientaram esta pesquisa e também sobre como planejei a realização das oficinas de meio ambiente de produção de vídeo. No próximo capítulo, exponho os resultados que obtive no campo enquanto discuto com alguns autores e autoras, que são referências nesta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Oficina de cultura e meio ambiente: escrevendo em *post-its*

4.1.1 A água no contexto do quilombo: percepções da infância, presente e futuro

A água é um recurso fundamental para a vida no planeta. Sem ela, não há animais, plantas ou seres humanos. Dessa forma, esse elemento assume um significado importante para a sobrevivência das comunidades rurais e quilombolas, onde a interação com os rios, lagos e riachos faz parte do cotidiano e da cultura local.

Durante a oficina de Meio Ambiente, realizada em 13 de setembro de 2023, exploramos essa conexão vital por meio de uma atividade que possibilitou a reflexão e o registro por parte dos estudantes, para que refletissem acerca das suas relações com a água em diferentes estágios de suas vidas: infância, presente e futuro desejado.

Inicialmente, os estudantes descreveram suas memórias de infância relacionadas à água, frequentemente marcadas por uma sensação de abundância e pureza das águas. Relatos de brincadeiras nos rios locais e também a impressão inocente de que a água só cai do céu, só serve para beber ou que não tinha tanta importância para a nossa sobrevivência também foram identificadas.

As percepções que mais apareceram foram as de que “a água era menos contaminada”; “eu via a água como uma forma de brincar”; “no passado era muito sofrido ter, era uma riqueza quem tinha água, tinha que pegar na cabeça”; “podia beber água de qualquer rio”; “quando era mais novo, eu pensava que água só caía do céu”; “eu pensava que a água era só para beber, não pensava que servia para tudo”; “eu via a água como um nada”; “na infância eu sentia que a água apresentava uma sensação de calma e relaxamento”; “eu via a água como uma forma de brincar”.

As memórias da infância dos estudantes, no que diz respeito à água, apresentam indícios de experiências que revelam tanto a diversidade quanto os contrastes dentro da mesma escola. De acordo com Brito (2021), as desigualdades experienciadas pelas populações em vulnerabilidade relacionadas ao meio ambiente são emergentes. Segundo a autora, os menos favorecidos financeiramente são os mais impactados pelas consequências do uso indiscriminado de recursos naturais. Em concordância, Luiz (2019) defende que podemos conceituar a injustiça climática quando, em razão da vulnerabilidade social, essas pessoas tornam-se vítimas dos impactos ambientais.

Mesmo com as adversidades listadas anteriormente, a água também remeteu a memórias relacionadas a calma, relaxamento e lazer. As lembranças das brincadeiras na água, em contraponto à sua crescente escassez, sublinham a dualidade da água como fonte de desigualdades e entretenimento.

Comparando as memórias da infância com as percepções do presente, percebe-se que há uma grande preocupação com a poluição e com a escassez de água que foram recorrentemente mencionadas, apontando uma mudança significativa acerca da reflexão sobre a água. Os estudantes mencionaram como a água afeta diretamente a sua qualidade de vida e o quanto é emergente a preservação dos nossos recursos hídricos.

As percepções que mais apareceram foram que “a água é vida, a água é inexplicável”; “está muito poluída”; “atualmente eu aprendi que o correto é preservar a água”; “a falta de água continua sendo um problema sem solução”; “se não existir a água, morreremos”; “hoje em dia, eu entendo que a água faz parte da vida da gente no nosso dia a dia”.

Nas memórias relacionadas à infância, grande parte dos estudantes percebia a água como uma fonte de lazer e abundância, como se fosse um recurso disponível, sem maior relevância. Esse sentimento inocente deu lugar a uma forte consciência acerca da importância da água para a nossa sobrevivência. Assim sendo, percebe-se que ao relatarem como vêm a água nos dias de hoje, reconhecem que “se não existir a água, morreremos”, e esta evolução na percepção da relevância da água que pode também ser identificada no apontamento “atualmente eu aprendi que o correto é preservar a água” demonstra que a educação e a conscientização ambiental têm o poder de transformar a relação de uma comunidade quilombola com os seus recursos naturais.

Figura 5 - Cartaz dos Elementos: Água

ÁGUA

Como eram as coisas quando ele era criança, como está agora e como ele gostaria que estivessem no futuro.

Antes achava que a água era bom, menos contaminada. Hoje em dia é uma água com muita poluição.

No passado o filtro de água era um grande problema que era muito difícil de solucionar. No presente continua o mesmo problema. No futuro espero que esse problema venha a ser resolvido.

A água no passado era muito sofrido ter, era uma riqueza quem tinha água. Tinha que pegar na cabeça. Agora no presente já temos água que vai até na casa, mas tem muitas famílias que ainda sofrem por falta de água. No futuro, espero que todos do planeta tenha água potável em casa

Água, enchente, podia beber água de qualquer rio.
Presente: Escassez, principalmente água potável
Futuro: Consciência

Hoje em dia sinto a água de uma forma mais pesada.

Quando era mais novo, eu pensava que água só cai do céu. Hoje em dia, eu já entendo que água faz parte da vida da gente no nosso dia a dia.

Eu pensava que a água era só para beber. Não pensava que a água servia para tudo. Meu futuro é que a água sem poluição, água limpa.

Eu via a água como uma coisa que não me importava. Mas agora a água é muito importante para nós

Passado: A água era menos contaminada
Presente: é mais contaminada
Futuro: não haverá muita água por causa da poluição acelerada

Passado: Eu via água como um nada
Presente: Se não existir a água, morreremos
Futuro: Espero que a água esteja mais cuidada

Passado: Mais saudável
Presente: Esta poluída
Futuro: Que esteja mais cuidada e saudável

Passado: Era menos contaminado
Presente: É mais contaminado hoje em dia
Futuro: Não haverá muitos peixes nos rios

Presente: A água é vida, a água é inexplicável, a chuva é benção
Passado: a água é boa
Futuro: uma água menos poluída

Na infância eu sentia que a água apresentava uma sensação de calma e relaxamento.

Passado: Antes tínhamos as águas mais limpas
Presente: Está muito poluída
Futuro: Que as pessoas mais conscientes e não joguem lixo nos rios

Eu via a água como uma forma de brincar. Agora vejo que a água está acabando, até a chuva. No futuro, que a água seja mais cuidada e não acabe

Passado: A falta de água foi um grande problema no passado
Presente: Continua sendo um problema sem solução.
futuro: Que esse problema seja resolvido

Presente: Medo, estranho, frio, interessante, perigoso e vida.
Passado: estranho, legal, vida, essencial
Futuro: vida, poluída

Passado: Que usava para beber e tomar banho
Presente: Que a água seja usada para mais coisa e é essencial para as pessoas.
Futuro: Para fazer muitas coisas como levar água para as pessoas que precisam

Antes eu brincava com água e não sabia o tanto que era importante preservar a água. Atualmente eu aprendi que o correto é preservar a água

Relatos como os citados anteriormente trazem à tona a emergente necessidade de que cada vez mais sejam criadas iniciativas de Educação Ambiental nas escolas. Brito (2021) defende que a Educação Ambiental é um dos meios mobilizadores para contrapor o sistema econômico que opta por lucros ao invés de vidas. Aqui em Mato Grosso, a Política Estadual de Educação Ambiental (Lei nº 10.903/2019 artigo 1º) aponta que a Educação Ambiental é conceituada como:

[...] processos contínuos e permanentes de aprendizagem, em todos os níveis e modalidades de ensino, em caráter formal e não formal, por meio dos quais os indivíduos e a coletividade constroem e compartilham valores sociais, espirituais, étnicos, culturais, conhecimentos e habilidades, atitudes e competências, voltadas à sensibilização, prevenção, conservação, preservação, recuperação e melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida e sua sustentabilidade (Mato Grosso, 2019).

Desde a primeira infância, estudamos sobre os estados físicos da água e aprendemos como a água transita entre as fases gasosa, líquida e sólida. Tomo então a liberdade de fazer uma metáfora entre os ciclos da água e o entendimento dos estudantes sobre esse mesmo elemento na infância e no tempo presente. Percebo que, assim como a água se renova, as percepções dos estudantes também não são estáticas e suas relações com a água foram adaptadas e renovadas com um entendimento maior de como a presença desse recurso na natureza não é inesgotável e precisa de cuidado e atenção. O que me lembra também uma frase que li em Sato (2011, p. 551): “o nascimento de um acerto pela morte de um erro”, que me remete às memórias da infância dos estudantes que viam “a água como um nada”, para as percepções atuais que mencionam que “a água é vida, a água é inexplicável”.

Logo, fica evidente a mudança de pensamento entre a infância e a atualidade, e aqui cabe novamente o dinamismo das fases da água, como esse despertar para a importância da água ressalta que precisamos envolver as futuras gerações nos processos de conscientização e preservação dos recursos naturais e como a água, em sua transitoriedade, também nos proporciona esse pensamento acerca da fluidez dos processos de aprendizado humano, enquanto nos faz refletir que a Educação Ambiental é uma jornada contínua marcada por adversidades, mas também por oportunidades de renovação.

Em relação aos desejos e projeções para o futuro da água, os estudantes mencionaram que anseiam pelo retorno da abundância e pureza das águas, como enxergavam na infância. Grande parte dos estudantes expressou a esperança em reverter o estágio atual de degradação ambiental da água e, reconheceram que é urgente que haja mais conscientização ambiental acerca da utilização deste recurso tão importante para a vida na terra.

As percepções que mais apareceram foram: “no futuro, espero que todos do planeta tenham água potável em casa”; “água sem poluição, água limpa”; “não haverá muita água por causa da poluição acelerada”; “não haverá muitos peixes nos rios”; “que as pessoas sejam mais conscientes e não joguem lixos nos rios”; “Que a água seja mais cuidada e não acabe!”.

Infelizmente, o cenário atual de crise climática afasta cada vez mais os anseios apontados pelos estudantes relacionados a um futuro no qual a água estivesse disponível em abundância para a população. Muito pelo contrário, o município de Nossa Senhora do Livramento (a 42 km de Cuiabá), no qual o Quilombo Mata Cavalo está localizado, decretou, em agosto de 2024, situação de emergência devido à crise hídrica e proibiu o uso de água para atividades não essenciais, tais como lavagem de carros e abastecimento de piscinas. A escassez de água tem afetado também outros municípios. As cidades de Poconé (a 104 km de Cuiabá) e Barão de Melgaço (a 121 km de Cuiabá), que estão localizadas aos arredores do Quilombo Mata Cavalo, também decretaram situação de emergência devido à crise hídrica (G1 MT, 2024).

Desta forma, a Educação Ambiental pode ser um paradigma de reflexão sobre o uso desenfreado dos recursos naturais. Para Sorrentino (2005), a Educação Ambiental é transdisciplinar e entende que o meio ambiente não se trata somente da natureza, mas compreende também as interações sociais e a cultura local. Em concordância, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (Resolução CNE/CP nº2/2012 – MEC) afirmam que

A Educação Ambiental visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio ambiente natural e construído. (Brasil, 2012)

Escrever tantas páginas sobre como os estudantes veem a água me fez refletir muito sobre a metáfora dos estados físicos da água que já citei anteriormente. Não quero ser repetitiva, mas a transformação da água que ora se solidifica, evapora e se condensa, conecta-se muito com o que desejo transmitir por meio das minhas palavras: o potencial transformador da Educação Ambiental. Para Sato (2011), a transitoriedade da água é o nosso renascer para novas experimentações e sensações. E, conectando com a Educação Ambiental, é essencial que todos os aprendizados relacionados a esse tema evoluam constantemente.

4.1.2 A terra no contexto do quilombo: percepções da infância, presente e futuro

A dinâmica citada no capítulo anterior obteve respostas sobre as percepções dos estudantes sobre o eixo histórico de memória: passado, presente e futuro a respeito dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar. Este é o item sobre as percepções que os estudantes têm sobre a terra. Chama-me a atenção a dualidade de significados que essa palavra traz, que vai desde um planeta inteiro, ao qual carrega o nome Terra, até um pequeno pedaço de chão, onde também nos referimos como “nossa terra”.

Figura 6 - Era uma vez



Fonte: Arquivos pessoais

Pensar, refletir e escrever sobre as percepções dos estudantes acerca da relação deles com a terra me fez lembrar uma música que eu ouvia quando era criança. Na música, os cantores se referiam à “terra com sabor de chocolate e cheiro de terra molhada” como um lugar acolhedor, de magia, fantasia e liberdade. Contudo, a “terra com sabor de chocolate” que vemos atualmente é a terra cinzenta, solo sofrido, seco, marcado pela fumaça e pelas queimadas. “O cheiro de terra molhada”, que é referido na música, deu lugar ao cheiro das cinzas das tempestades que assolam Mato Grosso. O cenário é catastrófico, diariamente acompanhamos pelos jornais os animais em busca de abrigo para tentar sobreviver à seca do Pantanal e os problemas respiratórios, que atingem principalmente crianças e idosos.

Nos relatos que serão apresentados nos próximos tópicos, percebi uma linha de raciocínio comum entre os estudantes, sendo que, na infância, as percepções remetiam a uma conexão com a “terra de chocolate”, com as brincadeiras e com a ideia de que a mesma era pura e preservada. Já no presente, há uma crise, na qual a terra é vista como poluída e desgastada e, para o futuro, há relatos de esperança de uma terra fértil e preservada, como também, uma visão mais desesperançosa, de que a terra estará ainda pior do que hoje, se não forem tomadas atitudes efetivas. O mais interessante de realizar as análises sobre as reflexões dos estudantes é que não há uma perspectiva correta e uma errada: existem futuros desejáveis, e outros, nem tanto. Dessa forma, é importante frisar que, para Freire (2014), a educação genuína e autêntica acontece de forma dialógica e construída, e não impositiva.

No primeiro momento, os estudantes descreveram suas memórias de infância relacionadas à terra, frequentemente marcadas por uma sensação de inocência das brincadeiras com a terra e a nostalgia de como a terra era mais preservada naquele tempo, de acordo com a recordação deles. É nítido como os estudantes se sentem conectados a esse elemento “como se a terra fosse o mar”, mencionou um deles. As memórias da infância remetem a algo feliz e repleto de brincadeiras e boas lembranças do trabalho na terra com seus familiares ou, até mesmo, lembranças de como a terra era autossuficiente.

A conexão com a terra é algo muito forte para o Quilombo Mata Cavalo, por conta de toda a história de luta e resistência presente na comunidade quilombola. Para muitas comunidades, a relação com a terra é muito mais profunda do que simplesmente ser o local onde se tem o refúgio. Principalmente quando falamos de comunidades tradicionais, tais como quilombos ou comunidades indígenas, a terra se torna o cenário que interliga as gerações passadas e futuras, e suas marcas e ensinamentos sobre o manejo da terra tornam-se um legado cultural de suas tradições e celebrações.

Para Luiz (2019, p. 123), “o povo quilombola tem na terra propriamente o seu refúgio, uma vez que não são proprietários dela, e sim a ela pertencem”. Segundo o autor (2019), a terra provê o trabalho, a renda e o sustento das plantações que são cultivadas e colhidas ali. Uma característica marcante da terra é o solo, e do solo, os frutos que proporcionam o sustento e a vida em forma de alimento. Essas percepções foram muito marcantes nos *post-its* dos estudantes. Frases como “a terra, para mim, é vida porque é dela que tiramos nossos alimentos, e os animais dependem dela. Sem ela, não teria mundo” e “na infância, eu sentia que a terra apresentava uma sensação de grandeza e construção” foram as mais mencionadas pelos estudantes.

Outras percepções que também apareceram foram “terra fértil, não precisava usar fertilizante para colher”; “quando eu era criança, eu ia para a roça com a minha avó plantar, colher, era legal. Eu gostava de brincar com a terra”; “no passado, a terra era muito boa para o plantio”; “eu via a terra só para brincar e achava que era o mar”.

Tais memórias da infância relacionadas à terra fértil são um convite poderoso para a reflexão sobre a importância da preservação ambiental, social e cultural. Essas memórias remetem a urgente necessidade de que sejam tomadas atitudes efetivas em prol da preservação do meio ambiente, em especial, da terra. Essas memórias também reconheceram a importância ancestral que essa terra possui para além do “pedaço de chão”, mas também de todo afeto, vida e sustento que dela provém. Em vista disso, a reflexão sobre a terra é a de que devemos agir hoje para que as crianças das gerações futuras também conheçam a “terra de chocolate”.

Percebe-se que há uma crise na conexão com a terra nas percepções dos estudantes sobre o presente. O que antes, nas memórias infantis, era “terra fértil”, no presente deu lugar a menções que refletem fortemente a realidade atual de degradação ambiental: “pouca vegetação, muitos garimpos e erosão”. Dessa forma, fica evidente a crise da conexão das pessoas com a terra, e também os fortes indicativos de problemas ambientais. De acordo com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), Mato Grosso é o estado da Amazônia Legal que mais desmatou no primeiro bimestre de 2024, sendo que 32% do total da área foi derrubados no estado que representa 63 km².

TERRA

Como eram as coisas quando ele era criança, como está agora e como ele gostaria que estivessem no futuro.

<p>Passado: Terra fértil não precisava usar fertilizante para colher</p> <p>Hoje: Pouca vegetação, erosão, utilização de fertilizantes</p> <p>Futuro: Espero mais conscientização, que haja renovação dos solos</p>	<p>Quando eu era criança eu ia pra roça com minha vó plantar, colher, era legal. Eu gostava de brincar com a terra.</p> <p>Hoje eu não vou mais na rola porque mesmo sendo legal é sofrido quem planta e colhe</p> <p>No futuro espero que tenha jeito de plantar, colher e produzir sem sofrimento</p>	<p>No passado a terra era muito boa para o plantio. No presente a terra está repleta de fertilizantes químicos. E isso não é muito bom para o consumidor.</p> <p>No futuro, que não venha a existir mais esses fertilizantes.</p>	<p>Passado: Eu não me lembro muito da terra</p> <p>Futuro: hoje a terra esta visada pois dela podem sair muitas coisas</p>	<p>Passado: Adubada</p> <p>Presente: não está sendo cuidada como deveria</p> <p>Futuro: Seja mais cuidada e preservada</p>	<p>A terra pra mim é vida por que é dela que tiramos nossos alimentos e os animais dependem dela. Sem ela não teria mundo.</p> <p>Antigamente a terra para mim só era terra de brincar. Mas no futuro eu espero uma terra menos poluída e mais produtiva</p>	<p>Hoje em dia a terra remete uma sensação de medo por conta dos terremotos causados pelo ar e a terra entre outros motivos</p>
<p>Passado: A terra antigamente era mais boa para plantação. Não era usado coisas tóxicas.</p> <p>Futuro: Uma terra poluída que a planta mal nasce</p>	<p>Passado: Eu via a terra só para brincar e achava que era o mar</p> <p>Presente: Hoje vejo a terra boa para plantar</p> <p>Futuro: No futuro espero que a terra esteja mais boa para cultivar</p>	<p>Presente: Perigoso e fértil</p> <p>Passado: legal, brincadeira</p> <p>Futuro: infértil, perigoso</p>	<p>Passado: eu achava que a terra muito gostosa</p> <p>Presente: A terra agora é menos fértil, tem muita erosão, muitos garimpos</p>	<p>Na minha infância eu via a terra como uma forma de brincar</p> <p>Agora tem que usar fertilizante para plantar</p> <p>No futuro espero que as pessoas tenham consciência e parem de poluir</p>	<p>Passado: Era mais preservada</p> <p>Presente: Esta muito desgastada devido as queimadas e a poluição</p> <p>Futuro: Volte a ser bela e preservada de novo</p>	<p>Antes eu via só como chocolate</p> <p>Presente: Eu vejo a terra para cultivar</p> <p>Futuro: Espero que cultive e que esteja sem poluição</p>
<p>Passado: A terra antigamente era mais fértil</p> <p>Presente: Tendo muita poluição</p> <p>Futuro: A terra não era mais fértil como foi no passado ou no presente</p>	<p>Passado: era mais limpa e fértil</p> <p>Presente: Está sendo mais perigoso por que tem muito uso de agrotóxico nas plantações</p> <p>Futuro: A terra menos fértil e quase sem ter produtividade</p>	<p>Passado: Era mais boa para plantar</p> <p>Presente: Para arrumar e para fazer casa e plantações</p> <p>Futuro: Para fazer mais coisa do que hoje</p>	<p>Na minha infância eu sentia que a terra apresentava uma sensação de grandeza e construção</p>	<p>Antes as terras eram bem menos poluídas com menos lixos jogados nela.</p> <p>Hoje em dia encontra muitos lixos jogados nas terras</p> <p>No futuro espero que as pessoas não joguem lixos nas terras</p>		

Fonte: Arquivos pessoais

A percepção de um estudante me chamou a atenção: “hoje em dia, a terra remete uma sensação de medo por conta dos terremotos causados pelo ar, terra, entre outros motivos”. Percebe-se então a preocupação deste estudante a respeito de desastres ambientais. Quando ocorrem catástrofes ambientais, o vínculo com a terra é abalado, pois por consequência da injustiça climática, os mais impactados são os que menos colaboram para o desastre, e povos tradicionais podem ser os mais atingidos. Dessa forma,

no mundo calcado no capitalismo como força-motriz econômica, esse tipo de ocorrência será comum e, por consequência, limitadora das comunidades em cenário de risco, configurando o que se denomina de injustiça climática e aprofundando-a. (Luiz, 2019, p. 126)

De acordo com o autor (2019), a lógica atual prioriza os benefícios individuais em detrimento da natureza, o que é insustentável para a nossa sobrevivência a longo prazo neste planeta. O impacto de uma catástrofe ambiental é terrível em várias camadas, inclusive no que se refere a identidade comunitária. Ser forçado a abandonar as suas terras por conta de uma situação como essa vai além do lar físico: afeta também valores fundamentais da comunidade, que são sua história e sua cultura.

Outras percepções dos estudantes, que, neste tópico, foram: “hoje não vou mais na roça porque, mesmo sendo legal, é sofrido quem planta e colhe”; “no presente, a terra está repleta de fertilizantes químicos. E isso não é muito bom para o consumidor”; “não está sendo cuidada como deveria”; “está muito desgastada devido às queimadas e à poluição”; “está muito perigoso porque tem muito agrotóxico”; “hoje em dia, encontra-se muito lixo jogado na terra.”

Os relatos dos estudantes evidenciam como a emergência climática se manifesta localmente de maneiras profundas e tangíveis aos olhos deles. A degradação do solo acelerada por conta do uso excessivo de fertilizantes, os garimpos e a poluição mostram como o quilombo tem sofrido as consequências das mudanças climáticas nesta localidade.

Para Brito (2021), nós, pessoas comuns, temos o poder de transformar e proteger o nosso planeta, porém, muitas vezes, deixamo-nos levar pelo individualismo e ações coletivas, deixando de lado grupos minoritários. E ainda, segundo a autora, esses povos são expulsos de suas terras e vítimas de outras violências, enquanto, como reação, deparamo-nos com o conformismo ou com a indicação, sendo essa a mola propulsora que fortalece os grupos que lutam diariamente por justiça e equidade.

A esperança e a busca por reconexão com a terra são eixos marcantes deste item. Os estudantes mencionaram com veemência o desejo por “preservação” e “renovação dos solos”. Neste contexto, é urgente a necessidade de nos voltarmos para os cuidados com a terra a fim de que no futuro ela possa prover a vida, como nos provém agora. Um dos estudantes ressalta o anseio de que “no futuro, espero que tenha jeito de plantar, colher e produzir sem sofrimentos”.

Para Luiz (2019), uma forte característica da crise climática é a elevação das temperaturas, e que os principais atingidos por ela são os povos mais pobres e em vulnerabilidade social, que sobrevivem do trabalho no campo e dependem da lida na lavoura para gerar o sustento de suas famílias. O calor extremo torna o dia a dia no campo ainda mais difícil.

Apesar da busca por reconexão e esperança, alguns estudantes apresentaram uma visão pessimista para o futuro da terra. Algumas percepções que me chamaram a atenção foram: “uma

terra poluída, em que a planta mal nasce”; “a terra não será mais fértil como foi no passado ou no presente” e “terra menos fértil e quase sem ter produtividade”.

A Educação Ambiental surge então como uma poderosa ferramenta de mudança, empoderamento e emancipação. Por meio dela, os estudantes que participaram da oficina refletiram sobre futuros negativos possíveis e práticas insustentáveis, como também como a participação individual contribui para a mudança de cenário de toda a comunidade. A promoção da Educação Ambiental é fundamental para assegurar o acesso das gerações futuras aos recursos naturais que conhecemos hoje.

Para Sorrentino (2005), a Educação Ambiental surge do processo educativo que acompanha um saber ambiental baseado nos valores éticos e regras de convívio social que avaliam as questões de distribuição dos benefícios e prejuízos da apropriação e utilização dos recursos naturais. As principais percepções dos estudantes sobre este tópico foram: “seja mais cuidada e preservada”; “no futuro, que não venha a existir mais esses fertilizantes”; “no futuro espero uma terra menos poluída e mais produtiva”; “volte a ser bela e preservada de novo”; “no futuro, espero que as pessoas não joguem lixo nas terras”. Os dados divulgados em 2021 no Relatório Anual do Desmatamento, feito pelo Mapbiomas, atesta que o agronegócio é o principal causador do desmatamento ilegal no Brasil. Há aqui, então, uma contradição e, ao mesmo tempo, visões distintas de como a natureza é vista por pessoas que moram no campo.

Podemos observar que a trajetória desenhada por alguns estudantes proporciona também uma visão otimista e esperançosa do futuro que está por vir, resgatando aquela profunda conexão com a terra que existia na infância por meio do anseio e aspiração que a terra no futuro seja novamente fértil e acolhedora. Porém, essas menções são também um chamado para ação, pois, se não considerarmos aplicações de ações efetivas de políticas públicas em prol da conservação do meio ambiente os anseios listados não passarão de quimera.

4.1.3 O fogo no contexto do quilombo: percepções da infância, presente e futuro

As memórias dos estudantes relacionadas ao elemento fogo revelam uma percepção inocente em relação à importância do fogo para a sobrevivência de uma comunidade rural, principalmente anos atrás. A maioria dos estudantes mencionou brincar com o fogo ou vê-lo como um elemento não ameaçador. Também foram mencionados os usos conscientes do fogo, como para limpar a roça para a agricultura familiar, por exemplo, salientando que as memórias com o fogo eram harmoniosas e remeteram a uma época em que o fogo integrava a comunidade fazendo parte das práticas diárias das atividades.

Figura 8 - Cartaz dos Elementos: Fogo

FOGO

Como eram as coisas quando ele era criança, como está agora e como ele gostaria que estivessem no futuro.

<p>Antes eu via o fogo como ameaça Agora eu vejo o fogo que queima tudo pela frente Mais para frente esse fogo mais controlado e usado para ajudar a humanidade</p>	<p>Na minha infância eu achava que o fogo não fazia mal a ninguém, porém até achava bonito e cheguei até de brincar com fogo. Hoje o fogo faz muito estrago com as pessoas e animais. No futuro, espero que o fogo seja menos do que hoje e não destrua nada</p>	<p>Passado: Quando eu era criança eu via o fogo de uma forma de brincadeira, uma coisa normal que não destruiu nada. Agora eu vejo o fogo de uma forma que acaba com a natureza, acaba com os animais</p>	<p>Já houve um tempo que eu não tinha medo do fogo. Depois descobri que ele queima. Hoje infelizmente temos muitas queimadas que destroem a natureza e piora o ar que respiramos. Para o futuro, espero menos fogo!</p>	<p>No passado eu via o fogo como uma coisa que não prejudicava ninguém, não destruiu nada. Agora eu sei que o fogo pode destruir tudo e causar muitas coisas. No futuro espero que acabe o fogo</p>	<p>Passado - eu via o fogo como uma coisa que não prejudicava ninguém. Agora eu vejo como o fogo faz mal para todos</p>
<p>Passado: Era utilizado para queimar a roça Presente: As pessoas queimam sem consciência Futuro: Se continuar como no presente, acaba tudo</p>	<p>Passado: Pessoas usavam com consciência Presente: Muitas queimadas desnecessárias Futuro: Que haja menos queimadas</p>	<p>Hoje em dia eu vejo o fogo de uma forma que ostenta atitudes provocativas e perigosas</p>	<p>Eu via que o fogo de uma forma que não prejudicava o meio ambiente. Agora no presente o fogo nos prejudica, esta tendo muitas queimadas. No futuro espero que o ambiente melhore e não tenha mais queimadas</p>	<p>Passado: Era mais para quando fossem limpar as roças. O fogo era mais usado para a queimadas de lixos. Presente: Hoje o fogo é mais descontrolado pois as pessoas fazem queimadas sem consciência Futuro: Se continuar como é no presente, destruirá tudo</p>	<p>Antigamente não tinha nenhum tipo de medo do fogo. Para mim ele não apresentava nenhum tipo de provocação.</p>
<p>Passado: Bastante fogo Presente: Queima Futuro: Que parem de botar fogo na natureza</p>	<p>No passado o fogo não era um risco para a sociedade. No presente ele se tornou pois houve muitas queimadas No futuro espero que não existam tantas queimadas</p>	<p>passado: tinha menos número de queimadas presente: esta tendo muita queimada futuro: espero que diminua a quantidade de queimada</p>	<p>Presente: O fogo é útil, o fogo é vida Passado: O fogo queima Futuro: Espero um fogo melhor</p>	<p>Quando eu era pequeno eu via o fogo mais não imaginava que poderia queimar muitas coisas. Agora que entendo que o fogo pode fazer uma tragédia em nossa comunidade e em qualquer tipo de região</p>	<p>Agora: Vida, perigo, equilíbrio, luz, legal, barulho, quente Passado: Legal, quente e perigoso Futuro: Quente, mais perigoso, estranho e legal</p>
<p>Fogo no passado não sabia que fazia tanto estrago na terra, só via no fogão. No presente já vejo que faz muito estrago, devastação. Perigo para a sociedade. No futuro espero que não tenham mais queimadas no mundo que as pessoas tenham mais consciência</p>	<p>Quando eu era mais novo eu brincava com fogo, via o fogo como uma coisa inocente. Antes, não sabia como queimava e destruiu as coisas</p>				

Fonte: Arquivos pessoais

As principais percepções dos estudantes sobre este tópico foram: “quando eu era mais novo, eu brincava com fogo, via o fogo como uma coisa inocente. Antes, não sabia como queimava e destruí as coisas”; “só via no fogão”; “tinha menos números de queimadas”; “no passado, o fogo não era um risco para a sociedade”; “era utilizado para queimar a roça”; “pessoas usavam com consciência”; “eu via o fogo de uma forma que não prejudicava o meio ambiente”; “já houve um tempo que eu não tinha medo do fogo”.

Percebe-se, então, pelas percepções elencadas pelos estudantes que, além das memórias relacionadas a brincadeiras, o fogo também proporciona para a comunidade benefícios essenciais, como, por exemplo, o fogo em sua essência é uma fonte de calor que aquece as noites frias, e também tem um papel fundamental na preparação dos alimentos. Para além do cozimento das refeições, o fogo também é utilizado em rituais e celebrações religiosas, onde o seu brilho significa vida, purificação e renovação.

De acordo com Soares (2018), a religiosidade quilombola engloba singularidades entre os cultos de origem africana somados aos elementos do catolicismo e outros cultos das paragens mato-grossenses. Para a Igreja Católica e outras religiões que têm por base o Cristianismo, o fogo simboliza a energia transformadora capaz de mover o céu e a expressão do Espírito Santo. Logo, Soares (2018) defende que a multiplicidade das expressões religiosas que compõem o Quilombo Mata Cavalo compreende a diversidade de espaços religiosos como casas de Umbanda, terreiros de Candomblé e Igrejas Católicas e Evangélicas, caracterizando assim uma pluralidade de rituais religiosos presentes nesta localidade.

O relato de um estudante me tocou profundamente: “já houve um tempo que eu não tinha medo do fogo”. Quando se trata do cenário Mato Grosso, o cenário de queimadas é alarmante, infelizmente. Com mais de 24 mil focos de incêndios, Mato Grosso é o estado brasileiro que mais queimou desde janeiro de 2024, conforme os dados do Programa BQueimadas, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Em contraponto com as memórias dos estudantes, a percepção do presente em relação ao fogo mudou drasticamente, visto que grande parte dos estudantes expressou preocupação com o aumento do número de queimadas e o uso irresponsável do fogo. É possível então observar que na comunidade há uma crescente conscientização sobre como as práticas inadequadas relacionadas ao fogo podem levar à destruição ambiental e cultural. Desta forma, este item marca mais uma vez a ruptura entre a inocência e a crise, pois agora o fogo é frequentemente associado a tragédias, medos, desastres, perigos e impactos perante a percepção dos estudantes.

A Amazônia, para mim, é como a deusa Te Fiti, uma ilha mãe no filme Moana, da Disney. No filme, a Te Fiti tem um coração em formato de jóia, que tem o poder de manter viva toda a biodiversidade. No filme, o semideus Maui rouba o coração de Te Fiti, e Moana é quem recebe a missão de recuperá-lo e devolvê-lo para deusa Te Fiti. Quando a deusa tem o seu coração roubado, ao invés de vida, ela cria a morte e destruição de toda a biodiversidade local. A água das praias dá lugar à lava fervente de um vulcão em erupção e toda cor e vida das árvores e flores se transformam em cinzas e fogo. No filme, a biodiversidade só é recuperada quando

Moana consegue devolver o coração de Te Fiti para a deusa. Cadê a Moana do Pantanal e da Amazônia? Alguém precisa devolver o coração da Te Fiti brasileira! Os nossos rios estão esvaziados, os animais estão morrendo de sede, fome e queimados pelos incêndios florestais. A seca no Amazonas ocasionou a seca em todo território nacional. Chuva? Sim, diariamente, só que de cinzas e fuligem.

Todo ano, quando nos aproximamos do mês de agosto, é a mesma angústia. Conhecido por ser o mês mais longo e mais quente do ano, agosto foi o mês em que mais houve registros de incêndios florestais e decretos de situação de emergência, de acordo com o balanço da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), com 118 dos 167 decretos de emergência por incêndios florestais em 2024, o que representa 70% do total. Quando feita a comparação mês a mês, o aumento é de 354%, sendo que, em agosto de 2023, foram registrados 26 decretos municipais por esse mesmo motivo.

Os dados relacionados às queimadas no bioma Pantanal são alarmantes. Em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, os focos de incêndio nos seis primeiros meses de 2024 aumentaram 1025%, se comparados ao mesmo período de 2023, sendo que, em Mato Grosso do Sul (onde estão 60% do bioma Pantanal no Brasil), foram registrados 698 focos, entre janeiro e junho de 2024. Em 2023, foram 62 no mesmo período. Em Mato Grosso (onde ficam 40% do bioma), foram 495 focos de incêndio em 2024, contra 44 em 2023. Os dados são do Programa de BDQueimadas, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Em 2024, o bioma amazônico está sofrendo com uma seca intensa, o que pode ocasionar uma seca ainda pior do que a que houve no ano anterior. De acordo com o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), em junho de 2023, quando a seca na Amazônia ganhou força, havia uma cidade sobre seca extrema em todo o território brasileiro; agora, são 82. Em 2023, 44 municípios haviam sido classificados como em estado de seca severa; atualmente, são 735 municípios.

Durante a oficina os estudantes mencionaram que as queimadas estão cada vez mais nocivas ao meio ambiente e à vida da comunidade. Comentários como “o fogo causa estrago com a natureza e animais” e “muitas queimadas destroem a natureza” apontam que os estudantes cada vez mais estão tendo consciência de como é necessário que sejam implementadas medidas que minimizem a degradação ambiental.

Além disso, os estudantes também reconheceram que a falta de conscientização e o uso irresponsável do fogo podem resultar em fatalidades, como explicitado no comentário de que “o fogo pode causar uma tragédia na comunidade”. Outras percepções que foram apresentadas

neste tópico foram: “agora eu vejo como o fogo faz mal para todos”; “eu vejo o fogo de uma forma que ostenta atitudes provocativas e perigosas”; “as pessoas queimam sem consciência”.

Em relação às aspirações do futuro, os estudantes expressaram mensagens de esperança e um desejo evidente de que no futuro o fogo seja utilizado de forma consciente e em favor da comunidade. Os comentários “espero que, no futuro, não existam mais queimadas” e “um fogo mais controlado e utilizado para ajudar a humanidade” apontam uma aspiração para um futuro no qual o fogo é gerido de modo consciente.

Desta forma, a educação ambiental surge como uma ferramenta fundamental para enfrentar estes desafios. Partindo do entendimento de que a educação ambiental não se resume a apenas uma disciplina escolar, mas é a diversidade construída a várias mãos, a várias vozes e a várias realidades e pode proporcionar às comunidades práticas sustentáveis para promover cultura e preservação do meio ambiente (Brito, 2021).

4.1.4. O ar no presente, passado e futuro

O ar é o elemento invisível, que não pode ser tocado, não tem cor, não tem cheiro e nem gosto, mas, mesmo assim, sabemos que ele está aqui. Sua composição me lembra a série que assisti enquanto escrevia a esta dissertação, *Breaking Bad*. A série é protagonizada por um engenheiro químico, o senhor White. Ele saberia explicar, em termos técnicos, a importância do ar na atmosfera e elencar todas as moléculas e gases que o compõem, mas não precisamos fazer isso neste capítulo. O ar tem um “ar” de mistério, mas seus benefícios para o planeta são irretocáveis. O ar contribui com a garantia da vida na terra, ajuda a manter a temperatura e fornece oxigênio para a nossa respiração.

As memórias infantis dos estudantes relacionadas ao ar expressaram mensagens de pureza e inocência. A maioria das percepções relacionam o ar com o prazer de brincar e com o “vento gostoso” e como achavam que o ar “só existia dentro do pneu da bicicleta” e até mesmo que “o ar é o ar”. As memórias refletiam o desapego das preocupações em relação a problemas ambientais mais complexos.

A reflexão é que, de acordo com a memória dos estudantes, a realidade era de que “o ar no passado não era poluído, era natural”, e isso revela que o ar era percebido como um elemento benéfico e integral à vivência da comunidade. O ar puro e o “ar limpo” de suas infâncias está associado a lembranças de que os impactos ambientais ainda não faziam parte do dia-a-dia da comunidade, e isso é fundamental para compreender como as emergências climáticas impactam a qualidade de vida e a saúde de comunidades quilombolas ao longo dos anos.

Para Robinson (2021), a mudança climática é um fenômeno fabricado pelos seres humanos que impacta as pessoas, em especial, as pessoas em situação de vulnerabilidade social, financeira e geográfica. De acordo com a autora, ao mesmo tempo em que as nações industrializadas construíram suas economias à base da exploração e queima dos combustíveis fósseis, as populações em vulnerabilidade ao redor do mundo sofriam com os efeitos das mudanças climáticas. Essas mudanças são emergentes e, por isso, é atribuído a este termo o nome de ‘emergência climática’, e não apenas ‘mudanças climáticas’.

Ao serem questionados sobre o elemento ar no tempo presente, os comentários “poluído” e “importante” evidenciam que os jovens apresentam um aumento significativo de consciência ambiental, comparado com a sua infância. Essa transição de uma visão inocente para uma visão crítica dos estudantes evidencia a gravidade das emergências ambientais que têm impactado suas vidas e suas comunidades.

As menções “poluído mesmo em lugares da zona rural onde tem vegetação, muito calor” e “está poluído por conta do CO²” ressaltam que, ao relacionar o elemento ar com o tempo presente, os estudantes apresentaram uma mudança drástica em suas percepções. O que era doce, conectado e infantil deu lugar à crise.

De acordo com o Índice de Qualidade do Ar (IQAir), de setembro de 2024, Cuiabá, capital de Mato Grosso, está com a qualidade do ar considerada “insalubre para todos os públicos”. Segundo a IQAir (2024), a fumaça e os incêndios florestais fizeram com que a Amazônia Ocidental superasse os índices de países como Índia, Paquistão e China, no que se refere à poluição. No mesmo período, o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) emitiu alerta vermelho, de baixa umidade do ar, sendo que em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Goiás a umidade relativa do ar estava abaixo de 12%, o que oferece grandes riscos a saúde humana e também de incêndios florestais. A IQAir mede a qualidade do ar em aproximadamente 100 grandes cidades do mundo, em tempo real. E, com base neste ranking, a cidade de São Paulo-SP atingiu o 1º lugar como a cidade mais poluída do mundo no dia 09 de setembro de 2024. A lista é atualizada a cada hora.

Figura 9 - Cartaz dos Elementos: Ar

AR

Como eram as coisas quando ele era criança, como está agora e como ele gostaria que estivessem no futuro.

<p>Ar: Puro H: Poluído, mesmo em lugares da zona rural onde tem vegetação, muito calor F: Esperança sempre!</p>	<p>No passado o elemento do ar era muito furioso. Quando chovia o vento fazia estrago. No presente o vento diminuiu e ele está mais brando. No futuro eu quero que ele permaneça brando</p>	<p>Passado: eu via como se a gente respirássemos morreríamos Presente: hoje sei que sem ele não vivemos Futuro: Que não tenha mais poluição</p>	<p>Ar no passado não era poluído era natural Presente: o ar é poluído faz mal as pessoas e até mata muitas pessoas</p>	<p>AR Passado: O ar era mais limpo Presente: o ar está muito poluído por causa das indústrias Futuro: O ar irá diminuir por causa da poluição e do desmatamento</p>	<p>AR Passado: Era mais limpo e menos poluído Presente: Está muito poluído por conta do CO₂ Futuro: Poluído demais</p>
<p>Passado: Eu pensava que o ar só sai de um pneu de uma bicicleta Futuro: Agora entendo que nós não vive sem o ar sem ele nós não vive nesse mundo</p>	<p>passado: eu via o ar que era puro presente: agora vejo que o ar está muito poluído</p>	<p>Na infância eu sentia o ar como uma sensação mais de pureza com menos poluição</p>	<p>Hoje em dia eu sinto o ar de uma forma mais poluída, se tornando assim um ar mais pesado</p>	<p>o ar é muito importante e atualmente esta poluído pelos humanos</p>	<p>presente: estranho, invisível, necessário, legal e perigoso passado: misterioso, engraçado, legal futuro: poluído irrespirável</p>
<p>ar: poluído</p>	<p>passado: não era tão poluído presente: estão ficando ruim por causa da poluição futuro: espero que esteja menos poluído do que hoje</p>	<p>Quando era criança havia um ar bem menos poluído Hoje é um ar bem mais poluído que chega a afetar até a saúde das pessoas. Espero que no futuro seja um ar menos poluído</p>	<p>Passado: tava menos poluído Presente: muito poluído Futuro: que não esteja tanto poluído</p>	<p>Presente: o ar é vida o ar é amor de Deus por nós Passado: ar é ar Futuro: Ar menos poluído, ar melhor, ar puro</p>	<p>Ar: Antes o ar era menos poluído, menos fumaça E agora esta muito poluído por conta do fogo etc. Espero que no futuro isso mude, e que as pessoas tenham consciência</p>
<p>passado: o ar era mais agradável presente: clima muito quente futuro: o futuro seja um ar bom</p>	<p>Passado: Eu pensava que o ar não era importante para os vivos futuros: um ar sem poluição um ar natural sem doenças</p>	<p>Passado: um vento gostoso Presente: Vento que derruba prédios e outros Futuro: Vento que vai tá mais forte e difícil de controlar</p>	<p>passado: eu via o ar que era muito puro presente: agora eu vejo que o ar esta muito poluído</p>		

Fonte: Arquivos pessoais

Quando foram questionados acerca de suas aspirações de um sopro para um futuro melhor, os estudantes mencionaram preocupação, como no comentário “ar irrespirável”. Essa visão pessimista explicita o temor de que as condições de degradação ambiental do ar possam se agravar. Em virtude disso, é urgente que sejam tomadas medidas eficazes para a minimização dos impactos ambientais.

Para Flannery (2017), nós devemos acreditar no impacto gerado pelas ações individuais e assumir o protagonismo pela realização de medidas que minimizem os impactos ambientais e não aguardar que alguém resolva o problema da emissão de carbono por nós. O autor acredita que todos os indivíduos podem fazer a diferença e auxiliar a combater a mudança climática. Flannery (2017) defende que medidas simples, tais como substituir o uso de rodas de um veículo com tração por um veículo de combustível híbrido reduziria a emissão individual com transporte em até 70%. Outras medidas apontadas pelo autor são optar pelas opções “verdes” quando consumir algum produto ou serviço, como por exemplo, energia elétrica.

O comentário “ar irrespirável” também está diretamente relacionado aos conceitos de justiça climática e racismo ambiental discutidos durante a oficina. Visto que, comunidades marginalizadas, como é o caso da comunidade quilombola, frequentemente são impactadas pela degradação ambiental e poluição do ar. Os conceitos de justiça climática e racismo ambiental são inseparáveis, visto que questões ambientais e de poluição estão diretamente relacionadas a questões sociais e de direitos humanos de populações em vulnerabilidade social.

Desta forma, a (in)justiça climática ocorre quando os impactos da emergência climática atingem principalmente as populações que pouco contribuíram para que a mudança climática alcançasse o estágio avançado e de deterioração no qual está. Essa população que, majoritariamente é formada por pessoas negras sofrem duramente as consequências dos impactos ambientais e tem seu acesso à água potável, energia, saneamento básico e alimentação de qualidade negligenciados em detrimento de outros que, na contrapartida de todo esse sofrimento acumulam cada vez mais riquezas para si próprios.

4.1.5 Cultura Quilombola

A segunda dinâmica do primeiro dia de oficina abordou o eixo Cultura e propôs que os estudantes anotassem nos *post-its* os elementos culturais que caracterizam o quilombo. De todos os cartazes que foram produzidos na oficina, o cartaz de cultura foi o que teve mais engajamento dos estudantes e contou com cerca de 35 respostas (*post its*). As respostas revelaram uma lista repleta de práticas culturais, tradições e valores que são fundamentais para a comunidade. O autor Abdias Nascimento (2019) defende em seu livro intitulado *Quilombismos* que os negros não devem se perder da memória do tráfico e da escravidão, pois tal atitude nos distanciaria ainda mais de toda a influência de África sobre a nossa cultura e acabaríamos nos perdendo do nosso ponto de partida. Logo, para o autor, devemos cada vez mais resgatar o legado de amor

da ancestralidade africana com a reconquista da nossa liberdade e dignidade como pessoa humana.

Para Nascimento (2019), mesmo sob a criminalização da cultura africana e submetidos à prática divisionista que impedia que as culturas exportadas de África fossem exercidas em sua plenitude, é certo que imigrantes africanos escravizados praticaram suas danças, bateram seus tambores, cantaram e se divertiram. A cultura nativa, naquele momento, foi como um bálsamo de recuperação de sua humanidade ferida de morte.

Os elementos mencionados pelos estudantes revelam a herança cultural e a resistência quilombola. Para podermos visualizar melhor os elementos culturais listados pelos estudantes, elaborei o layout abaixo. Considerei a cultura afro-brasileira na escolha do layout, que apresenta as cores vermelho, verde e laranja em formato de estampa afro, a silhueta de uma mulher negra com o seu cabelo natural e, ao fundo, os mapas do Brasil e da África, que transpassam a cultura que fora construída e desenvolvida no Brasil, porém inspirada no continente africano. Desta forma, os elementos culturais quilombolas listados pelos estudantes podem ser separados pelas seguintes categorias:

Figura 10 - Elementos da Cultura Quilombola



Fonte: Arquivos pessoais

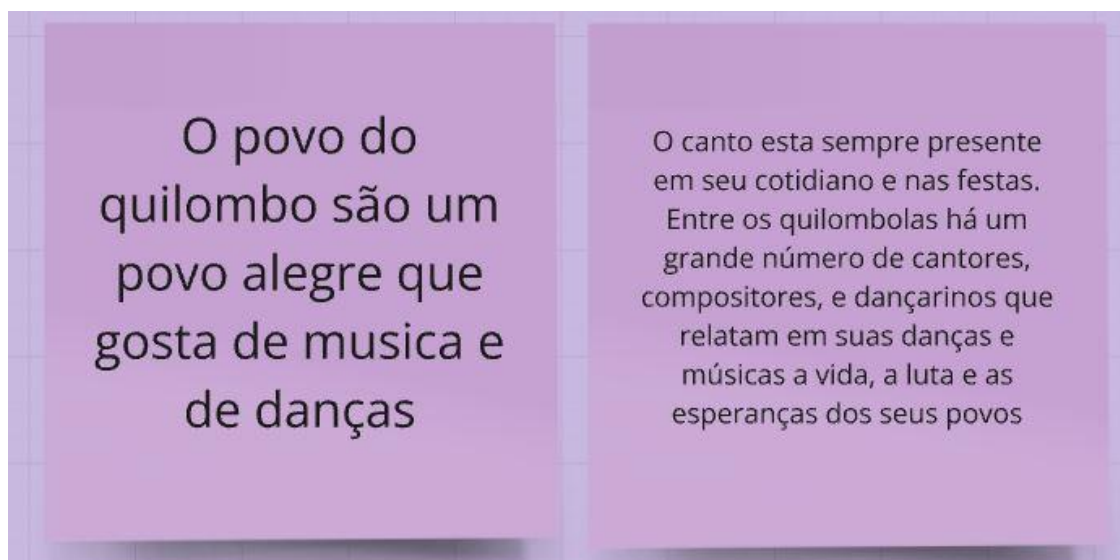
Na categoria ‘Danças’, os estudantes listaram diversas manifestações culturais que acontecem dentro da própria escola, tais como: A Dança Afro, que é protagonizada pelos estudantes da escola, foi bastante citada no cartaz produzido pelos mesmos. Um dos estudantes definiu a Dança Afro como sendo “a dança dos nossos antepassados”. A Dança do Siriri

também foi bastante mencionada pelos estudantes e foi definida por um deles como sendo “a dança que mostra as tradições do nosso quilombo”. A Dança do Cururu, que é definida por um dos estudantes como sendo uma dança normalmente cantada e dançada apenas pelos homens da comunidade. A Dança do Congo também é uma dança protagonizada pelos homens da comunidade. Esta dança foi conceituada por um dos estudantes como sendo “uma dança onde são representadas as lutas quilombolas”.

Em relação ao eixo ‘Gastronomia’, os estudantes listaram diversas comidas típicas tradicionais do quilombo, sendo elas: Banana frita, banana verde com carne, mandioca com carne, farofa de banana, paçoca de carne, maria isabel, feijão tropeiro, galinha com arroz e feijoada. Percebe-se a banana como um elemento cultural de grande influência na culinária do quilombo, isso porque as pessoas nascidas no município de Nossa Senhora do Livramento (a 42km de Cuiabá), onde está localizado o Quilombo Mata Cavallo, são popularmente conhecidas como “papa bananas”. Livramento, como também é conhecido, é um dos municípios mais antigos do estado de Mato Grosso e tem em sua agricultura de subsistência o destaque para a produção de bananas, que são usadas, além da gastronomia, para fins medicinais e também no artesanato.

Desta forma, a banana tem um papel importante para esta comunidade e possui inclusive a sua própria festa, a Festa da Banana, que é realizada pela Comunidade Quilombola de Mutuca, que integra o território do Quilombo Mata Cavallo, e já está em sua 14ª edição. Tem como objetivo preservar a cultura do plantio de bananas de forma sustentável e sem utilização de agrotóxicos. A Festa da Banana também é conhecida por resgatar a cultura e as tradições quilombolas e é palco de grandes manifestações culturais. Nesta festa, há apresentações culturais, como a Dança Afro, o Siriri, Cururu, Congo e, por conta de todo o impacto que ela gera nesta localidade, a festa foi amplamente mencionada pelos estudantes nos *post-its*, principalmente pelo seu potencial de resgate e divulgação da cultura quilombola. Mas nem só de Festa da Banana vivem os “papa bananas”. Além dela, outras festas tradicionais que acontecem no território do quilombo também foram citadas. São elas: as Festas da Comunidade e as Festas de Santo.

Figura 11 - *Post-its* do Cartaz referente ao Eixo Cultura



Fonte: Arquivos pessoais

Onde tem festa, tem música! A comunidade quilombola foi descrita por alguns estudantes como um lugar alegre, repleto de músicas e danças. Outro estudante destacou que as festas fazem parte do cotidiano quilombola e que na comunidade há um grande número de cantores, compositores e dançarinos que expressam sua arte como uma manifestação cultural de resistência, luta e esperança dos povos ancestrais.

De acordo com Nascimento (2019), a música fornecia ao negro escravizado um pouco de consolo de suas dores e sofrimentos. O autor chama a atenção para o samba que atualmente circula no mundo, mas teve sua criação e evolução repleta de obstáculos, tolhendo-se a sua liberdade de expressão, criação e expansão. Nascimento (2019) acredita que os cantores e compositores são a herança dos cantos enviados de África e corroboram para que mantenham viva a continuidade da cultura dos nossos ancestrais.

Outro eixo citado pelos estudantes diz respeito à Capoeira. Para Nascimento (2019, p. 156), “a dança, o ritmo e a música da capoeira compõem um evento criativo de herança africana de alta significação artística”. E, junto com a Capoeira, vem os seus cantos e instrumentos como o berimbau, o atabaque e o ganzá, que também é um instrumento utilizado nas manifestações culturais das danças de Siriri e Cururu.

O teatro também foi mencionado pelos estudantes com “Teafro”, que é o grupo de teatro da escola. De acordo com Nascimento (2019), a história do teatro brasileiro repete o trágico conceito do racismo imposto pela sociedade, que reserva para os personagens negros apenas personagens de servidão, de violência ou personagens que fazem pessoas brancas rirem, replicando os estereótipos sociais. Desta forma, Nascimento (2019) relembra a história do teatro

no Brasil e que ser ator teatral era considerado, em uma escala social, uma atividade de baixo prestígio. Por conta disso, era reservada aos negros e mestiços, já que não se recomendava que uma pessoa branca tivesse o teatro como profissão. Logo, neste primeiro momento, para representarem personagens brancos os atores teatrais de pele negra usavam uma pincelada de tinta branca em seus rostos. Entretanto, o autor explicita que, assim que o teatro ganhou alcançou uma posição de prestígio, os negros foram escorraçados dos palcos e o único momento no qual tiveram a chance de entrar no teatro foi para limpar a sujeita deixada nos auditórios, camarins, palcos e banheiros.

Assim sendo, o Grupo Teafro representa uma oportunidade para que os estudantes que se interessam pelo teatro como expressão artística explorem o seu talento e desenvolvam os aprendizados relacionados a essa arte. Para realização de tal, a escola se manifesta como espaço seguro, acolhedor e potencializador da ação participativa e colaborativa da criação de novos saberes. Em concordância, Nascimento (2019) destaca a emergente necessidade do fortalecimento de organizações negras, dirigidas por pessoas negras e que reforcem que pessoas negras têm o direito de ocupar todos os níveis da sociedade brasileira. Outros tópicos mencionados pelos estudantes foram as lendas, contos e brincadeiras que dialogam com o lúdico e estão muito presentes na arte do teatro.

As artes plásticas também foram mencionadas pelos estudantes, que deram destaque às pinturas, quadros e desenhos. Não há dúvida de que essa manifestação cultural é intrínseca aos estudantes da escola quilombola, vistos os vários desenhos que lembram a cultura negra que estão espalhados por todas as paredes da escola e que, na Oficina de Produção de Vídeo, serviram como cenário para a maioria das produções protagonizadas pelos próprios estudantes, como será visto mais adiante.

Figura 12 - Equipe de trabalho desta pesquisa



Fonte: Arquivos pessoais

Desta forma, a própria escola também se destaca como um prédio que promove a propagação da cultura quilombola, e foi citada pelos estudantes. Há necessidade de salientar que as escolas rurais e quilombolas exercem uma influência maior na vida do cotidiano de uma comunidade do que uma escola urbana. No caso das escolas rurais e quilombolas, elas são lugares onde tudo acontece. É um ambiente de convívio comunitário, é lá onde são realizadas as festas tradicionais, regionais, religiosas, culturais, políticas ou seja, as escolas rurais e quilombolas sediam praticamente todos os eventos da comunidade.

No território da escola, também existe a Casa da Cultura Quilombola, que foi mencionada pelos estudantes como um marco importante cultural local. Outro tópico mencionado pelos estudantes e também presente nas escolas são os cabelos trançados e os turbantes. Me senti conectada com aquele lugar desde o princípio. É muito incrível olhar em volta e ver as meninas usando suas tranças e turbantes livremente como uma coroa. Me lembro de que, quando eu frequentei o ensino médio, sofri bastante preconceito por conta da estrutura dos meus cabelos afros e das minhas tranças. Então, presenciar aquelas crianças e adolescentes em seu cotidiano com seus cabelos naturais e adornos representou muito para mim.

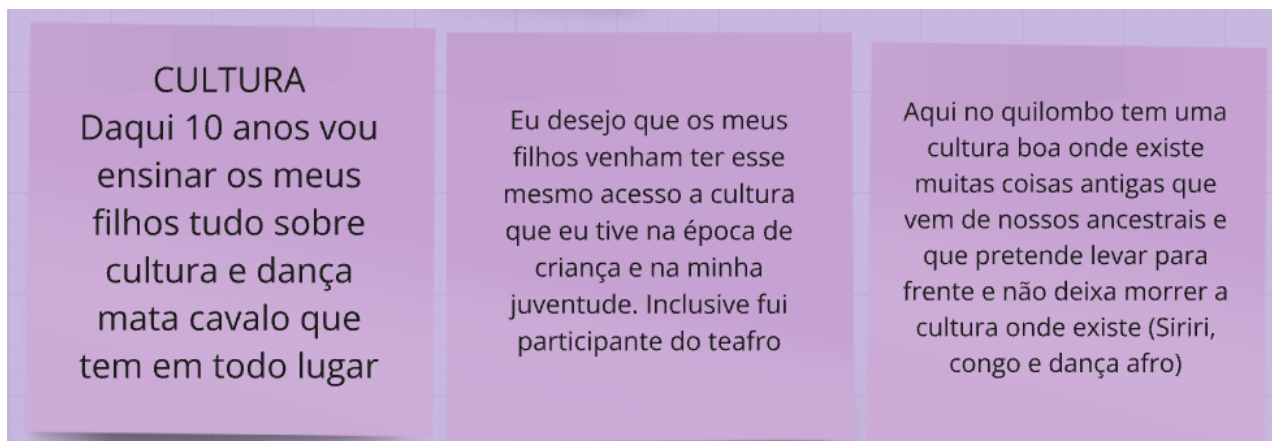
A “própria linguagem” também foi citada pelos estudantes como uma característica da cultura local. E de fato é! No cartaz, duas expressões desafiaram o meu entendimento: “roça-de-toco” e “muxirum”, que também foram citadas pelos estudantes como parte da cultura quilombola. Para Freire (1996), a curiosidade convoca a imaginação, a intuição e as emoções que, juntos, buscam em seu repertório a capacidade de pensar sobre o assunto, comparar e buscar a sua razão de ser, e foi o que eu fiz. Busquei os estudantes pelo grupo que tínhamos criado na plataforma WhatsApp na época em que as oficinas foram realizadas. Contudo, a

maioria deles já havia saído do grupo. Enviei, então, uma mensagem privada para uma das estudantes que ainda estava no grupo, que me enviou o telefone de uma das professoras da escola, e a mesma me explicou os conceitos.

“Roça-de-toco” é uma tradição milenar de povos originários indígenas e quilombolas. Pode ser conceituado como um sistema de cultivo que tem como característica a derrubada das árvores de um pequeno território e queima da vegetação com o propósito de fertilização do solo de maneira segura e controlada e preservando o “toco” ou que é uma parte do caule da árvore derrubada. Após isso, o território passa por um período de cultivo e, depois da queda da fertilidade do solo, o mesmo passa por uma pausa para que haja a restauração da fertilidade, unindo, dessa forma, a produção e a conservação. De acordo com Ferreira (2020), estas pequenas plantações são tidas como uma oportunidade de apoio ao sustento e subsistência das seis comunidades do complexo Mata Cavalo e a produção é diversa, sendo possível encontrar legumes como mandioca, abóbora e batata, hortaliças, ervas medicinais e, claro, banana, e outros alimentos de subsistência.

É quando chega a época de colheita que conhecemos o “muxirum”, que significa trabalho em grupo. A professora me explicou que, quando uma pessoa precisa de algo, como construir uma casa, plantar ou colher, toda a comunidade se reúne em prol deste mesmo objetivo. Para realizar esse trabalho coletivo, o anfitrião precisa servir o almoço para quem está trabalhando. Desta forma, o grupo do “muxirum” se divide em pequenas equipes para trabalhar e cozinhar. É também uma forte característica do “muxirum” que seja realizado um rodízio de anfitriões, assim, todos conseguem ajudar e ser ajudados pelo grupo.

Desta forma, os estudantes e os professores contribuíram para a ampliação do meu repertório. Assim, para Freire (2014), quando educador e educandos cooperam em uma tarefa, ambos estão sujeitos a recriar este conhecimento.



Fonte: Arquivos pessoais

Os comentários sobre a cultura quilombola exalam a paixão dos estudantes pelas tradições e pela cultura do quilombo. É nítido como eles estão envolvidos e imersos na cultura e como ela faz parte do cotidiano deles dentro e fora da escola. De acordo com Nascimento (2019), os negros brasileiros, mesmo com toda a violência à qual foram submetidos, não perderam de sua essência a alegria e o gosto por dançar, cantar e celebrar a vida o que manteve viva a luta e a história afrobrasileira. O autor salienta que nenhuma das expressões culturais se rendeu passivamente às tentativas, sutis ou violentas, de embranquecimento, silenciamento e esquecimento da cultura africana.

Eu não esperava ler as percepções que destaquei aqui neste capítulo, estudantes entre 14 e 19 anos desejando que seus filhos tenham acesso à cultura tradicional, que é passada de geração em geração, conforme eles também conheceram, evidência, para mim, o quanto é importante estar conectado à comunidade e às tradições. Sempre me identifiquei com a cultura afrobrasileira de um modo geral, mas esta oficina mudou o meu jeito de ver o mundo, de enxergar a cultura do meu estado e desta comunidade quilombola. Eu não esperava que iria aprender tanto com esses estudantes em apenas dois dias de oficina. Freire é um dos principais autores a quem eu recorro ao longo deste trabalho, pois, de fato, o autor traduz o que vivenciei nesta experiência. Para Freire (2014), não é apenas o educador quem educa, mas o educador, enquanto educa, também é educado pelo educando, e, assim, ambos crescem e aprendem juntos.

O último comentário me fez lembrar da música da Alcione Marrom: “não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar!” Cultura é feita de gente para gente. Se não há gente, não há cultura. Para a perenidade das tradições quilombolas, é preciso que haja esse envolvimento e essa paixão.

4.2 Oficina de Produção de Vídeo²

4.2.1 Eixo História do Quilombo

A primeira atividade teve como eixo principal trazer à tona o reconhecimento por parte deles sobre a história do quilombo, fazendo com que identificassem e contassem a história de pessoas importantes para a escola e a comunidade quilombola.

A esse respeito, Luiz (2019) salienta que a educomunicação possibilita que os estudantes possam externar as suas percepções, informando a todos a sua realidade e, por meio disso, auxiliando outros no processo de ensino-aprendizagem.

A pergunta orientadora para a produção do vídeo do Eixo História do Quilombo era: Quem são, historicamente, as pessoas mais lembradas do quilombo/escola? E por quê? Para responder a tal pergunta, propusemos que os estudantes deveriam filmar a si mesmos respondendo a essa questão, além de entrevistarem outra pessoa. Neste caso, as professoras foram escolhidas para dar o depoimento, em formato semelhante ao da entrevista jornalística.

No vídeo 03³, uma professora pedagoga se apresenta como bisneta de Antônio Mulato e neta de Tereza Conceição de Arruda. A professora cita ambos como as pessoas mais importantes da escola e da comunidade, justifica que Tereza e Antônio foram os responsáveis pelo acesso à educação pela Comunidade Mata Cavalo e conta que Tereza se formou e foi a primeira professora do quilombo porque a professora anterior, enviada para a comunidade, não tolerava a presença de estudantes negros em sala de aula. Já o senhor Antônio Mulato, segundo a professora, também é um dos responsáveis pela estruturação da escola, da educação e da comunidade de um modo geral. Abreu (2019) salienta que a educação é a essência da história da comunidade e sempre esteve presente e que, para os quilombolas, a educação é um símbolo de resistência e luta da comunidade. A autora afirma que a característica fundamental da existência de uma comunidade quilombola são sua luta e resistência contra o racismo estrutural (Abreu, 2019).

Em outro vídeo⁴ aparece uma estudante que entrevista a professora de Ciências, enquanto é gravada na vertical por um outro estudante do grupo. A estudante entrevistadora

² Os vídeos elaborados pelos estudantes e analisados neste tópico estão disponíveis no link a seguir e também em uma imagem com o link em QRCode que está disponível no capítulo de anexos: https://www.youtube.com/watch?v=hL8Hj5Vndoo&list=PLxb3yb603EOyz4YStSQD0vpZUEPLND_g8

³ Vídeo 03 - HISTÓRIA: <https://youtube.com/shorts/MTgfsOUMpDg?feature=share>

⁴ Vídeo 05 - HISTÓRIA: <https://www.youtube.com/shorts/J7wSARDNSJM>

aparece tímida no vídeo, mas foi uma das mais participativas durante os bastidores da oficina. Ao responder à pergunta: Quem são, historicamente, as pessoas mais lembradas do quilombo/escola? E por quê?, a professora nos dá uma aula de história local. Ela explica que, desde meados de 1940, existem pessoas como o senhor Antônio Mulato movimentando a comunidade para que o quilombo conseguisse obter acesso à educação de qualidade. A professora relata que Tereza Conceição de Arruda, filha de Antônio Mulato e que dá nome a esta escola, também contribuiu muito para esta luta pela educação. A professora cita o nome de outras escolas quilombolas que estão localizadas em outras comunidades do território de Mata Cavalo como uma conquista de todos que ali habitam, em especial a Escola Municipal São Benedito.

Ela relembra que em 2012 a escola Tereza Conceição de Arruda foi inaugurada e que Tereza foi professora de educação infantil da maioria das pessoas da comunidade de Mata Cavalo e de outras comunidades quilombolas do entorno, promovendo, assim, a união entre as comunidades e fomentando o surgimento de novos professores, o que nos remete a Paulo Freire. A comunidade teve privado o seu direito de acesso à educação e, somente quando eles mesmos, os oprimidos, neste caso, na pessoa da dona Tereza Conceição arruda, aprende a ler e escrever e torna-se então professora de toda a comunidade, é que os mesmos conseguem se engajar na luta organizada em prol de sua libertação, aqui elucidada pelo acesso à educação, e começam a crer em si mesmos, superar suas próprias adversidades, mas não somente pela ação, mas pela reflexão, potencializando cada vez mais a educação e também uns aos outros (Freire, 2014)

No vídeo 01⁵, os estudantes entrevistaram a diretora da escola, filmaram-na respondendo à pergunta norteadora de uma forma que a única pessoa que aparecia no vídeo era a diretora. Ao ser questionada sobre quem são, historicamente, as pessoas mais importantes da escola, a diretora respondeu prontamente e com um belo sorriso no rosto que são os estudantes.

No vídeo 04⁶, os estudantes entrevistaram a professora de Língua Portuguesa. Ela também foi filmada sozinha no quadro enquanto respondia à mesma pergunta. A professora também respondeu que os estudantes são as pessoas mais importantes da escola e, mesmo reconhecendo que todas as funções exercidas dentro da escola são importantes, para ela os estudantes são de maior relevância. A energia e o sorriso dessas duas educadoras foram como um afago em meu coração e me fizeram lembrar de Freire (1996), que defende que o amor é intrínseco à educação e que não se pode falar de educação sem amor.

⁵ Vídeo 01 - HISTÓRIA: <https://youtube.com/shorts/P3Gy-ZBbUoc>

⁶ Vídeo 04 - HISTÓRIA: <https://www.youtube.com/shorts/bOJE-ICOMYU>

No vídeo 02⁷, dois estudantes filmaram a si próprios em formato de selfie, enquanto respondiam à pergunta norteadora. A primeira estudante reconheceu a importância de Tereza Conceição de Arruda, que dá nome a escola onde aplicamos esta pesquisa, afirmando que a mesma lutou pela construção da escola e pela educação na comunidade do Quilombo. O segundo estudante que aparece no vídeo, menciona Sandra Aparecida, a secretária escolar da escola onde estudam, como membro importante da comunidade. Isso evidencia a valorização do legado histórico deixado por Tereza Conceição de Arruda na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, ao passo que eles fizeram esse resgate histórico reconhecendo a importância do empenho e dedicação de Tereza também foram capazes de perceber a relevância de quem faz parte da administração escolar no atual momento. Isso nos conecta com a lembrança de que a secretária escolar que executa as atividades importantes para o bem-estar e bom funcionamento da instituição escolar também é vista e lembrada como membro importante. Sobre isso, Freire (2014) defende que no silêncio não fazemos a diferença no contexto em que estamos, mas, sim, na palavra, no trabalho e no compartilhamento de saberes coletivos construídos em comunidade.

No vídeo 06⁸, um estudante filmou a si mesmo em formato selfie. Ele aparece sozinho no vídeo, respondendo à pergunta proposta. O estudante menciona três pessoas que, segundo ele, são as mais importantes para o quilombo e para a escola. São eles: Tereza Conceição de Arruda, que dá nome à escola; Antônio Mulato, que é pai de Tereza e um grande defensor da luta pelo acesso à educação pela comunidade quilombola; e Gonçalina. O estudante justifica que Antônio Mulato e Tereza Conceição de Arruda lutaram muito para que existisse uma escola no quilombo e que, antes disso, os estudantes precisavam se deslocar até a cidade para ter acesso à educação básica. O estudante lamenta que Tereza faleceu antes de presenciar a escola quilombola que carrega o seu nome construída e lembra que o senhor Antônio Mulato chegou a acompanhar parte da construção da escola. Por fim, sobre Gonçalina, o estudante afirma que “está viva, graças a Deus”, mantendo viva a luta da comunidade e representando a mesma em convenções e congressos, também lutando pelos direitos da população quilombola junto à prefeitura local. Para o estudante, os três, em diferentes recortes de tempo, representam a luta e a resistência e a luta por direitos e equidade da comunidade quilombola.

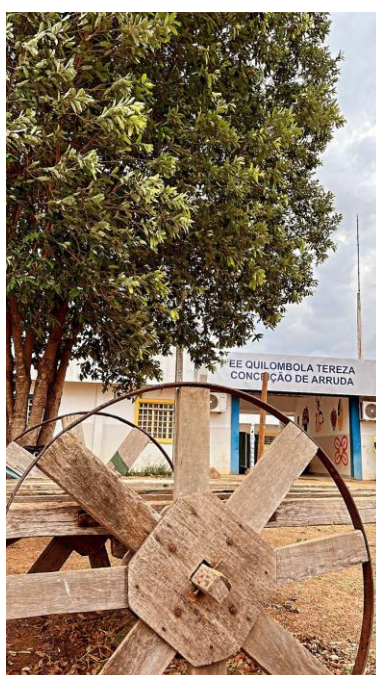
Do mesmo modo que a roda nunca para de girar, a luta no quilombo também nunca acaba. De acordo com Ferreira (2020), durante décadas a comunidade quilombola teve que

⁷ Vídeo 02 - HISTÓRIA: <https://www.youtube.com/watch?v=qaxsDo0hmDM&feature=youtu.be>

⁸ Vídeo 06 - HISTÓRIA: https://youtu.be/LIkx_Y1vV6k?feature=shared

conviver com infortúnios ambientais e sociais, este relacionado principalmente ao acesso à educação básica. O autor relembra que por muito tempo as construções foram improvisadas e sujeitas à imprevisibilidade das estações climáticas e sem nenhuma segurança ou conforto, e, ainda assim, esse espaço, que era como um “barracão de palha”, ainda era a fortaleza para a realização de festas, assembleias e reuniões evidenciando assim a prática de injustiça e racismo ambiental no ambiente escolar (Ferreira, 2020).

Figura 14 - Foto da escola



Fonte: Arquivos pessoais

Ter acesso a toda essa bibliografia e depois visitar a escola Tereza Conceição de Arruda atualmente é reconfortante. Hoje, a mesma possui uma estrutura bonita, repleta de desenhos, colorida e alegre. As salas de aula são equipadas com ar-condicionado e smart TV com acesso à internet e os estudantes têm acesso ao ensino básico, fundamental e médio integral e, no período noturno, têm a Educação de Jovens e Adolescentes (EJA).

4.2.2 Eixo Meio Ambiente

Já a segunda atividade teve como foco buscar entender como é a relação deles com o meio ambiente. Logo, propusemos que fossem produzidos vídeos que respondessem a perguntas orientadoras sobre o uso da horta que a escola possui, o uso do rio, as dificuldades

de se morar no quilombo e quanto ao uso do fogo na comunidade, entendendo seus benefícios e malefícios. A dinâmica de gravação aconteceu do mesmo modo: filmando a si mesmo, aos colegas e entrevistando uma pessoa de fora do grupo, na qual os professores e professoras não mediram esforços para contribuir e ceder entrevistas aos estudantes que participavam da oficina. Ao todo, este eixo obteve um total de nove vídeos produzidos pelos estudantes. Neste sentido, Luiz (2019, 183) defende que “a educomunicação socioambiental é capaz de criar narrativas, cujo mote é resistir às pretensões dominantes”.

Foram sugeridas quatro perguntas orientadoras para a gravação dos vídeos deste eixo: Quais alimentos são mais cultivados na horta da escola? Quais são os aspectos positivos e negativos da relação do fogo com o meio ambiente? Quanto ao rio: você o utiliza? E por quê? Quais são as dificuldades de morar e/ou estudar no quilombo?

Os grupos se espalharam pelo pátio à medida que interagiam mais com as atividades. Nesta parte, alguns escolheram gravar debaixo da árvore perto da horta, outros optaram pelo cenário ao lado com uma pintura na parede escrita “eu amo Mata Cavallo”. O ato de refletir no espaço de filmagem, a posição do celular para a gravação e até nas perguntas do roteiro nos indica maior aderência à oficina proposta com o passar das horas.

Para responder à pergunta sobre os alimentos mais cultivados na horta da escola, os estudantes dos dois grupos tiveram ideias diferentes. Um grupo optou por entrevistar a merendeira da escola⁹, sentados à mesa do refeitório, em segundo plano e em formato de entrevista *ping-pong*. Este mesmo grupo teve a iniciativa de implementar o roteiro com outra pergunta relacionada ao tema. Isso tangibiliza um momento de construção coletiva e colaborativa. A estudante perguntou, além dos alimentos cultivados na horta, para que eles são usados. A merendeira afirmou que os alimentos cultivados são couve, alface, cebolinha, rúcula e rabanete e que os mesmos são usados para servir na própria escola como merenda e ou temperos. Nakagawa (2018) salienta que as hortas precisam de simples cuidados e manutenção e, em contrapartida, oferecem vários benefícios à saúde humana, tais como o incentivo à alimentação saudável e contribuem para a diminuição dos efeitos da emissão de carbono.

Figura 15 - Parede Eu amo Mata Cavallo

⁹ Vídeo 03 - MEIO AMBIENTE: https://youtu.be/C9g_5FhiaX4?feature=shared



Fonte: Arquivos pessoais

Em resposta à mesma pergunta, sobre os alimentos cultivados na horta da escola, o outro grupo participante desta oficina escolheu como locação da gravação do vídeo a própria horta da escola¹⁰. O formato era de entrevista *ping-pong*, na qual havia um estudante gravando com o celular e o outro estudante entrevistando o professor responsável pela horta. Sob essa perspectiva, visto que a temática da horta pode estar atrelada à temática de educação ambiental no ambiente escolar, é importante salientar que não somente essas atividades são capazes de demonstrar a capacidade de se atingir a partir da aplicação da educação ambiental no ambiente escolar. Fora da sala de aula, criam-se elos a partir da interdisciplinaridade e quebra os paradigmas de que as aulas devem sempre acontecer dentro da sala de aula, mas, sim, ocupando outros espaços do ambiente escolar e aprendendo, com isso, a partir do diálogo entre estudantes e professores (Brito, 2021).

Ao perguntar ao professor sobre os alimentos mais cultivados, o professor relata que, apesar de, naquele momento em que a gravação está sendo realizada, não haver nenhum item na horta, ali se planta principalmente couve e alface. Nesta hora, o estudante entrevistador encoraja o estudante que está filmando a mostrar um pouco mais da horta para poder ilustrar o vídeo.

Ele também implementa o roteiro e faz uma segunda pergunta ao professor, sobre o trabalho na horta e o acesso às sementes para o plantio. É aí que o professor relata o passo a passo desde a compra das sementes até a salada pronta para comer. O ato de buscar uma pessoa para ser entrevistada na escola, posicionar a câmera do celular assertivamente e implementar o roteiro sugerido com novas perguntas evidencia, para mim, que ambos os grupos estavam plenamente engajados nesta atividade. De acordo com Freire (2014), a presença e participação

¹⁰ Vídeo 06 - MEIO AMBIENTE: <https://youtu.be/1E3lXfnc40A?feature=shared>

dos estudantes em busca da sua libertação deve ser mais do que uma participação por conveniência, deve ser uma participação com engajamento, e assim o fizeram.

No mesmo vídeo, o professor, então, explica que as sementes precisam vir da cidade de Livramento ou de Várzea Grande e que, após a chegada das mudas ou sementes, os estudantes são convocados a participar do processo, para que seja realizado o preparo do canteiro. O trabalho colaborativo está presente em Mata Cavalo. Freire (2014) defende que não há conhecimento, se os estudantes não forem chamados a conhecer e a participar da criação deste conhecimento.

Em resposta à pergunta sobre os aspectos positivos e negativos da relação do fogo¹¹ com o meio ambiente, os principais pontos positivos foram: assar os alimentos, auxiliar na limpeza do terreno e a utilização do fogo no manejo da roça-de-toco. Quando assisti a esse vídeo pela primeira vez, eu não tinha ideia do que significava o termo ‘roça-de-toco’. Porém, ao retomar o contato com a comunidade em busca do esclarecimento deste conceito, aprendi com eles. Para Freire (2014) manter o diálogo é fundamental para que haja o saber colaborativo, pois é a partir do diálogo genuíno que os sujeitos se transformam e se humanizam.

Ao contrário do fogo de amor de Luís Camões, que arde sem se ver, os aspectos negativos do fogo são perceptíveis aos olhos dos estudantes e professores que responderam a essa pergunta nos vídeos produzidos por eles. Os principais apontamentos foram de que o fogo destrói o meio ambiente e toda a sua biodiversidade, causando tragédias ambientais, extinção de animais e desmatamento. Os índices relacionados aos incêndios em Mato Grosso são gravemente críticos, sendo que o Estado se destacou por ser o que mais queimou desde janeiro de 2024, conforme os dados do Programa BDQueimadas, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Uma das estudantes, que grava a si mesma em primeiro plano¹², cita que, no dia anterior à gravação, havia acontecido na comunidade um incêndio na residência de uma das professoras. A estudante reforça, então, a importância da consciência quanto ao uso responsável do fogo e quanto às possíveis consequências financeiras, ambientais e sociais para a comunidade. Citelli, Soares e Lopes (2019) defendem que a educomunicação promove, por meio de estratégias multi-inter-transdisciplinares, o diálogo e a construção de saberes em educação.

Para responder à pergunta relacionada ao uso do rio, as principais respostas foram que utilizam o rio para se refrescar do calor, para pesca e para banhos e brincadeiras. A poluição e

¹¹ Vídeo 04 - MEIO AMBIENTE: <https://youtu.be/A02a0GTaAYg?feature=shared>

¹² Vídeo 07 - MEIO AMBIENTE: <https://youtu.be/d9C1LFX0HZk?feature=shared>

a seca dos rios da localidade também foram mencionadas. E não é de ontem para hoje que esses impactos ambientais são percebidos pela comunidade. Por conta do aumento do número de incêndios florestais, a bacia do Rio Paraguai, que abastece a comunidade, está cada vez mais seca, prejudicando o acesso da comunidade à água potável para subsistência. Em função dos impactos ambientais, a Agência Nacional de Águas (Ana) declarou situação de escassez hídrica na bacia do Paraguai até 31 de outubro de 2024.

Um dos grupos entrevistou duas professoras, uma de cada vez. Para fazer a entrevista, o estudante optou pelo formato *ping-pong* (pergunta e resposta) entre ele e a professora. Como cenário, o estudante escolheu a parede escrita “eu amo Mata Cavallo”, e a câmera captou as imagens em plano aberto, com o celular na vertical.¹³

Entre os tópicos elencados pelas docentes como dificuldades em residir na comunidade quilombola estava o acesso à água potável para consumo doméstico, dificuldade de acesso ao registro de terra e moradia, transporte para ir para a universidade ou até mesmo ao centro da cidade.

Esses são exemplos evidentes de racismo. O conceito de racismo ambiental está diretamente relacionado com a injustiça climática e com os direitos humanos, pois, quando ocorre racismo ambiental, os principais afetados pelos impactos ambientais causados pela emergência climática são populações em vulnerabilidade social ou comunidades formadas majoritariamente por pessoas negras, como é o caso do quilombo (Bellaguarda, 2022).

A professora aponta também como ponto negativo que vivenciam a falta de acesso a lugares para o lazer, uma vez que até os rios que estão localizados nas redondezas ou estão secos devido às emergências climáticas ou foram invadidos por garimpos ilegais, êxodo rural dos jovens da comunidade para os grandes centros em busca de melhores oportunidades de emprego e sobrevivência. Assim sendo, as adversidades enfrentadas relatadas pela professora evidenciam que a forma como o racismo ambiental se manifesta, privando a comunidade quilombola de seus direitos básicos em um ciclo perene de vulnerabilidade e desigualdade social.

¹³ Vídeo 04 - MEIO AMBIENTE: <https://youtu.be/A02a0GTeAYg?feature=shared> E Vídeo 05 - MEIO AMBIENTE: https://youtu.be/LA2_nvPzIrc?feature=shared

4.2.3 Eixo Cultura

Com o objetivo de observar como eles entendem a cultura que os permeiam, no terceiro e último exercício da Oficina de Produção de Vídeo foi solicitado para que filmassem a Casa da Cultura Quilombola, explicando seu significado e importância para a comunidade. A Casa da Cultura é um espaço-memória construído ao lado da escola, no mesmo terreno. Lá são guardados alguns elementos que contam um pouco da história do quilombo e outros objetos regionais. Nesta última proposta, o grupo deveria gravar o cenário e uma narração para explicar o que estava sendo mostrado.

Figura 16 - Casa da Cultura Quilombola



Fonte: Arquivos pessoais

O ato de produzir este vídeo¹⁴ evidencia o que Freire (2014) intitula de ação libertadora e construção coletiva do saber, no qual os estudantes são mais do que apenas os receptores do conhecimento, mas protagonistas da construção e compartilhamento deste, como também de suas vivências e histórias. Desta forma, ao filmarem a Casa da Cultura Quilombola, os estudantes não apenas relataram o que estava sendo apresentado, mas também se conectaram

¹⁴ Vídeo 01 - CULTURA: <https://youtu.be/hL8Hj5Vndoo?feature=shared>

com a própria cultura que os cerca no ambiente escolar e, com este ato, exerceram um papel ativo na transmissão deste conhecimento por meio deste material midiático.

Na última parte da oficina, os estudantes foram desinibidos durante a produção. Foi uma atividade que levou mais tempo, mas que eles acabaram se dedicando mais para a sua edição, embora tenhamos recebido apenas um vídeo finalizado representando este eixo. Entretanto, o nível de edição e detalhamento da apresentação do vídeo que os estudantes apresentaram da Casa da Cultura superou as expectativas que tínhamos acerca daquela atividade, uma vez que os estudantes realizaram imagens externas, da chegada até o lugar, identificando os elementos ali expostos, além da importância para se contar a história de Mata Cavalo.

Assim sendo, é emergente manter viva a cultura quilombola por meio da Casa da Cultura, que é muito mais do que um espaço físico, mas, sim, uma fortaleza que guarda as memórias e as identidades da comunidade quilombola assegurando a preservação da história afro-brasileira. A cultura negra é conceituada por Nascimento (2019) como unidade criativa de forças cuja qual devemos preservar para fazer história. Desta forma, o autor elucida que, mesmo ao longo de séculos de tentativa de silenciamento e violência, a cultura negra resistiu e cada vez mais tem se tornado crescentemente e importante, de modo que passou a exercer uma função crítica diante da sua essência criativa e libertadora (Nascimento, 2019).

Logo depois, reservaram um tempo para a edição desses vídeos: usaram recursos de aceleração de imagens, houve também a sobreposição de áudio (gravado à parte) em cima do vídeo. As técnicas de edição de vídeo e narração não foram trabalhadas durante a oficina, eles já detinham esse conhecimento e o colocaram em prática com aquela atividade. Para Freire (2014), é papel do educador proporcionar oportunidades para que as equipes interdisciplinares possam desenvolver o senso crítico e resolver de forma libertadora os desafios propostos, e não apenas entregar a resposta desejada sem que houvesse nenhuma construção colaborativa em busca da tal resposta.

Mas o que me encantou no vídeo produzido pelos estudantes não foi somente o vídeo por si só, mas também a forma, pois eles ilustraram o vídeo com a participação de vários colegas desempenhando atividades culturais dentro da escola. É um novo jeito de fazer algo que já existe. O vídeo pode auxiliar na divulgação das atividades e atrativos culturais que estão disponíveis na escola. Por fim, além de mostrar o espaço cultural, apresentaram a escola para quem vem de fora.

De acordo com Nascimento (2019), a cultura proporciona uma forma de conexão com os valores de uma sociedade pan-africana com o compartilhamento dos saberes coletivos com criatividade e cooperação. Para o autor, a cultura negra é um elemento fundamental da

libertação do povo negro e da liberdade de expressão de sua cultura. Por conta disso, faz-se necessário que as culturas negras se tornem contemporâneas, sem perder a sua essência e tradição. O vídeo produzido pelos estudantes pode ser um exemplo disso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Basta assistir aos jornais pela televisão ou pela internet para se deparar com inúmeras manchetes que informam os impactos e tragédias ambientais que estão acontecendo a todo o tempo, no Brasil e no mundo. Notícias como: “2,1 milhões de crianças e adolescentes vivem sem acesso adequado a água no Brasil, alerta UNICEF”; “Cidade de São Paulo tem ar mais poluído do mundo, aponta ranking internacional”; “Pantanal: incêndios disparam mais de 1000% e bacia do rio Paraguai tem seca recorde” e “MT é o estado da Amazônia Legal que mais desmatou no 1º bimestre de 2024” são servidas no café da manhã.

Emerge-se, então, que sejam tomadas as medidas cabíveis em prol de mitigar os impactos causados pela emergência climática, principalmente porque os que mais sofrem com as consequências desses impactos são justamente os que menos contribuíram para que a situação ficasse tão catastrófica como está, desenvolvendo, assim, um contexto de injustiça ambiental. Na maioria das vezes, os que mais sofrem com os resultados de toda essa destruição do planeta são as populações quilombolas ou em situação de vulnerabilidade social, como povos marginalizados, ribeirinhos e moradores das grandes favelas do Brasil, criando também um contexto, além de injusto, mas também de racismo ambiental.

Diante deste cenário crítico de emergência climática, faz-se necessário tomar as medidas para que possamos minimizar tais impactos. Assim, a educação ambiental surge como aliada, pois tem em seu cerne a luta pela superação das injustiças ambientais e desigualdades sociais (Sorrentino, 2005). Como, também, o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da educação popular, como é o caso desta, proporciona a oportunidade de trabalhar a educomunicação como uma prática transformadora com capacidade da propagação destes conhecimentos (Luiz, 2019).

Em vista disso, esta pesquisa teve como objetivo valorizar o entendimento da comunidade escolar sobre a emergência climática por meio de produção comunicacional genuína. A partir disso, o problema que esta pesquisa buscou responder foi: “de que maneira a educomunicação poderia externar a percepção e o entendimento dos estudantes a respeito da emergência climática?”

Para responder tal pergunta, tínhamos as hipóteses de que, a partir da realização das oficinas de meio ambiente, os estudantes se dessem conta de que estariam inseridos em um cenário de emergência climática e injustiça ambiental e que participassem ativamente da oficina de meio ambiente demonstrando as suas percepções por meio dos *post-its*. Também, esperava-se que estudantes e professores participassem ativamente das produções midiáticas proporcionadas pela oficina de produção de vídeo e que, desta forma, fossem alcançados

resultados positivos em relação a compreensão da emergência climática pelos estudantes e professores. Por fim, a expectativa era de que as produções educacionais fossem divulgadas para a comunidade escolar e que ações sustentáveis fossem implementadas no ambiente escolar, já que foram desenvolvidas a partir da construção colaborativa.

Por meio dos métodos de pesquisa participante, foram realizadas duas oficinas: uma de meio ambiente e outra de produção de vídeo com os estudantes. Com a oficina de meio ambiente, os estudantes expressaram suas percepções em *post-its* acerca dos elementos água, terra, fogo e ar e a cultura, no contexto de como eles se relacionam com esses temas na infância, no presente e o que esperavam no futuro.

Nesse sentido, identifiquei que os estudantes tinham uma visão positiva e inocente dos elementos no passado, contudo, no presente e no futuro, as visões dos elementos tornaram-se pessimistas, visto o contexto de emergência climática que assola o nosso planeta. Em relação à cultura, os estudantes expressaram muito apreço às tradições locais e desejam que a cultura seja perene, a fim de perpetuar para as futuras gerações.

Com a oficina de vídeo os estudantes responderam perguntas acerca dos eixos “história do quilombo”, “meio ambiente” e “cultura”, nos quais demonstraram ser muito participativos. Os estudantes, ainda que tímidos, compreendem a importância do espaço que ocupam, na medida em que, na produção dos vídeos, deram destaque a grandes símbolos de resistência da comunidade.

Apesar da dificuldade de responder às questões ambientais, quando oferecemos as atividades, os estudantes foram levados a pensar de maneira crítica. Ao entrarem em discussão em busca de respostas para serem gravadas em vídeo, eles reconhecem os desafios enfrentados por eles ao estudar na Comunidade Quilombola e chegam a um consenso.

E, atrelado ao processo da educação, observamos que mesmo não oferecendo nenhum guia de edição de vídeos, os grupos souberam aplicar essas funções, mesmo sem conhecimento dos termos técnicos. Sem nenhuma orientação sobre ambientalização de cenários, aplicam a técnica de forma apropriada, discernindo sempre qual o melhor espaço de gravação.

Colocar em prática tudo o que estudamos em dois anos ajudou para que toda a nossa base teórica fizesse sentido. Deste modo, reconheço a importância desta pesquisa tanto para a minha vida acadêmica, quanto para a minha vida pessoal. Durante as produções, os conceitos discutidos pelo grupo de pesquisa se fizeram presentes, como se a metodologia freireana (1987; 1996; 2013; 2018) passasse diante dos nossos olhos e assim eu ia entendendo passo a passo processos intrínsecos a ele.

Desta forma, do ponto de vista do meio ambiente e da emergência climática é urgente que cada vez mais sejam realizadas intervenções de educomunicação nos ambientes escolares, a fim de que os estudantes e professores possam desenvolver juntos e colaborativamente as medidas e ações individuais e coletivas que podem ser tomadas com o intuito de mitigar o desastre climático ambiental, fomentando que ações individuais fazem, sim, a diferença. A reciclagem, a compostagem, a hora orgânica, a destinação correta dos resíduos eletrônicos, enfim, todas as pequenas e grandes ações são importantes, para que, juntos, possamos alcançar resultados positivos alinhados com a sustentabilidade do nosso planeta.

O desenvolvimento de uma pesquisa em educomunicação é extremamente relevante, pois ele dá luz ao estudante como criador do conhecimento. Por meio da produção do material educacional, os estudantes protagonizam colaborativamente a construção de saberes, compartilham suas percepções e influenciam positivamente os demais a fazerem o mesmo em busca da própria independência e liberdade.

Em virtude deste contexto ambiental, esta pesquisa ressalta que é imperativo impulsionar as práticas de educomunicação ambiental, a fim de proporcionar o debate sobre sustentabilidade, promovendo-a como fator motivador para que as escolas adotem práticas sustentáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Adrianny de Arruda. **Uma escola no Quilombo: a história da educação, lutas e resistências na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1P6gBa3v5LI40x4duqzSLpE8MpB9HZEfu/view>. Acesso em: 01 ago. 2023.
- AREVAL, Amanda Martins de Espíndula. **Entre linhas e nós: um olhar da educação ambiental sobre o currículo na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2018. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1mLtMRCMdj0xhVdc5Kjq0_owwB4gxp2x6/view. Acesso em: 01 ago. 2023.
- BELLAGUARDA, Flávia. **Para que justiça climática?: Grupo de trabalho de justiça climática**. 1ª edição. Brasil: The Climate Reality Project Brasil, 2022.
- BENEDITO, Samiles Vasconcelos Cruz. **Guia prático em educomunicação socioambiental**. Apoio Institucional Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE Campus Acaraú. 2019
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/924/147>. Acesso em 01 ago. 2023.
- BRANDÃO, Carlos R.; BORGES, Maristela C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 51-62, 2008. DOI: 10.14393/REP-2007-19988. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 01 ago. 2023.
- BRITO, Marcela Cristiane Ribeiro. **Educomunicação socioambiental - narrativas da periferia**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Mestrado acadêmico em Ensino, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso/IFMT, Cuiabá, 2021. Arquivo em PDF.
- CITELLI, A. O.; SOARES, I. de O.; LOPES, M. I. V. de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>. Acesso em: 01 ago. 2023.
- FERREIRA, Carlos Roberto. **Oikos Quilombola: arte-educacao-ambiental e a poética do pau a pique**. 2020. 212 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1f6wTqpsIEPz92D5FVYLLtc7gvOeQ2QxY/view>. Acesso em: 01 ago. 2023.
- FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?. C-Legenda** - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, n. 5, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>. Acesso em: 01 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 57ª.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 58ª. Ed. rev e atual. - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014.

G1 MT. **Crise hídrica:** governo estadual decreta situação de emergência em município de MT, 07/08/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/08/07/crise-hidrica-governo-estadual-decreta-situacao-de-emergencia-em-municipio-de-mt.html>. Acesso em: 28 set. 2024.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. **Revista trimestral de Debate da FASE.** Proposta nº 113. 2007. Disponível em: <https://sindacs.org.br/novo/wp-content/uploads/2018/06/Paulo-Freire-e-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular..pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

LUIZ, Thiago C.; SATO, Michèle. Educomunicação socioambiental no quilombo Mata Cavallo: narrativas e resistências de uma comunidade tradicional mato-grossense. **Comunicação & Educação**, ano. 27, n. 1, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/181851/184043>. Acesso em 02 mar. 2023.

LUIZ, Thiago Cury. **Fenomenologia transmidiática:** cartografando o clima em Mata Cavallo. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1yBF6sti7Bc3bQ0_e8MF0cpRZsxaeUWHR/view. Acesso em 01 ago. 2023.

MAPBIOMAS. **A cada ano, Brasil queima área maior que a Inglaterra** (s/d). Disponível em <https://mapbiomas.org/a-cada-ano-brasil-queima-area-maior-que-a-inglesa>. Acesso em: 01 ago. 2023.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 18, p. 51-61, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 01 ago. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 258-354.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Conceitos de Educação Ambiental** (s/d). Disponível em <https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educ%C3%A7%C3%A3o-ambiental.html>. Acesso em 01 ago. 2023.

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO. **Panorama dos territórios** (s/d). Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/panorama-dos-territorios/mato-grosso#territorio-select>. Acesso em: 01 ago. 2023.

OLSEN, Natasha. Em 30 anos, Pantanal perdeu 29% de superfície de água (2021). Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/planeta/meio-ambiente/em-30-anos-pantanal-perdeu-29-de-superficie-de-agua/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PALMA, Sonia. **Cartografia do Imaginário: a dimensão poética e fenomenológica da educação ambiental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2011. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B6U4jqohKGqgckE4SVZ2bzV2UEE/view?resourcekey=0-sAGl_K7y2MyyO7Dj7m9Q9A. Acesso em 01 ago. 2023.

PEREIRA, F. da C.; FOSSÁ, I. Pedagogias de Paulo Freire: educando para a cidadania com protagonismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 29-42, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v26i2p29-42. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/186628>. Acesso em: 1 ago. 2023.

PERUZZO, C. M. K.; BASSI, I. G. .; SILVA JUNIOR, C. H. F. . Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 33-48, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i2p33-48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/192916>. Acesso em: 01 ago. 2023.

MapBiomias. **Mapeamento da superfície de água no Brasil** (s/d). Disponível em: <https://mapbiomas.org/superficie-de-agua-no-brasil-reduz-15-desde-o-inicio-dos-anos-90>. Acesso em: 01 ago. 2023.

NAKAGAWA, Marcus Hyonai. **101 dias com ações mais sustentáveis para mudar o mundo**. 1ª ed., 3ª reimpressão - São Paulo : Labrador, 2018.

QEdu. **EE Tereza Conceição de Arruda** (s/d). Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/51168804-ee-tereza-conceicao-de-arruda>. Acesso em: 01 ago. 2023.

RAMMÊ, Rogério Santos. A política da justiça climática: conjugando riscos, vulnerabilidades e injustiças decorrentes das mudanças climáticas. **Revista de Direito Ambiental**, v. 65, p. 367, 2012. Disponível em: <https://institutopiracema.com.br/wp-content/uploads/2021/05/A-POLITICA-DA-JUSTICA-CLIMATICA-Rogério-RDA-2012.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

ROBINSON, Mary. **Justiça climática: esperança, resiliência e a luta por um futuro sustentável**. Tradução: Leo Gonçalves e Clóvis Marques. 1ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em Educação Ambiental. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática** - vol. 9, nº 16, jan.-jun.-2001 e nº 17, jul.-dez - 2001, p. 24-35. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1600/1361>. Acesso em: 01 ago. 2023.

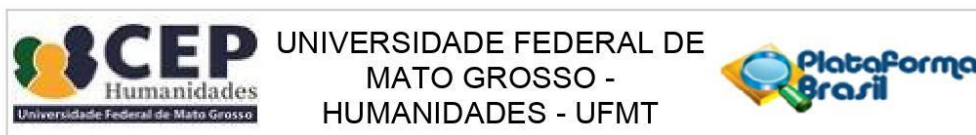
SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto (2006)**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/369456-Educomunicacao-o-que-e-isto.html>. Acesso em: 01 ago. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. 3.ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 230p.

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia; FERRARO JÚNIOR, Luiz A. Educação ambiental como política pública. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 285-299, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27977/29755>. Acesso em: 01 ago. 2023.

ANEXOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educomunicação socioambiental freiriana: o enfrentamento da emergência climática no Quilombo Mata Cavalo

Pesquisador: SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69088823.6.0000.5690

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso/ UFMT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.170.975

Apresentação do Projeto:

Segundo a pesquisadora:

"Resumo:

Este estudo visa demonstrar a potência do paradigma educacional para externar a percepção e o entendimento de docentes e estudantes a respeito da emergência climática. A concepção metodológica da pesquisa está calcada na Cartografia do Imaginário, cujos procedimentos usados para a consecução dos objetivos tem base na pesquisa-ação. Em específico, proponho o desenvolvimento de processos formativos no âmbito da Educação Ambiental e produção midiática com o corpo discente e docente, tendo como intuito sensibilizar a comunidade escolar e o público do entorno na adoção de práticas sustentáveis, como, também, a produção de materiais educacionais a partir desta sensibilização. Por fim, do ponto de vista procedimental, farei entrevistas em profundidade.

Metodologia Proposta:

No que se refere aos participantes desta pesquisa, espera-se que, discentes e estudantes atuem de maneira colaborativa em prol da pesquisa. Os mesmos serão contatos com o intermediário do comitê gestor da instituição escolar, sendo estes, a direção e a coordenação, que intermediarão a realização de uma reunião entre os discentes para que sejam convidados a participar da pesquisa, como também, uma reunião na qual os pais dos

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367

Bairro: BOA ESPERANCA

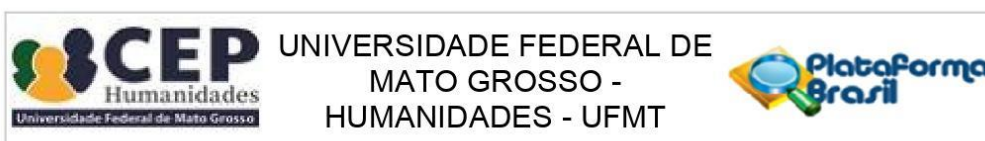
CEP: 78.060-900

UF: MT

Município: CUIABA

Telefone: (65)3615-8935

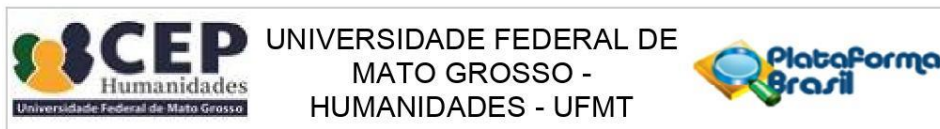
E-mail: cephumanidades.propeq@ufmt.br



Continuação do Parecer: 6.170.975

estudantes serão convidados para que a pesquisa seja apresentada e assim, possam conhecer os benefícios e riscos e ponderar se autorizam a participação dos estudantes. Nesta ocasião, será entregue aos responsáveis o documento consentimento livre e esclarecido para formalizar a autorização da participação dos estudantes na pesquisa. A participação na pesquisa é voluntária, tanto para discentes quanto para estudantes, sendo que, tal participação não ocorrerá em horário de aula. Ou seja, o discente ou estudante que estudam ou trabalham no período matutino, participarão da pesquisa no período vespertino. Iremos realizar a intervenção no período vespertino e somente os estudantes do período matutino participam. Desta forma, a participação na referida pesquisa não infringirá a rotina escolar e de trabalho dos participantes. Ou seja, só estarão lá aqueles que desejam participar e que foram autorizados pelos seus responsáveis. Os participantes serão selecionados de modo aleatório e voluntário até o limite de participantes para esta pesquisa que prevê 30 (trinta) participantes. A participação nesta pesquisa prevê as seguintes premissas: participação das oficinas promovidas pela pesquisadora, elaboração de produto educacional previsto na oficina e concessão de entrevista em profundidade conduzida pela pesquisadora para coleta de informações detalhadas sobre a experiência do participante da pesquisa. A oficina consiste em promover um espaço colaborativo de troca de saberes acerca dos seguintes temas: Educação Ambiental e Produção Midiática. Essas oficinas acontecerão no espaço escolar. Desta forma, a pesquisadora irá apresentar aos participantes, em formato de roda de conversa, dados e informações relacionadas ao tema de mudanças climáticas e educação ambiental, sob a ótica de como essas mudanças climáticas podem interferir no dia-a-dia futuro do quilombo. O mesmo formato será utilizado para a oficina de produção midiática, contudo, nesta Como proposta da oficina, será encorajada a entrega de produtos educacionais oriundos dos aprendizados adquiridos sobre emergência climática no ambiente escolar. Logo, será motivado que docentes e estudantes produzam materiais midiáticos, podendo estes ser: fotos, vídeos, áudios ou textos que evidenciem as práticas de sustentabilidade que a escola já adotou, adota ou poderia adotar em prol de minimizar os efeitos da emergência climática. Ou seja, o conceito de educação prevê que a partir do conhecimento adquirido os participantes deste processo de formação colaborativa e construtiva desenvolva como resultado de seus aprendizados algum conteúdo midiático que materialize o seu aprendizado. Contudo, enquanto pesquisadora gostaria de em um processo colaborativo e coletivo decidir junto com os participantes da pesquisa, durante a oficina, por qual mídia eles gostariam de se expressar, sendo que, serão ofertadas as seguintes opções: fotos, vídeos, áudios ou textos. Sobre a devolutiva institucional, ao final da pesquisa,

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: BOA ESPERANCA **CEP:** 78.060-900
UF: MT **Município:** CUIABA
Telefone: (65)3615-8935 **E-mail:** cephumanidades.propeq@ufmt.br



Continuação do Parecer: 6.170.975

pretendemos realizar uma reunião com os participantes da pesquisa com a finalidade de apresentar os resultados obtidos com a pesquisa para os participantes. Como também, será elaborado um relatório técnico para a instituição, e ainda, haverá a entrega de uma cópia da dissertação para ser disponibilizada na biblioteca da escola.

Metodologia de Análise de Dados:

Depois de realizadas as oficinas e a elaboração dos produtos educacionais, a etapa final da pesquisa empírica é juntar e cruzar as observações, os diários de campo e as entrevistas. Elas procurarão levar informações de duas naturezas: [1] na visão de estudantes, como as injustiças climáticas se manifestam em Mata Cavalos; e [2] de que forma as produções educacionais serviram como lente de aumento dessas mazelas. As perguntas serão abertas e o roteiro, semiestruturado, permitindo que as respostas tenham profundidade e a entrevista possa ser conduzida pelos depoimentos, e não pelas questões. Nessa etapa do trabalho, o nosso objetivo será pesquisar estudantes da escola que tenham participado das oficinas e, conseqüentemente, produzido conteúdo educacional. Como a pesquisa tem como pano de fundo a fenomenologia, nós não nos apegamos à definição quantitativa de entrevistados(as). Partimos do princípio de que nem todas as pessoas participantes serão inquiridas, mas o número exato de entrevistados(as) só será definido após as oficinas, sabendo a quantidade média de participantes, sem a pretensão de universalizar o resultado. Para registro, o número de participantes não ultrapassará a marca de 30."

Objetivo da Pesquisa:

Segundo a pesquisadora:

Objetivo Primário:

Valorizar o entendimento da comunidade escolar sobre a emergência climática por meio de produção comunicacional genuína.

Objetivo Secundário:

Impulsionar as práticas de educação ambiental nas escolas; Desenvolver ações de educação ambiental que contribuam para o fomento das discussões sobre a emergência climática;"

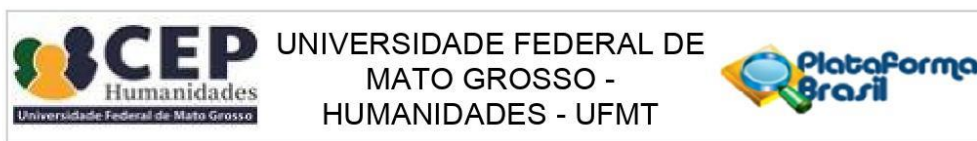
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora:

Riscos:

A PESQUISA EM QUESTÃO APRESENTA RISCO MÍNIMO AOS PARTICIPANTES, UMA VEZ QUE A

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: BOA ESPERANCA **CEP:** 78.060-900
UF: MT **Município:** CUIABA
Telefone: (65)3615-8935 **E-mail:** cephumanidades.propeq@ufmt.br



Continuação do Parecer: 6.170.975

INTERVENÇÃO DO NOSSO ESTUDO NÃO MODIFICARÁ A ROTINA DA ESCOLA E, TAMPOUCO, A DINÂMICA DOS(AS) ESTUDANTES NO AMBIENTE ESCOLAR E NO PRÓPRIO QUILOMBO, NÃO CAUSANDO DANOS MAIORES DO QUE OS EXISTENTES NA VIDA COTIDIANA.

Benefícios:

São perceptíveis alguns efeitos relacionados ao fenômeno da emergência climática, provocados principalmente pela ação humana sobre o meio ambiente. Segundo dados publicados em 2020 da Organização Mundial de Saúde (OMS), a umidade relativa do ar ideal está entre 50 e 80%, quando estão abaixo de 30%, já podemos sentir os efeitos no bem-estar, como tonturas e desconfortos. Sendo assim, um dos benefícios desta pesquisa é a divulgação da pauta emergência climática para a comunidade quilombola contribuindo para o fomento das discussões sobre a emergência climática neste território. Como benefício direto, a pesquisa, por meio da vivência com os estudantes da Escola Estadual Professora Tereza Conceição Arruda, dará visibilidade aos problemas e virtudes ambientais do Quilombo Mata Cavalo, pois, a partir das produções educacionais será possível que estudantes e professores protagonizem as pautas abordadas nos materiais educacionais, como também, evidenciem pautas locais importantes para a comunidade, como por exemplo, elementos da cultura local. Outro tópico que vale a pena salientar é que, a partir das oficinas em comunicação professores e estudantes poderão desenvolver maior criticidade em relação a meios de comunicação e informações, mitigando assim a propagação de fake News. Quanto ao benefício indireto, o estudo fomenta a discussão, no meio acadêmico, sobre população em situação de vulnerabilidade, quilombolas e mudanças climáticas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa de mestrado do PPGCOM da UFMT.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

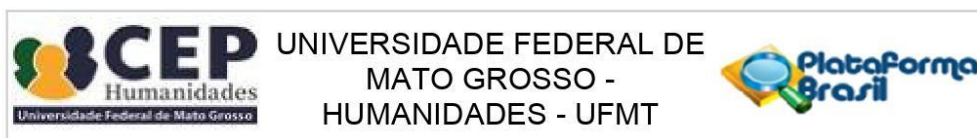
Nesta terceira versão, foram apensados os seguintes documentos:

- Formulário de Informações Básicas (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2119147.pdf)
- Formas de registro de consentimento (MODELO_REGISTRO_CONSENTIMENTO_2.pdf e CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO_2.pdf)
- Anuência institucional (TERMO_ANUENCIA_2.pdf)
- Carta resposta (Carta_resposta_CEP_2.pdf)

Recomendações:

Recomenda-se que, na versão final da forma de registro de Consentimento Livre e Esclarecido para responsáveis por menores de idade, conste o nome do menor.

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: BOA ESPERANCA **CEP:** 78.060-900
UF: MT **Município:** CUIABA
Telefone: (65)3615-8935 **E-mail:** cephumanidades.propeq@ufmt.br



Continuação do Parecer: 6.170.975

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências e solicitações listadas no parecer anterior foram atendidas. Propõem-se a aprovação do projeto de pesquisa em relação a análise ética.

Considerações Finais a critério do CEP:

Considerando as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS, e, uma vez que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: **Aprovado**.

Conforme as Resoluções 466/12 e 510/2016, é atribuição do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente a pesquisa. Ressaltamos as seguintes atribuições da pesquisadora: Desenvolver o projeto conforme delineado; Elaborar e apresentar os relatórios semestrais (parciais) e final até 60 dias após o seu término (como notificação); Apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto. Justificar fundamentadamente, perante o CEP, qualquer modificação (emenda) ou interrupção do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2119147.pdf	24/06/2023 15:22:09		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_ANUENCIA_2.pdf	24/06/2023 15:20:44	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Outros	Carta_resposta_CEP_2.pdf	24/06/2023 15:18:58	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_6046323.pdf	24/06/2023 15:18:42	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_6102491.pdf	24/06/2023 15:18:30	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	MODELO_REGISTRO_CONSENTIMENTO_2.pdf	24/06/2023 15:18:00	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367

Bairro: BOA ESPERANCA

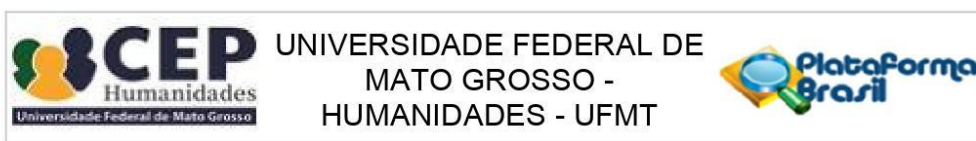
CEP: 78.060-900

UF: MT

Município: CUIABA

Telefone: (65)3615-8935

E-mail: cephumanidades.propeq@ufmt.br



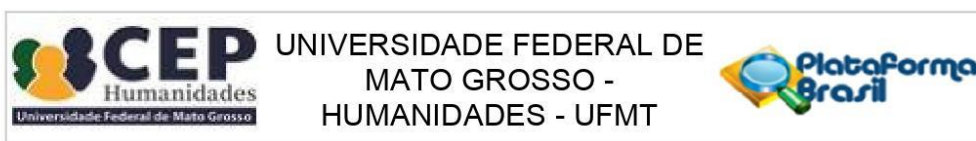
Continuação do Parecer: 6.170.975

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO_2.pdf	24/06/2023 15:17:42	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Outros	Modelo_do_instrumento_de_coleta_de_dados.pdf	24/05/2023 22:02:24	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ASSENTIMENTO.pdf	24/05/2023 22:02:03	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.pdf	24/05/2023 22:00:52	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Modelo_Registro_Consentimento.pdf	24/05/2023 22:00:38	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Parecer Anterior	Carta_resposta.pdf	24/05/2023 22:00:25	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PESQUISA_.pdf	24/05/2023 21:59:57	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoinstitutional.pdf	26/04/2023 06:50:01	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisa.pdf	26/04/2023 06:46:49	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Brochura Pesquisa	ROTEIRODAENTREVISTA.pdf	13/04/2023 06:40:40	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_COMPROMISSO_PESQUISADORassinado.pdf	13/04/2023 06:39:14	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODEASSENTIMENTO.pdf	13/04/2023 06:34:28	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO.pdf	13/04/2023 06:34:15	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	13/04/2023 06:31:53	SARA ESPIRITO SANTO DE PAULA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: BOA ESPERANCA **CEP:** 78.060-900
UF: MT **Município:** CUIABA
Telefone: (65)3615-8935 **E-mail:** cephumanidades.propeq@ufmt.br



Continuação do Parecer: 6.170.975

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CUIABA, 09 de Julho de 2023

Assinado por:
Rosangela Ribeiro
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: BOA ESPERANCA **CEP:** 78.060-900
UF: MT **Município:** CUIABA
Telefone: (65)3615-8935 **E-mail:** cephumanidades.propeq@ufmt.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Para os responsáveis pelos participantes menores de 18 anos)

Prezado(a) Senhor(a),

Esta pesquisa é sobre **Educomunicação socioambiental freiriana: o enfrentamento da emergência climática no Quilombo Mata Cavalo** e está sendo desenvolvida pela acadêmica Sara Espírito Santo de Paula e pelo professor Thiago Cury Luiz, do Programa de Pós-Graduação, *scrito sensu*, em Nível de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Cuiabá, sob a orientação do Professor Doutor Thiago Cury Luiz. Esta pesquisa está registrada na CONEP pelo seguinte Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE nº 69088823.6.0000.5690)

Os objetivos do estudo são, de forma geral, **valorizar o entendimento da comunidade escolar sobre a emergência climática por meio de produção comunicacional genuína**. Especificamente, este estudo pretende: impulsionar as práticas de educomunicação ambiental nas escolas; desenvolver ações de educomunicação ambiental que contribuam para o fomento das discussões sobre a emergência climática; promover a educomunicação ambiental como fator potencializador para que as escolas adotem práticas sustentáveis; verificar o lastro da educação popular nas dinâmicas que envolvem temáticas transversais, como o meio ambiente.

Solicitamos a sua colaboração para autorizar o/a estudante pelo qual o senhor/a é responsável a participar das oficinas formativas sobre educação ambiental e produção midiática, produzir conteúdos comunicacionais como resultado da participação nas oficinas citadas acima, e conceder entrevista em profundidade, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. **Informamos que essa pesquisa é anônima e você poderá desistir de responder aos questionamentos a qualquer momento**. Os dados da pesquisa, bem como sua resposta, mesmo que não identificado(a) o(a) entrevistado(a) serão guardados por um período de 5 (cinco) anos.

Como benefício direto, a pesquisa, por meio da vivência com os estudantes Da Escola Estadual Professora Tereza Conceição Arruda, dará visibilidade aos problemas e virtudes ambientais do Quilombo Mata Cavalo, pois, a partir das produções educacionais será possível que estudantes e professores protagonizem as pautas abordadas nos materiais educacionais, como também,

evidenciem pautas locais importantes para a comunidade, como por exemplo, elementos da cultura local. Outro tópico que vale a pena salientar é que, a partir das oficinas em produção midiática, professores e estudantes poderão desenvolver maior criticidade em relação a meios de comunicação e informações, mitigando assim a propagação de fake news. Quanto ao benefício indireto, o estudo fomenta a discussão, no meio acadêmico, sobre população em situação de vulnerabilidade, quilombolas e mudanças climáticas.

Quanto aos riscos, a pesquisa em questão apresenta risco mínimo aos participantes, uma vez que a intervenção do nosso estudo não modificará a rotina da escola e, tampouco, a dinâmica dos(as) estudantes no ambiente escolar e no próprio quilombo, não causando danos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Esclarecemos que a participação do (a) estudante neste estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Esclarecemos também que, possíveis custos provenientes da participação na pesquisa (tais como transporte e/ou alimentação) serão arcados pela pesquisadora. Como também, caso autorize o estudante participar desta pesquisa, iremos proporcionar acompanhamento e assistência, integral e gratuita ao participante durante, após e/ou em caso de interrupção da pesquisa.

Se no transcorrer da pesquisa você constatar que ela não está sendo realizada da forma como consta neste consentimento ou se sentir prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/Humanidades/UFMT. Coordenadora: Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro. Endereço: andar térreo – sala 102 – Instituto De Educação – Universidade Federal De Mato Grosso. E-mail: cephumanidades.propeq@ufmt.br whatsapp: (65) 98122 1192. Horário de funcionamento: das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

Sara Espírito Santo de Paula

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será a participação do (a) estudante pelo qual sou responsável, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento, assinado e rubricado. O mesmo documento encontra-se em duas vias, de igual teor, assinadas e rubricadas.

Nossa Senhora do Livramento – MT, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) participante

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de mais informações sobre o presente estudo, favor ligar para a mestrandia responsável Sara Espírito Santo de Paula, telefone: (65) 9-9256-0346, ou pelo e-mail: saraespsanto@gmail.com

MODELO REGISTRO CONSENTIMENTO
(Para os participantes maiores de 18 anos)

Prezado(a) Senhor(a),

Esta pesquisa é sobre **Educomunicação socioambiental freiriana: o enfrentamento da emergência climática no Quilombo Mata Cavalo** e está sendo desenvolvida pela acadêmica Sara Espírito Santo de Paula e pelo professor Thiago Cury Luiz, do Programa de Pós-Graduação, *scrito sensu*, em Nível de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Cuiabá, sob a orientação do Professor Doutor Thiago Cury Luiz. Esta pesquisa está registrada na CONEP pelo seguinte Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE nº 69088823.6.0000.5690)

Os objetivos do estudo são, de forma geral, **valorizar o entendimento da comunidade escolar sobre a emergência climática por meio de produção comunicacional genuína**. Especificamente, este estudo pretende: impulsionar as práticas de educomunicação ambiental nas escolas; desenvolver ações de educomunicação ambiental que contribuam para o fomento das discussões sobre a emergência climática; promover a educomunicação ambiental como fator potencializador para que as escolas adotem práticas sustentáveis; verificar o lastro da educação popular nas dinâmicas que envolvem temáticas transversais, como o meio ambiente.

Solicitamos a sua autorização para que participe das oficinas formativas sobre educação ambiental e produção midiática, produza conteúdos comunicacionais como resultado da participação nas oficinas citadas acima, e conceda entrevista em profundidade, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa é anônima e você poderá desistir de responder aos questionamentos a qualquer momento. Os dados da pesquisa, bem como sua resposta, mesmo que não identificado(a) o(a) entrevistado(a) serão guardados por um período de 5 (cinco) anos.

Como benefício direto, a pesquisa, por meio da vivência com os estudantes da Escola Estadual Professora Tereza Conceição Arruda, dará visibilidade aos problemas e virtudes ambientais do Quilombo Mata Cavalo, pois, a partir das produções educacionais será possível que estudantes e professores protagonizem as pautas abordadas nos materiais educacionais, como também, evidenciem pautas locais importantes para a comunidade, como por exemplo,

elementos da cultura local. Outro tópico que vale a pena salientar é que, a partir das oficinas em produção midiática, professores e estudantes poderão desenvolver maior criticidade em relação a meios de comunicação e informações, mitigando assim a propagação de fake news. Quanto ao benefício indireto, o estudo fomenta a discussão, no meio acadêmico, sobre população em situação de vulnerabilidade, quilombolas e mudanças climáticas.

Quanto aos riscos, a pesquisa em questão apresenta risco mínimo aos participantes, uma vez que a intervenção do nosso estudo não modificará a rotina da escola e, tampouco, a dinâmica dos(as) estudantes no ambiente escolar e no próprio quilombo, não causando danos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Esclarecemos que a sua participação neste estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Esclarecemos também que, possíveis custos provenientes da participação na pesquisa (tais como transporte e/ou alimentação) serão arcados pela pesquisadora. Como também, caso aceite participar desta pesquisa, iremos proporcionar acompanhamento e assistência, integral e gratuita a você durante, após e/ou em caso de interrupção da pesquisa.

Se no transcorrer da pesquisa você constatar que ela não está sendo realizada da forma como consta neste consentimento ou se sentir prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/Humanidades/UFMT. Coordenadora: Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro. Endereço: andar térreo – sala 102 – Instituto De Educação – Universidade Federal De Mato Grosso. E-mail: cephumanidades.propeq@ufmt.br Whatsapp: (65) 98122 1192. Horário de funcionamento: das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

Sara Espírito Santo de Paula

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será a minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento, assinado e rubricado. O mesmo documento encontra-se em duas vias, de igual teor, assinadas e rubricadas.

Nossa Senhora do Livramento – MT, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) participante

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de mais informações sobre o presente estudo, favor ligar para a mestranda responsável Sara Espírito Santo de Paula, telefone: (65) 9-9256-0346, ou pelo e-mail: saraespsanto@gmail.com

TERMO DE ASSENTIMENTO

(Menores de 18 anos)

Olá, você aceita participar das oficinas de comunicação e educação ambiental?

SIM

NÃO

Olá de novo! Você me autoriza a publicar nas redes sociais os materiais que você produzir durante as oficinas?

SIM

NÃO

Olá mais uma vez! Depois que nós realizarmos as oficinas e as produções de comunicação, posso te entrevistar?

SIM

NÃO

Depois de muitas perguntas, deixa eu me apresentar, meu nome é Sara Espírito Santo de Paula e sou estudante do mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso, a UFMT. A minha pesquisa se chama Educomunicação socioambiental freiriana: o enfrentamento da emergência climática no Quilombo Mata Cavalo e o professor que me ajuda neste trabalho se chama Thiago Cury Luiz. Um nome bem grande que também tem um propósito tão grande tanto, que é valorizar o entendimento da comunidade escolar sobre a emergência climática por meio das produções de comunicação.

O que isso significa? Significa que nós também pretendemos trabalhar juntos com vocês para que juntos possamos conversar bastante sobre a sustentabilidade e as produções de comunicação para que assim possamos aprender mais sobre como as mudanças do clima atingem aqui o quilombo e o mundo inteiro.

Dessa forma, já quero desde já te convidar a prestar bastante atenção nas Oficinas de Educação Ambiental e Produção Midiática porque no final juntos nós iremos decidir um formato de comunicação para expressar o nosso aprendizado, podendo ser: Fotos, vídeos ou textos. Quero aproveitar para te contar que esta pesquisa está registrada na CONEP pelo seguinte nº do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE nº 69088823.6.0000.5690).

Esperamos que a sua participação nesta pesquisa seja bem legal e que você não se preocupe com nada, por isso, todos os custos relacionados a nossa participação nesta pesquisa serão pagos pela sara. e, fique à vontade pois durante e depois da pesquisa você poderá contar com o nosso apoio.

Se durante a pesquisa você perceber que ela não está sendo realizada da forma como está escrita neste consentimento ou se sentir prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/HUMANIDADES/UFMT. Lá você poderá falar com a coordenadora: Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro. Endereço: Andar Térreo – Sala 102 – Instituto De Educação – Universidade Federal De Mato Grosso. E-Mail: Cephumanidades.Propeq@Ufmt.Br Whatsapp: (65) 98122 1192. Horário de funcionamento: das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

Este trabalho é importante pois, diante do processo de mudanças no clima, é importante entender como essas alterações afetam o Quilombo Mata Cavalo e de que forma os quilombolas resistem a isso. Este trabalho apresenta risco mínimo aos participantes, uma vez que a intervenção do nosso estudo não modificará a rotina da escola e nem a dinâmica dos(as) estudantes no ambiente escolar e no próprio quilombo, não causando danos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Se você tiver qualquer dúvida, o meu Whatsapp é (65) 9-9256-0346 e e-mail é: saraespsanto@gmail.com e eu moro no seguinte endereço: Rua das Tulipas, quadra 20, casa 07, bairro Jardim dos Estados, Várzea Grande – MT CEP 78.158-402.

É importante deixar claro que você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim achar melhor, sem qualquer tipo de prejuízo. Temos duas cópias deste documento, e as duas serão assinadas pelo(a) participante e pelo pesquisador, ficando uma cópia para você e uma para mim.

Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do (a) participante da pesquisa: _____

Oficina de Meio Ambiente

13/09/2023 – Quilombo Mata Cavallo – MT

ROTEIRO DA OFICINA DE MEIO AMBIENTE

- Entrega e assinatura dos termos de participação;

1ª ETAPA

- Apresentação de algumas manchetes sobre a crise climática;
- Abrir para discussão em sala, para que os estudantes participem e digam o que acham sobre as manchetes;
- Apresentação dos conceitos relacionados a crise climática com os slides
 - Emergência climática;
 - Justiça climática;
- Apresentação do vídeo
- **DINÂMICA – 1ª etapa (individual) eixo: História, Natureza e Memória:**
Caracterização dos 04 elementos entre passado, presente e futuro. Ou seja, o estudante deverá descrever no post it como eram as coisas quando ele era criança, como está agora e como ele gostaria que estivessem no futuro.

2ª ETAPA

- Apresentação do vídeo do filme O Menino que Descobriu o vento para ilustrar sobre o racismo ambiental;
- Abrir para discussão em sala, para que os estudantes participem e digam o que acharam do vídeo apresentado;
- Apresentação dos conceitos relacionados racismo ambiental com os slides
 - Racismo ambiental;
 - Comunicação x questão racial;

- Apresentação de vídeo de jovens influenciadores ambientais – Amanda Costa;
- Após apresentar o vídeo, abrir para discussão coletiva de qual seria o melhor formato para ser trabalhado no quilombo para a próxima oficina;

- **DINÂMICA – 2ª etapa (em duplas) eixo: Natureza:** Pontos positivos e negativos dos 04 elementos na atualidade.

- **DINÂMICA – 2ª etapa (em duplas) eixo: Cultura:** Caracterização dos elementos culturais do quilombo.

Oficina de Produção de Vídeo

26/09/2023 – Quilombo Mata Cavallo – MT

ROTEIRO DA OFICINA DE PRODUÇÃO DE VÍDEO

1ª ETAPA – ANTES DO INTERVALO

- Explicar o que vamos fazer: Produção de Vídeo
- O que será feito;
- Sobre o que será feito.
- **EIXOS TEMÁTICOS ABORDADOS DA 1ª OFICINA: AMBIENTAL – HISTÓRICO – CULTURAL**
- Apresentar os slides sobre as possibilidades de vídeos, ângulos, movimentos de câmera e edições;

REGRAS

- Pelo menos uma pessoa do grupo filmando a si próprio irá responder às perguntas do eixo ambiental;

· **ATIVIDADE – 1ª etapa (em grupos de 04 a 05 pessoas) eixo: HISTÓRIA: O vídeo deve responder a seguinte pergunta:**

- Quem são historicamente as pessoas mais lembradas do quilombo/escola? E porquê?

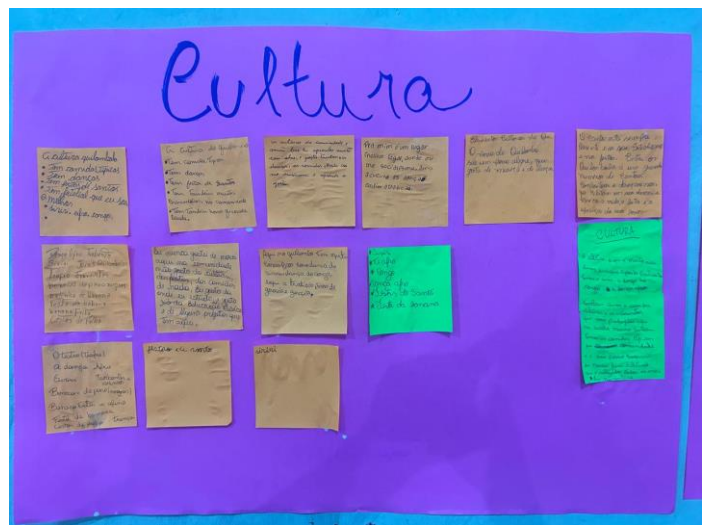
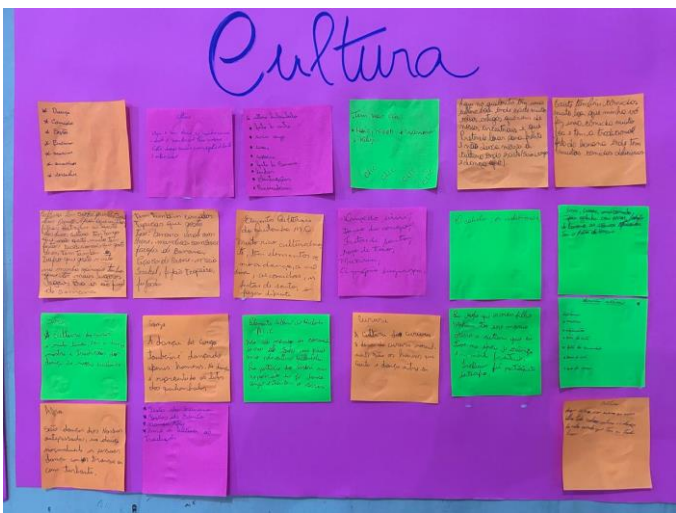
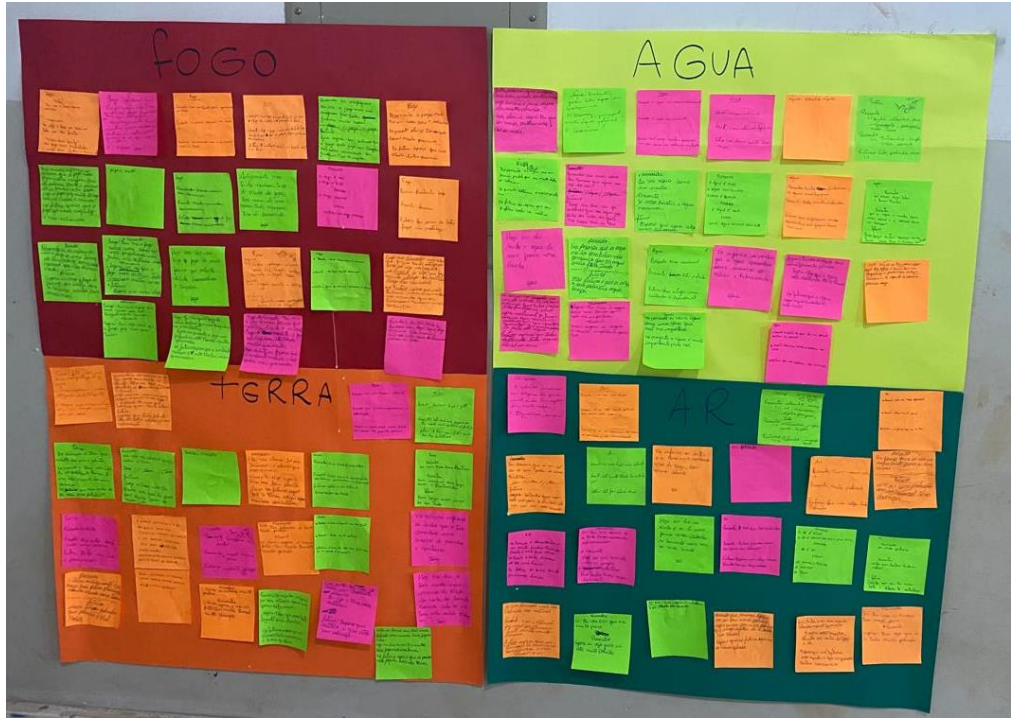
2ª ETAPA – APÓS O INTERVALO

· **ATIVIDADE – 2ª etapa (em grupos de 04 a 05 pessoas) eixo: AMBIENTAL: O vídeo deve responder às seguintes perguntas:**

- Quanto ao uso do rio: Você usa o rio? E porquê?
- Quais alimentos são mais cultivados na horta da escola?
- Quais são as dificuldades de morar e/ou estudar no quilombo?
- Quais são os aspectos positivos e negativos da relação do fogo com o meio ambiente?

· **ATIVIDADE – 1ª etapa (em grupos de 04 a 05 pessoas) eixo: CULTURA: Filmar os objetos da Casa da Cultura explicando o significado.**

IMAGENS DAS OFICINAS





**QR CODE - LINK DOS VÍDEOS PRODUZIDOS NAS OFICINAS DE PRODUÇÃO
DE VÍDEO**

[https://www.youtube.com
/playlist?list...](https://www.youtube.com/playlist?list...)

